

Apresentação da Obra de

Paulo Henrique de Figueiredo

REVOLUÇÃO ESPÍRITA



Trabalho preparatório
para a **leitura completa dos seus livros:**

REVOLUÇÃO ESPÍRITA – a teoria esquecida de Allan Kardec
MESMER – a ciência negada do magnetismo animal

Edição: “[espiritismo cultura](#)”
José da Costa Brites / Maria da Conceição Brites

JUSTIFICAÇÃO DESTE TRABALHO	3
A revolução espírita	5
A teoria e a revolução	5
Para QUEM serve o espiritismo	6
O que é preciso para SER espírita?.....	7
A infância de Hippolyte Rivail ou Allan Kardec	8
O espiritismo propõe a religião natural.....	8
Espiritismo: nem sobrenatural, nem misticismo.....	9
A infância de Kardec: curiosidades	11
Rousseau, o “Newton” da mente	11
Maat, o símbolo egípcio da harmonia universal.....	12
Como participar da regeneração de nosso planeta.....	14
Os exilados (1): Será o fim do mundo?.....	15
Os exilados (2): a chegada dos espíritos de outro planeta	16
Os Exilados (3): preconceito ou ciência?.....	18
A revolucionária quase desconhecida moral espírita.....	21
Mulher, abandone a culpa e seja feliz!.....	23
Segundo Kardec, Espiritismo é ciência. Mas não é o que se pensa.....	25
Espiritismo é uma seita carregada de superstições?	26
Afinal, o que é o magnetismo animal?.....	28
Entrevista: programa Repensar da TV Mundo Maior.....	29
Para Kardec, o Espiritismo é mais prejudicado pelos adeptos que o compreendem mal do que pelos seus inimigos declarados!	30
Kardec e Herculano Pires alertam: para combater o Espiritismo de dentro basta cruzar os braços, sorrir amarelo e concordar para não contrariar.....	31
Conheça a inédita e surpreendente opinião de Allan Kardec sobre a homossexualidade!	34
Denúncia: arquivos e correspondências de Allan Kardec foram incinerados, prejudicando o resgate hi stórico do Espiritismo	39
Internet é passado! Saiba como será possível conversar pelo pensamento: o futuro da comunicação	41
Diferindo de todas as religiões tradicionais, o Espiritismo é a única proposta de AUTONOMIA MORAL	43
Que adianta torna-se espírita e temer o umbral, como se temia o inferno? Conheça a verdade	44
GUIA SEGURO PARA A VIDA APÓS A MORTE. Saiba como caminhar firmemente no mundo espiritual	46
Os terríveis castigos de Deus?.....	49
O que todo espírita que aprendeu o catecismo na infância precisa saber	52
Porque Deus não criou todos os espíritos perfeitos, para que o mal nunca existisse?	54
A recuperação espírita do verdadeiro cristianismo.....	57
Revolução Espírita TV 01: A revolução espírita pode resolver a crise da humanidade?.....	59
Revolução Espírita TV 02: A Infância de Allan Kardec.....	60
Um exame crítico de Revolução Espírita , por António Leite	60
Mesmer, a ciência negada – nova edição revista e ampliada	67
Comentário de Antonio Leite: “Mesmer, a Ciência Negada do Magnetismo Animal”, de Paulo Henrique de Figueiredo	69
A reviravolta de Hermínio Miranda sobre Mesmer	70
A extraordinária descoberta de Franz Anton Mesmer	73
Para o espiritismo não existe carma nem causa e efeito. Conheça a moral dos espíritos superiores	75
Kardec afirma: “Magnetismo animal e Espiritismo são duas ciências gêmeas”. Saiba por quê.....	79
A explicação inédita e inovadora do livre arbítrio ensinada pelos espíritos superiores	80
O que é preciso saber sobre o mundo espiritual, antes de chegar lá. E saiba — você vai. Incluindo: “Confissões de um morto”	82
A verdadeira lei que rege a nossa vida!	84
Extinção do homo sapiens? Catástrofes? A visão espírita do fim do mundo	87
Primeiro livro espírita brasileiro, em 1865, denuncia a corrupção dos políticos: “darei a quem mais me der!” Atualíssimo ..	89
O Espiritismo não tem filiação, não é confraria, nem associação. É o que afirmou Kardec.	92

JUSTIFICAÇÃO DESTE TRABALHO

A REVOLUÇÃO ESPÍRITA é o título de um livro que recebemos do Brasil, que começámos a ler com entusiasmo no momento em que nos demos conta da importância da sua mensagem, das reflexões e das propostas construtivas que consigo transporta.

Como é sabido de muitos e muitos milhares de referências Históricas, a REVOLUÇÃO FRANCESA, assim escrita, com maiúsculas, representa – com as inerências dolorosas de todos os grandes dramas da História da Humanidade, e estamos a pensar, nada mais nada menos que no sacrifício do cidadão Jesus de Nazaré – um ponto absolutamente essencial na viragem dos tempos, das atitudes e das concepções das sociedades organizadas, pelo menos no hemisfério que habitamos.

A REVOLUÇÃO ESPÍRITA de Paulo Henrique de Figueiredo, evidencia à partida o lúcido reconhecimento das realidades que estiveram na base do maior levantamento político-social e ideológico que sacudiu a Europa, ao fim de muitos séculos de abominável dogmatismo, intolerância, desigualdades e inenarráveis violências institucionais, quase sempre “sacralizadas”.

Intelectualmente pode abarcar a antiguidade e a seriedade das mesmas razões que fundamentaram a **Revolução Francesa**. Aglutinando muitas outras referências, evoca o pensamento inspirador de **Jean-Jacques Rousseau** e ao seu desenvolvimento filosófico levado a cabo por **Immanuel Kant**.

Segue-se, no encadeado complexo de muitas razões e acontecimentos (estre elas o avanço científico proposto por **Franz Anton Mesmer**) a tarefa de metodização efetuada por **Allan Kardec** de conhecimentos excepcionais, embora radicados na antiguidade do Homem, e que o relacionam com a transcendência, a sua origem e o seu destino.

A REVOLUÇÃO ESPÍRITA que Paulo Henrique de Figueiredo nos apresenta possui, porém, potencial transformador muito mais vasto, pode dizer-se, **universal**, porque reside na **consciência**; procede pelo **raciocínio**, pelo sentido de **liberdade** e pelo mais absoluto respeito pela **paz** e pela **elevação moral**.

Uma **Revolução** faz pensar na outra. Não são iguais nem parecidas, nem nas suas motivações fundamentais, nem nos processos utilizados e muito menos nos objetivos alcançáveis.

Uma faz pensar na outra porque ambas permanecem difícilíssimas de concretizar, e porque oferecem a perspectiva de mudanças radicais. Mas a **Revolução Espírita**, no âmbito e na projeção dos seus objetivos é muitíssimo mais vasta, profunda e intemporal.

O desenvolvimento da sociedade humana é de uma complexidade trágica. Mas é o único caminho inevitável e indispensável, porque vai ordenando lentamente as vontades e as atitudes individuais e coletivas em direção ao grande e necessário **Progresso**.

Haja a coragem para estudá-las a ambas, na íntegra seriedade das suas causas e consequências.

Quanto à que chamaremos nossa, a **Revolução Espírita**, a ser conduzida em PAZ, progresso intelectual e elevação moral será certamente – neste Terceiro Milénio – a grande – a SUPERIOR transformação de toda a HUMANIDADE!...

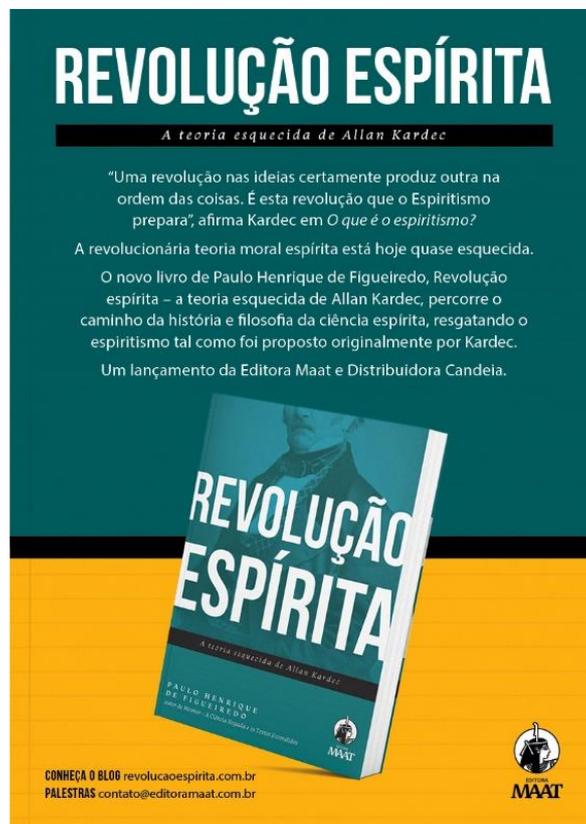
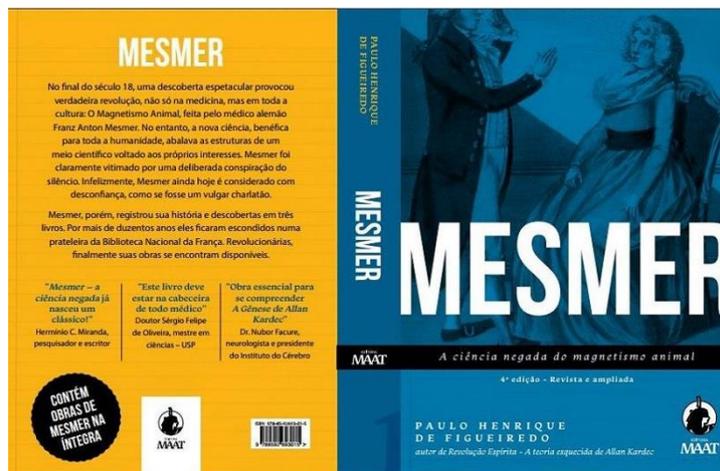
José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites

Setembro de 2017 / [“espiritismo cultura”](#)

Este trabalho, feito **no próprio interesse de pesquisa de dois portugueses, seguidores e divulgadores da mensagem de Paulo Henrique de Figueiredo**, apresenta a **leitura integral e cuidadosa**, com mínimas intervenções, especialmente destinadas aos leitores de Portugal, de todos os artigos publicados, de 12 de Junho de 2016 a 28 de Setembro de 2017

Por **Paulo Henrique de Figueiredo** na sua página pessoal:

<http://revolucaoespirta.com.br/>



A revolução espírita

Paulo Henrique de Figueiredo 12/06/2016 / [REVOLUÇÃO ESPÍRITA](#)

Uma revolução nas ideias procura certamente produzir outra na ordem das coisas. É esta revolução que o Espiritismo prepara”, afirmou Allan Kardec. O que teria entusiasmado um intelectual francês do século XIX a reconhecer na teoria espírita o potencial de transformar o mundo?

No entanto, esse entusiasmo não corresponde ao que hoje se divulga. Sejam opositores ou simpatizantes, adeptos ou divulgadores, **todos desconhecem o verdadeiro espiritismo.**

A revolução espírita está esquecida.

Depois de décadas de pesquisa em fontes primárias, documentos inéditos; consultando obras, documentos, jornais, revistas e folhetos do século XIX; além das bases digitais de bibliotecas de todo o mundo, **chegou a hora de resgatar a doutrina espírita original.**

Com o potencial de superar definitivamente as enfermidades morais que arrasam a humanidade, o espiritismo tal como foi proposto por Allan Kardec é a solução definitiva para a crise moral da humanidade.

A teoria e a revolução

Paulo Henrique de Figueiredo 13/06/2016 / [REVOLUÇÃO ESPÍRITA](#)

Pretendemos demonstrar na obra **Revolução Espírita** – a teoria esquecida de Allan Kardec que a doutrina dos espíritos defende e fundamenta uma revolucionária moralidade descoberta na era moderna, a **AUTONOMIA MORAL** ou o **autogoverno**. Durante milênios, as religiões tradicionais e seu clero sustentaram a moral como sinónimo de submissão a um deus que castiga e condena por toda a eternidade aqueles que ousam enfrentar suas ordens, perdoando e deixando todas as recompensas aos obedientes e submissos, quando chegasse o fim do mundo. **Essa é a tese da HETERONOMIA.**

Todavia, afirma o **ESPIRITISMO**, a transformação do nosso mundo, superando o domínio do mal e abrindo nova era para a humanidade, não se dará por uma intervenção divina, **mas pela adesão voluntária e consciente de cada ser humano.**

A **AUTONOMIA** estará estabelecida quando os indivíduos se reconhecerem **LIVRES E RESPONSÁVEIS**, agindo de forma solidária ao seguir a lei presente em sua **CONSCIÊNCIA**, e não obedecendo aos outros homens.

Essa mudança de paradigma representa aquela modificação na disposição moral capaz de regenerar a humanidade, como previu Kardec.

Surgida na época em que os dogmas caíam no descrédito, **a teoria espírita é moderna, progressista, liberal, adequada para extinguir os equívocos do velho mundo**, de tal forma que:

“...não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz dessa renovação uma necessidade.” (Revista Espírita, Outubro de 1866, “Os tempos estão chegados”)

Assim, a regeneração da humanidade ocorrerá progressivamente, pela consciencialização do homem novo.

Deste modo, a vocação revolucionária do espiritismo está nessa mudança de paradigma quanto ao princípio moral. **No entanto, o entusiasmo de Kardec não corresponde ao que hoje se divulga como sendo sua doutrina.**

Como bem viu o filósofo **Herculano Pires em “Curso Dinâmico de Espiritismo”**, o espiritismo tem sido considerado como uma

“seita comum, carregada de superstições. Muitos o veem como uma tentativa de sistematização de credences populares, onde todos os absurdos podem ser encontrados”,

concluindo que, “na verdade os seus próprios adeptos não o conhecem (...). O espiritismo, nascido ontem, nos meados do século passado, é hoje o grande desconhecido dos que o aprovam e o louvam e dos que o atacam e o criticam”.

Sejam opositores ou simpatizantes, adeptos ou divulgadores, todos desconhecem o verdadeiro espiritismo. A teoria revolucionária dos espíritos está esquecida.

Para QUEM serve o espiritismo

Paulo Henrique de Figueiredo 13/06/2016 / MORAL E RELIGIÃO

A teoria moral espírita original, que se fundamenta no conceito de AUTONOMIA MORAL, **não é um conjunto de regras para ser seguido como crença cega.**

A grande maioria das igrejas e seus cleros pregam a obediência e submissão como condição para aquele que deseja ser salvo.

O ESPIRITISMO, por sua vez, afirma que, para que se possam aproveitar os ensinamentos dos espíritos é preciso ter um entendimento perfeito das suas ideias.

Segundo Allan Kardec,

“**A fé cega já não é deste século**, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: **o raciocínio e o livre-arbítrio**. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida.”

O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XIX, número 7

“Fé inabalável só o é a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Revista Espírita, Abril de 1864 “Bibliografia”; Fevereiro de 1867 “As três filhas da Bíblia”

Ou seja, para ter uma fé racional é preciso compreender claramente o que se aceitará. É esse, portanto, o resultado ao qual conduz o espiritismo, ajudando na superação da incredulidade.

O que poderia fazer a teoria moral espírita para os religiosos que aceitam passivamente as determinações do clero?

É certo que ao exigir a reflexão, a autonomia moral é incompatível com os dogmas religiosos, sejam católicos, protestantes ou outros. Kardec propõe:

“Se temeis que o espiritismo perturbe vossa consciência, não vos ocupeis dele. Ele não se dirige senão àqueles que vêm a ele livremente, e que dele têm necessidade”.

(Revista Espírita 1867, Setembro; Caracteres da revelação espírita).

Kardec percebeu, assim, a enorme força que o espiritismo tem para servir aos incrédulos que não aceitam as religiões positivas em virtude de sua exigência de uma crença cega. Atualmente, muita gente que formou seu conhecimento a

partir da cultura materialista vigente, por mais que esteja cansado dessa negação do materialismo, não tem compatibilidade alguma com a exigência de fé cega das religiões. Ou seja, o espiritismo “não se dirige àqueles que têm uma fé qualquer e a quem essa fé basta, mas àqueles que não a têm ou que duvidam e lhes dá a crença que lhes falta”. A proposta espírita, quando conquistada pelo esforço racional de compreender as leis que regem o mundo moral, altera completamente toda concepção heterónoma de que devemos obedecer à lei de Deus para receber dele a recompensa, dando a cada um a responsabilidade de conduzir sua evolução espontaneamente, compreendendo as circunstâncias de sua vida, sem esperar nada em troca.

Dessa forma, a crença racional que o espiritismo dá não é “mais a do catolicismo do que a do protestantismo, do judaísmo ou do islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião” (Id.).

Essa base indispensável representa a religião natural, a união de todos os homens com o objetivo de estabelecer a harmonia social.

O que é preciso para SER espírita?

Paulo Henrique de Figueiredo 13/06/2016 / REVOLUÇÃO ESPÍRITA

Para ser espírita é preciso fazer parte de uma sociedade? Participar de reuniões periódicas? Ter-se formado em cursos de habilitação? Carregar um diploma? **Vamos ver que nada disso é necessário para ser espírita, como explicou Allan Kardec.**

Uma característica importante da AUTONOMIA MORAL, base fundamental da teoria espírita, como pretendemos demonstrar na obra **Revolução Espírita**, está no facto de que, por sua própria definição, deve ser adquirida por um esforço **racional** a partir de uma **iniciativa espontânea e desinteressada**.

Ao contrário, ninguém se torna **moralmente livre** se for **catequizado** ou **doutrinado**.

Também não é possível identificar um indivíduo AUTÓNOMO e responsável somente por seus atos (sem conhecer as intenções), por meio de um diploma ou insígnia, ou sua participação numa congregação ou confraria.

Mesmo a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, presidida por Kardec:

“...não é uma confraria nem uma congregação, mas uma simples reunião de pessoas que se ocupam do estudo de uma ciência nova, que ela aprofunda...”

Revista Espírita – Junho de 1863; Orçamento do Espiritismo ou exploração da credulidade humana

Quanto às relações entre a Sociedade de Paris e as outras sociedades com as quais se correspondia, havia a mais completa independência:

“...entre a Sociedade de Paris e as demais sociedades, mas é essencial que todo mundo o saiba, para evitar os equívocos a que as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Portanto, não é supérfluo repetir que os espíritas não formam entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as diversas sociedades não há nem solidariedade material nem filiação oculta ou ostensiva;”

Revista Espírita, Maio de 1864; Sociedade Espírita de Paris; Discurso de abertura do Sétimo ano social

O que faz um espírita, então? Segundo Kardec:

“quem partilha nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos espíritos, e das consequências morais que disso decorrem, é Espírita de facto”

Revista Espírita Julho de 1864, “Reclamação do Sr. Abade Barricand”

Por isso afirma que:

“as sociedades não são de nenhum modo uma condição necessária à existência do espiritismo”, e se

“elas se formam hoje, que cessem amanhã, sem que a sua marcha seja entravada no que quer que seja”, pois

“o espiritismo é uma questão de fé e de crença e não de associação”.

Revista Espírita, Julho de 1864, no mesmo artigo acima citado

Basta estar de acordo com os princípios fundamentais da doutrina espírita para ser espírita.

A infância de Hippolyte Rivail ou Allan Kardec

Paulo Henrique de Figueiredo 13/06/2016 / HISTÓRIA

O Jovem Rivail passou sua infância e juventude na casa de sua avó materna, Charlotte Bochard, na cidade francesa de **Bourg-en-Bresse**, no departamento de Ain.

Vinha de uma importante família, tendo sido o seu avô, o patriarca Benôit Marie Duhamel, “Préfet” (Prefeito, chefe de um Departamento em França) do Departamento de Ain, cargo equivalente ao de governador de estado.

A cidade de Bourg-en-Bresse, no decorrer dos séculos, era um destino de viagem muito apreciado pelos franceses, e foi frequentada por reis, nobres, também por Napoleão Bonaparte e muitas famílias de férias. Os “bressans”, como eram conhecidos seus moradores, tinham a fama de serem reservados, mas bastante recetivos e hospitaleiros, quando sua proximidade fosse conquistada.

A casa da família Duhamel era uma “maison de maître”, casa típica das famílias mais abastadas daquela época, como os profissionais liberais e a elite rural. As “maison de maître” eram construídas em três pavimentos. O primeiro abrigava as salas, cozinha, sala de jantar, áreas de serviços. No segundo andar localizava-se a área íntima, como quartos. Por fim, um sótão ocupava o terceiro pavimento. Sua fachada possuía três fileiras de janelas e uma grande porta de entrada que tinha acesso por uma pequena escadaria.

A “maison” onde viveu Rivail era bastante ampla. Havia um grande pátio, estábulos para animais, e em suas proximidades diversos terrenos serviam à produção agrícola. Ficava numa região mais afastada do centro urbano da cidade e os costumes eram típicos da vida que se leva hoje nos sítios e fazendas: tirar leite das vacas, produzir queijo, colher legumes e verduras na horta, dar comida aos animais.

As cercanias comportavam um ambiente bucólico e agradável, o que nos remete a uma infância rica de oportunidades de aprendizagem para aquele esperto e inteligente menino.

Em 1828, aos 24 anos, em seu livro: “Plano para melhoria da Educação Pública da França”, o jovem Rivail iria escrever sobre as condições ideais para a educação infantil:

“teria suposto este pequeno estabelecimento não em Paris, mas numa bela região, onde as satisfações da vida campestre seriam unidas às ocupações sérias”.

As aulas seriam

“de história natural no campo, de instruí-los em conversações, durante passeios. Teria aconselhado o educador fazer seus alunos viajarem, para estudarem, eles próprios, os costumes dos povos e visitar os lugares históricos”.

Ou seja, ao escrever essas palavras, o jovem professor Rivail estava certamente lembrando-se de episódios de sua própria infância.

O espiritismo propõe a religião natural

Paulo Henrique de Figueiredo 13/06/2016 / MORAL E RELIGIÃO

Vamos demonstrar na obra *Revolução Espírita* uma proximidade muito importante entre os pensamentos do filósofo alemão Kant e as reflexões espíritas de Allan Kardec.

Para Kant, que apresentou em sua obra “Que significa orientar-se pelo pensamento?” o conceito de autonomia moral, a convicção da existência de Deus, que é a base do pensamento religioso, ao contrário de que pensa o senso comum,

“só podem encontrar-se na razão; só dela derivam e não nos advêm nem por inspiração, nem ainda por uma notícia dada até pela autoridade máxima”.

Immanuel Kant, “Was heißt: sich im Denken orientieren?” (O que significa orientar-se pelo pensamento?) (1786)

O que cai aqui por terra, quando confrontada pela **razão unida com a fé**, não é o conceito de Religião, como pensavam os materialistas de sua época, mas todo interesse de qualquer autoridade humana em se pronunciar em seu nome da Religião.

Nenhuma escritura sagrada pode reivindicar a ambição de supremacia. Afastam-se da verdadeira religião todo devaneio, toda superstição, todo fanatismo.

A partir dessa forma de pensar a religiosidade, estamos diante de uma **moral racional**, fruto de uma **fé inabalável** e que só é possível onde houver **liberdade de pensamento**.

Neste ponto de sua obra, Kant vai definir como a **liberdade de pensamento** é fundamental para o estabelecimento da **religião natural**, ao permitir o exercício da **fé racional**:

- “A liberdade de pensar contrapõe-se, em primeiro lugar, à ‘coação civil’”.

Não sendo permitido falar, escrever e comunicar o que se pensa, não seria possível haver uma condição de comunicação entre todos e de expor publicamente os seus pensamentos.

- “Em segundo lugar, a liberdade de pensar toma-se também no sentido de que se opõe à ‘pressão sobre a consciência moral’”. Ou seja, a liberdade de pensamento está unida à liberdade religiosa, de tal forma que não haja a imposição de dogmas nem o policiamento de crença.

- “Em terceiro lugar, a liberdade de pensamento significa ainda que a razão ‘não se submete a nenhuma das outras leis’ a não ser àquelas que ela a si mesmo dá”. Todo homem deve agir considerando a lei moral como sendo universal, por sua própria vontade ou autonomia. Além disso, para que a religião natural se estabeleça como condição de uma sociedade ideal, a lei dos homens deve estar de acordo com a lei moral.

Fora desses princípios, a fé cairá inevitavelmente em seus dois limites opostos, de um lado na **superstição e fanatismo** e de outro extremo na **incredulidade e no materialismo**.

Num artigo da Revista Espírita, Allan Kardec vai concordar textualmente como a associação feita por Kant entre a liberdade de pensamento e a autonomia moral como fundamentos da religião natural, possibilitando finalmente uma união entre a fé e a razão almejada pela humanidade em busca de seu bem supremo, combatendo o fanatismo e a descrença:

Em sua concepção mais larga, o livre pensamento significa livre exame, liberdade de consciência, fé raciocinada. Ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; ele não quer mais nem escravos do pensamento nem do corpo, porque o que caracteriza o livre-pensador é que ele pensa por si mesmo e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo e inteligente, em vez de uma “*máquina de crer*.”

Revista Espírita– Fevereiro de 1867; “Livre pensamento e livre consciência”

O espiritismo propõe como consequência de sua teoria, o estabelecimento da **religião natural**, conquistada pelo conhecimento das **leis naturais que regem a moral**.

Por isso, oferece a todos, crentes e descrentes, adeptos de qualquer religião que desejem, para uma construção de uma comunidade ética universal, dando um novo rumo para os descaminhos do mundo de hoje.

Espiritismo: nem sobrenatural, nem misticismo

Paulo Henrique de Figueiredo 28/06/2016 / MORAL E RELIGIÃO

Não há o sobrenatural nem o misticismo no espiritismo proposto por Allan Kardec.

Em seu tempo, ele fez uso do **pensamento racional, próprio da ciência**, para elaborar a doutrina espírita a partir do ensinamento dos espíritos. Mas como encontrar conceitos fundamentais em meio a comunicações muitas vezes

contraditórias, exaltadas e algumas vezes fazendo uso de simbologias e analogias, como são as manifestações dos espíritos pelos médiuns?

A resposta está na “fé racional”, conceito que muita gente pensa ter sido criado por **Allan Kardec**, mas que tem sua história na filosofia, sendo proposta na obra de **Immanuel Kant**.

Para Kant, sem o uso da razão, os conceitos da metafísica tomam o caminho da superstição e do desvario. Segundo o filósofo alemão, a fé racional é necessária para definir os objetos independentes da observação empírica. A sua mais útil aplicação está na moral: Deus, a vida futura, a liberdade.

No espiritismo, de acordo com o método criado por Kardec, a fé racional e seus conceitos fundamentais são a medida que permite avaliar as hipóteses apresentadas pelos espíritos para explicar as consequências morais de sua doutrina, considerando-as válidas e possíveis ou rejeitando-as pelo critério do exame racional.

Por exemplo, os atributos de Deus devem ser respeitados em todos os campos do conhecimento, seja da ciência, filosofia ou religião. Qualquer opinião que contrarie os atributos divinos é falsa e deve ser descartada.

Nos ensinamentos dos espíritos nos quais haja definições de moral, para serem aceites, devem ser respeitados os princípios fundamentais da liberdade, autonomia e respeito pela lei.

Eles podem ter uma concepção de felicidade diferente de uma felicidade sensível e imediata.

O que é desejável estende-se ao que tem a felicidade como uma consequência de se agir de acordo com a razão pura, ou seja, **de se agir segundo a lei dada pela razão**.

O respeito pela lei da razão produz, naquele que age de acordo com ela, o sentimento de respeito por si mesmo. Nesse sistema do qual fazem parte a liberdade, a autonomia e o respeito pela lei, a felicidade é algo que pode ser alcançada por meio do encadeamento desses elementos.

Poderíamos pensar o seguinte: para um ser racional, a felicidade, como outras vivências do espírito, tem de fazer sentido e teria de ser merecida.

Daí a máxima kantiana “faz o que pode tornar-te digno de ser feliz”.

Como os factos descritos pelos espíritos não estão ao alcance de nossa observação, não há observação empírica necessária para que eles sejam, para nós, conhecimento. No entanto, para a elaboração da doutrina espírita, a ciência espírita dispõe de alguns métodos:

- * Universalização do ensino dos espíritos superiores (explicada por Kardec);
- * Coerência dos ensinamentos morais com os postulados da fé raciocinada (acima descrita);
- * Comparação racional das hipóteses da ciência dos espíritos com as teorias e hipóteses da ciência e cultura humanas (universalização da compreensão dos homens) – considerando sempre seu caráter progressivo. Uma teoria antes rejeitada pode vir a ser aceite, ou vice-versa. Por isso, esse diálogo entre as duas ciências é provisório, mutável e progressivo.

O que não estiver ao alcance do entendimento do homem deve ficar em suspenso, como simples opinião.

As hipóteses apresentadas pelos espíritos podem ser separadas em conceitos doutrinários, hipóteses ou opiniões em pesquisa e hipóteses ou opiniões falsas.

Dialogar com os espíritos é abrir as portas de um mundo amplo, complexo e diverso em seus discursos.

Há espíritos sábios, mas muitos ignorantes. Há espíritos esclarecedores e didáticos, mas existem os enganadores, mal intencionados, dissimulados, falsos profetas. Ocorre também aos espíritos terem boas intenções, interesse em ajudar e esclarecer, no entanto, seu conhecimento pode ser limitado e equivocado por falta de entendimento. E boa vontade não basta.

A ciência espírita requer que qualquer comunicação, não importa o nome que a assina e nem mesmo o médium que a tenha recebido – tudo, absolutamente tudo, deve ser questionado, confrontado com o conhecimento humano,

comparado com a teoria fundamental presente nas obras de Kardec e, se não houver concordância, deve ser deixado de lado.

Allan Kardec jamais deixou de alertar para essa cautela, por toda a extensão de sua obra.

A infância de Kardec: curiosidades

Paulo Henrique de Figueiredo 01/07/2016 / HISTÓRIA

Rivail, como afirmam as biografias tradicionais, nasceu em 1804 na cidade industrial de Lyon. Um ambiente urbano de cidade grande. E isso está correto, consta da certidão de nascimento.

No entanto, ele nasceu lá porque sua mãe fez seu parto nessa cidade para ter um acompanhamento médico adequado, numa casa de águas minerais artificiais com fins medicinais. Esse estabelecimento recebia franceses e estrangeiros que se hospedavam para tratamentos de coluna, problemas respiratórios, e também para gestações difíceis, que foi o caso de Jeanne, mãe de Hippolyte Rivail.

Depois de alguns meses, porém, a família Rivail voltou para sua cidade natal, Bourg-en-Bresse, no departamento de Ain, onde o menino passou sua infância e juventude, num ambiente campestre, rico em cultura e natureza. Na obra **Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec** relatamos em detalhes essa história. Mas há um facto curioso sobre o tradicional povo rural dessa região, os bressans.

Os bressans possuem uma rica tradição, dialeto próprio, arquitetura, móveis, hábitos, vestuário, cancionero e muito mais. Ainda hoje as folclóricas “festas bressans”, preservam e relembram os costumes.

Os trajes típicos utilizados pelas mulheres e crianças relembram o que a mãe, a avó e as demais mulheres trajavam.

Nos dias festivos em Bourg, é habitual a presença de flores, chalés bordados e um típico arranjo nos cabelos. Nesses dias especiais, o menino Rivail se vestiria como as outras crianças, com seus tamancos de bico, chapéu preto, gravata e casaquinho típico. A melhor roupa.

Não são conhecidos retratos de Rivail enquanto criança. Mas se existissem, veríamos o menino com sua roupa do dia-a-dia dos jovens bressans: o tradicional gorro (utilizado também pelos homens), a bata escura e o tamanco. Tudo pensado em refrescar, ventilar e aliviar os efeitos do quente e abafado clima da região.

Rousseau, o “Newton” da mente

Paulo Henrique de Figueiredo 06/07/2016 / MORAL E RELIGIÃO

Kant estudava a metafísica como todos de seu tempo, conjecturando ideias sobre como as coisas foram criadas por Deus e muitas outras coisas fora do alcance dos nossos sentidos, e que, por isso, podemos chamar de dogmática.

Ele dava aulas na universidade sobre isso e escrevia textos, como *A História Universal da Natureza e Teoria do Céu – que publicou anonimamente!...* (“Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels”) de 1755, ano em que obteve o título de doutor.

Em sua carreira como professor titular de filosofia chegou a ocupar o cargo de reitor por duas vezes na universidade.

Com 46 anos, em 1770, uma nova fase se estabeleceu em suas pesquisas, conhecido como PERÍODO CRÍTICO.

Foi quando percebeu que os debates acadêmicos sobre a metafísica não teriam progresso no futuro, por um facto muito simples. Como poderíamos discutir as hipóteses sobre os atos de criação de Deus, por exemplo, se não há pessoa alguma que tenha observado um fenómeno que poderia confirmar ou negar determinada ideia? Não só nas questões acadêmicas, como também nas metafísicas tradicionais das religiões positivas.

Por exemplo, na época, se perguntava como podemos saber se Deus criou os planetas ou se eles existem desde sempre? Ninguém estava lá nesse início para dizer como ocorreu!

Fazendo um parêntese, podemos pensar hoje que a ciência tem meios indiretos de observação para elaborar complexas teorias, adequadas para explicar o surgimento do universo. Sabemos que ele teve um início e uma formação progressiva das partículas, estrelas, átomos e tudo o mais.

Na época, isso parecia impossível de confirmar. No entanto, mesmo hoje não sabemos se nosso universo é único, ou se havia outros antes deste ter iniciado! Os físicos podem pensar sobre isso, mas não há indício anterior a este universo que permita fazer uma afirmação, seja negativa ou positiva.

Esta história da formação intelectual de Kant é muito interessante, e está bem relatada em centenas de livros, inclusive em nossa obra **Revolução Espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec**.

Interessa-nos aqui, porém, o que ele estudou sobre **a questão moral**.

As conclusões do filósofo sobre este tema tiveram grande influência da sua leitura arrebatadora da obra de ROUSSEAU, em especial O EMÍLIO. **Esse encontro formidável foi fundamental para abrir caminho ao Espiritismo, que surgiria no século seguinte.**

Segundo Kant, a revolução no campo da moral provocada pelo filósofo genebrino se compara ao ocorrido nas ciências com as descobertas de Newton:

Em primeiro lugar, **Newton** viu ordem e regularidade ligadas com grande simplicidade onde, anteriormente, só se concebia desordem e diversidade mal combinadas. Por exemplo, os estudos de Newton revelaram que os astros percorrem órbitas rigorosamente geométricas.

Em primeiro lugar, **Rousseau** descobriu em meio à diversidade das supostas figuras humanas a natureza oculta no fundo dos homens e a lei escondida segundo a qual a Providência se justifica pelas suas observações.

(Immanuel Kant's Sämtliche Werke, vol. VIII, p.630).

KANT foi quem melhor compreendeu a profundidade do pensamento de ROUSSEAU, percebendo em suas ideias uma revolução nas ideias morais e religiosas.

Quando a LEI UNIVERSAL está presente em nossa CONSCIÊNCIA, não devemos obedecer a Deus, temendo castigos e desejando recompensa, seguindo leis externas.

Em verdade, temos um sentido, um senso moral, que desenvolvemos pela razão, que orienta as escolhas de nossa vontade livre, para que nossa ação seja sempre a melhor possível, para o maior número de pessoas.

A LEI NATURAL que rege a moral não é externa, está presente na CONSCIÊNCIA de cada ser, como definiu **Rousseau** em **O Emílio**:

CONSCIÊNCIA! Juiz infalível do Bem e do Mal, que tornas o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações.

Seguir uma lei externa imposta por Deus foi o que ensinaram as religiões, submetendo as multidões por milhares de anos.

KANT e ROUSSEAU revolucionaram as ideias ao apresentar o conceito de AUTONOMIA MORAL, máxima fundamental da doutrina espírita, como ensinariam os espíritos superiores a Kardec e à comunidade dos primeiros pesquisadores espíritas!

Retomar esta teoria esquecida nas obras de Allan Kardec é um passo fundamental para que esta doutrina libertadora esteja presente nestes momentos de transformação da humanidade!

Maat, o símbolo egípcio da harmonia universal

Paulo Henrique de Figueiredo 08/07/2016 / HISTÓRIA

O lançamento de **Revolução Espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec** inaugura o selo **Editora Maat**. Muita gente tem perguntado sobre o significado dessa palavra, Maat, e porque ela foi escolhida para dar nome à editora.



Na cultura do antigo Egito, **Maat é a deusa da harmonia universal**, representada pela pena de avestruz ou por uma deusa ornamentada com ela, como está retratada no logotipo da Editora, na figura acima.

Responsável pela ordem cósmica e social; conceitua a ética, a verdade e a justiça.

Os egípcios, há mais de 4 ou 5 mil anos, já adotavam a ideia de que **TODO O UNIVERSO É REGIDO POR UMA SÓ LEI**.

Tanto o mundo físico quanto o moral. Os dois, inclusive, estavam relacionados. Para eles, haviam ciclos naturais que regiam os fenômenos da natureza. Os sacerdotes estudavam e registavam suas descobertas.

Eles conheciam os movimentos regulares dos astros, as durações de meses e anos, os ciclos naturais do tempo, as fases do clima. O povo do Egito dependia das inundações que causavam a fertilidade do solo, e conheciam minuciosamente esses fenômenos para produzir a abundância de alimentos.

Maat é a pena com a qual se pesa na balança o coração, na cena egípcia do julgamento da alma após a morte.

O coração era o símbolo da alma que sobrevive após a morte, com sua personalidade, moral e conhecimentos conquistados durante a vida. O julgamento após a morte é uma representação da tomada de consciência que se deve fazer depois da morte, deparando-se com o quanto progredimos na compreensão da lei universal, vida após vida.

Um dos mais importantes conceitos da antiguidade, **Maat representa harmonia universal**, lei única que rege tanto o mundo físico quanto o moral.

É claro que muitos sacerdotes abusavam de seu conhecimento e habilidade para dominar as multidões. Eles faziam previsões, usavam a mediunidade e o sonambulismo, tudo para demonstrar poderes mágicos e superiores, como se fossem escolhidos dos Deuses.

Com o tempo, essas ideias ancestrais, com o mundo moderno, influenciaram aqueles que buscavam compreender a natureza. Homens como Kepler, Galileu e Newton, leitores dos textos antigos, conheciam esse conceito da sabedoria antiga, que atravessou milênios e os inspirou a buscar na natureza uma regularidade, uma harmonia universal responsável por regular os fenômenos. A busca dessas leis universais válidas para todo o cosmo deu início à ciência moderna.

As obras que darão início ao acervo da **Editora Maat** tratam do magnetismo animal de **Franz Anton Mesmer** e de **Allan Kardec**, e o espiritismo.

Para o médico Mesmer, a harmonia universal está representada em nosso organismo pelo estado de equilíbrio ou saúde, tendo ele descoberto sua restauração pela terapia do magnetismo animal.

Para a doutrina espírita, apresentada por Allan Kardec, **“a ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente, é uma das leis, uma das forças da natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração”** (Obras póstumas).

Desse modo, o **mundo moral** é regido por **leis naturais**, e a futura harmonia da humanidade terrena, solidária e feliz, um facto inevitável.

O nome Maat é uma homenagem à milenar busca da humanidade pela compreensão da lei criada por Deus para, em todos os tempos, dirigir a evolução dos universos, dos mundos, das espécies, e dos espíritos.

Estes são primeiramente regidos pelos instintos e paixões, mas depois evoluem pela mais ampla liberdade, autônomos, participantes voluntários e competentes na manutenção da harmonia universal, fonte de toda a solidariedade, cooperação e felicidade que permeia a comunidade universal!

Paulo Henrique de Figueiredo 11/07/2016 / MORAL E RELIGIÃO

A formação de Rivail, futuramente Allan Kardec, foi no ambiente rural de sua família, em Saint Denis de Bourg, um vilarejo junto à cidade de Bourg-en-Bresse, capital do departamento de Ain. Ali viveu numa bela e grande propriedade, de sua avó CHARLOTTE e sua mãe JEANNE, ambas viúvas. Quando rapaz, sua mãe o levou para a Suíça, no castelo onde Pestalozzi recebia alunos pagantes, e outros cuja família não tinha condições de custear sua educação e estudavam de graça em Yverdon.

O método de PESTALOZZI, inspirado nas ideias de ROUSSEAU, valorizava a autonomia dos jovens, que compreendiam as coisas pelo esforço nascido da curiosidade ao lidar diretamente com os objetos de seus estudos, fossem os rios, as montanhas, as plantas, insetos, animais, o clima, os hábitos, os fenômenos físicos, químicos e tudo mais.

No ambiente artificial das grandes cidades, com seus prédios, calçadas, ruas tomadas de charretes e carruagens, metidos em seus quartos escuros e húmidos, as crianças do século XIX, fechados nas salas de aula, longe da natureza, recebiam uma formação que poderíamos chamar de adestramento.

Um professor ditando as frases, com sua palmatória na mão, pronto a repreender qualquer iniciativa, demonstração de emoção ou questionamento de suas palavras.

O dever maior era a obediência, o decorar, a submissão. Era o que esperam obter os professores, durante séculos orientados pelos religiosos, como os jesuítas.

Na sua cidade natal, porém, Rivail podia correr os campos de trigo, pular os córregos que moviam as pás dos moinhos, convivia com a riqueza de pássaros, pequenos animais da florida Bourg. Aprendia ao cavoucar a terra, colecionar pedras, observar as borboletas, acompanhar os pássaros em seu dia a dia.

Tempos depois, agora professor e diretor de escola em Paris, Rivail, ao lembrar-se desses velhos tempos, relata:

“Vede as crianças a quem foram dadas desde cedo ideias sobre história, história natural, física, química: estátuas, quadros, plantas, animais, os fenômenos de que são testemunha, uma simples pedra, tudo lhes interessa. Sua atenção está desperta e, por suas perguntas, provam o quanto se pode tirar partido de sua inteligência, quando se sabe lidar com ela convenientemente”

(RIVAIL, H. L. D. Discurso pronunciado na Distribuição de prêmios de 14 de Agosto de 1834)

Pestalozzi recebia os jovens que tinham liberdade de aprender com entusiasmo e iniciativa, ao produzir conhecimento com o uso da razão, vivenciando esse processo de forma alegre, participativa, independente.

Essa formação de Rivail foi fundamental para que ele compreendesse tanto o método quanto a teoria dos espíritos superiores quando da elaboração da doutrina espírita.

Os espíritos não fizeram o trabalho dos homens. Incitavam a manifestação de espíritos que despertavam a curiosidade e o interesse sobre os fenômenos espirituais. Kardec e os demais pesquisadores debatiam, questionavam, investigavam os factos. Surgiam hipóteses diversas, ouviam as opiniões diversas. Somente quando estavam preparados para compreender as razões e explicações dos espíritos superiores, só então, é que eles transmitiam seus ensinamentos por meio do diálogo. Desse modo, o método de elaboração da doutrina espírita respeitava e promovia a autonomia intelectual.

Por outro lado, os espíritos revelaram que a lei que rege as relações sociais dos espíritos no mundo espiritual está baseada na liberdade, e, tendo presente na consciência a lei de Deus, todos nós devemos desenvolver nossa moral de forma autônoma. Seguimos as leis que compreendemos, na medida de nossa evolução, adquirindo progressivamente o livre-arbítrio.

Esses novos ensinamentos da doutrina espírita superam os milenares dogmas de que Deus age castigando e recompensando as almas, para submetê-las a regras que ninguém compreende a razão. Essa visão heterônoma de Deus é falsa, criada pelos homens para submeter as multidões aos seus interesses mesquinhos de poder e privilégios.

Como demonstramos em Revolução Espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec, a **autonomia moral** é o ponto de viragem do velho para o novo mundo. A autonomia intelecto-moral deve ser a base de conduta das relações sociais na família, na escola, no trabalho, no governo, na assistência social.

Essa é a teoria esquecida.

Sua retomada colocará o espiritismo como vanguarda da transformação moral da humanidade, revolução nas ideias e em todas as coisas, representando a regeneração da humanidade pela liberdade!

Os exilados (1): Será o fim do mundo?

Paulo Henrique de Figueiredo 14/07/2016 / CIÊNCIA ESPÍRITA

A humanidade está progredindo? O mundo vai acabar num grande colapso? Os sociólogos dizem ser impossível saber.

Um dos mais importantes valores da ciência está em se fazer previsões. O mais cotidiano é a previsão dos fenômenos do tempo. Equipamentos recentes preveem terremotos, erupções vulcânicas e outros desastres naturais com antecedência e precisão, permitindo a preservação de muitas vidas. Na natureza, muita coisa pode ser prevista, evolução genética, produção agrícola, resultados plásticos das operações estéticas, formação dos planetas e estrelas e muitos outros avanços tecnológicos.

As grandes conquistas da ciência têm em comum a observação dos fenômenos naturais e de seus processos evolutivos. Estudando as estrelas distantes, por exemplo, podemos ver uma nascendo, outra mudando de fase, outra explodindo, outra que explodiu e seus materiais se dispersam pelo espaço. Estudando diferentes estrelas, os cientistas podem construir um modelo que represente, em sequência, nascimento, vida e morte estelares.

Em todas as áreas, a observação atenta e minuciosa é o método fundamental.

Todavia, dizem os pensadores, a nossa humanidade, sendo única, não há meios de comparação ou observações disponíveis para que se considere uma evolução, menos ainda permitam prever como será o seu futuro.

Fica reconhecida a limitação do homem em tornar a humanidade objeto de estudo científico com essa profundidade.

Além disso, historicamente, inúmeras tentativas foram frustrantes. Como a de Marx, que previa um esgotamento do capitalismo, uma revolta geral do proletariado, que tomaria com uma última revolução o poder dos burgueses, instalando o comunismo no mundo. Nada disso ocorreu, e o marxismo tem sido considerado uma pseudociência. Tentaram prever o futuro também outros pensadores como Comte, Fourier, entre outros. Por mais boa vontade que tiveram, todos fracassaram.

No entanto, foi uma grata surpresa a chegada do Espiritismo, pela pesquisa de Allan Kardec. Na teoria dos espíritos, há uma descrição bastante minuciosa da evolução dos mundos, permitindo prever o futuro da humanidade! Será possível?

Não se trata de nada sobrenatural ou de profecia dogmática, coisas que ocorreram desde a antiguidade. Não, o Espiritismo diverge de tudo isso.

O procedimento dos espíritos que ensinaram Kardec é moderno e surpreendente: eles, para elaborar sua teoria, fizeram ciência!

Isso mesmo, no mundo espiritual, os espíritos superiores fazem uso de seus meios de observação para pesquisar, elaborar modelos, testar sua eficácia, compreendendo as leis que descrevem os padrões que se repetem nas humanidades que habitam os planetas de todo o universo.

Como eles fazem isso? Os espíritos superiores adquiriram as habilidades inerentes ao corpo espiritual, ou perispírito, para percorrer os espaços, adequar sua vibração para observar a vida nos diversos mundos, e comparar o processo evolutivo dos mais primitivos até aos mundos felizes.

Com esses estudos, eles conseguem prever que as humanidades realizam a sua evolução desde primitivos, passando pela evolução tecnológica que já vivemos, mas depois conquistam uma evolução moral, por meio da autonomia intelectual e moral que as elevam a um novo patamar de relacionamento, onde prevalece a cooperação e o auxílio mútuo. Nesse momento, o planeta abandona a violência, os egoísmos, orgulhos, privilégios, conquistando um ambiente

de segurança, felicidade e esperança. Esse é o destino da humanidade, segundo a teoria dos espíritos, que conhecem o que ocorre na diversidade dos mundos habitados.

Você pode conferir em *Revolução Espírita* – a teoria esquecida de Allan Kardec, onde relatamos todo esse processo científico dos espíritos, além de descrever como a sua teoria pode nos ajudar a conhecer os passos necessários para participarmos e colaborarmos com esse destino feliz.

Nas vidas futuras, depois desse trabalho de regeneração da humanidade, seremos nós mesmos a usufruir deste planeta renovado! E os materialistas, e aqueles que acreditam em catastróficas ideias do fim do mundo, diante dos factos, compreenderão o equívoco de suas ideias. E então, também serão bem-vindos! Bastará serem solidários.

Retomaremos os desdobramentos desse assunto em futuros posts. Inclusive a explicação de colocarmos no título: exilados, lá em cima. Acompanhe!

Os exilados (2): a chegada dos espíritos de outro planeta

Paulo Henrique de Figueiredo 15/07/2016 / CIÊNCIA ESPÍRITA

Os espíritos superiores estudaram, elaboraram modelos e compreenderam as leis que regem a evolução dos mundos habitados. Estudando os orbes em diferentes estágios, chegaram ao seguinte esquema simplificado, para nosso entendimento:

Primeira fase: mundo primitivo.

Segunda fase: mundo de expiações e provas.

Terceira fase: mundo de regeneração.

Quarta fase: mundo feliz.

Esse processo evolutivo dos mundos está explicado em nossa obra *Revolução Espírita*, cuja leitura sugerimos, mas aqui vamos dar um desenvolvimento diferente, quanto a essa lei natural.

O **mundo primitivo** foi o que ocorreu em nosso planeta durante o aparecimento do homem, pela evolução dos **hominídeos**, a família da ordem dos **primatas** que deu origem à única espécie que sobreviveu atualmente, a nossa: **homo sapiens sapiens**.

Não é correto dizer que evoluímos dos macacos, pois eles formam outra família de espécies.

Os **hominídeos** incluíam os extintos neandertais, australopitecos e também a nossa.

Há cerca de **setenta milhões de anos**, quando surgiram os **primatas**, seguiram caminhos evolutivos diferentes os **hominídeos** e os **pongídeos**, que inclui as espécies atuais como gorilas, chimpanzés, orangotangos e os gibões.

A principal diferença dos **hominídeos** foi a postura ereta, a locomoção pelos dois pés no solo, diferente dos **pongídeos** que se deslocavam com a ajuda dos braços. Depois foram surgindo comportamentos próprios como a confecção de instrumentos, como as lascas de pedra, vasilhas, e também a linguagem verbal.

Há um milhão de anos, dominaram o fogo, fazendo suas fogueiras na caverna, mantendo-se aquecidos e cozinhando.

Em determinado momento desse processo evolutivo da espécie humana, na transição desde os animais, seus ancestrais, **começaram a encarnar os espíritos humanos**.

A diferença é que, enquanto a **alma dos animais** transmigra depois da morte para outro corpo, numa evolução sem noção de tempo, **a alma humana permanece consciente de si mesma, e passa a conhecer o mundo espiritual após a morte**.

Desde as suas primeiras vidas, **a alma humana** explora, aos poucos, o ambiente do planeta após a morte.

Inicialmente, dizem os espíritos, ficam próximos dos seus congêneres, ali na segurança da caverna. Só com muitas e muitas vidas é que vai despertando a **inteligência** e o **senso moral**, junto ao desenvolvimento do **livre-arbítrio**, a partir do qual passa a ser senhor de suas escolhas.

A moral, verdadeiramente, é uma conquista evolutiva. Quando o espírito nada sabe, ainda não compreende, age por instintos.

Esse impulso natural o guia adequadamente.

Aos poucos, vai adquirindo **CONSCIÊNCIA**, e então compreende o que deve ou não fazer.

O guia seguro dessas descobertas é a sua consciência. As leis de Deus estão nela gravadas. Está em si mesmo o guia seguro de seu desenvolvimento. **A verdadeira moral** se estabelece por um processo de AUTONOMIA.

Mas os desafios da vida primitiva são pesados e instintivos. Os primeiros humanos seguiam um modo de viver natural de sua espécie. Os avanços foram lentos.

Toda a população de almas que reencarnavam em nosso planeta estavam vivenciando essa experiência pela primeira vez, como explicam os espíritos em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” – Capítulo III, nº 14:

“As raças a que chamais **selvagens** são formadas de **Espíritos que apenas saíram da infância** e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação”

Um facto extraordinário, porém, estava por acontecer.

Enquanto em nosso planeta os homens primitivos dividiam as florestas, savanas e geleiras com os animais, caçando e colhendo frutos selvagens para se alimentar, se abrigando em cavernas, mudando de lugar assim que os recursos escasseavam, **um outro planeta distante, com afinidades com a nossa humanidade, encontrava-se numa fase muito mais avançada da sua evolução.**

Nesse outro planeta, seus habitantes já conheciam o progresso da tecnologia. Viviam o conforto de quem compreendeu as leis naturais para aplacar a fome, o frio, gerar abrigos seguros e tudo o que hoje boa parte de nós usufrui.

Mas a humanidade desse planeta já havia adquirido uma compreensão melhor dos valores morais, da solidariedade, da necessidade de oferecer condições iniciais da vida para todos os indivíduos, dando grande valor à igualdade e à liberdade.

Substituindo os privilégios pela oportunidade igual para todos, esse mundo efectuava uma salutar regeneração de seus habitantes. A grande maioria das pessoas, antes agindo de forma egoísta, compreenderam o valor da solidariedade, a segurança e o bem-estar que se conquista com ele, e abandonaram o pensamento fixo em si mesmo.

Uma parte desses indivíduos, no entanto, impregnados do egoísmo e orgulho, não queriam abrir mão do poder e dos privilégios.

Sua condição moral já não estava adequada a esse planeta, eles destoavam da maioria, estavam perdendo a oportunidade de continuar ali, não por castigo, mas em virtude da evolução natural das coisas.

Seguindo então, essas leis naturais, tornaram-se exilados desse planeta, passando a reencarnar em nosso mundo primitivo, a Terra há mais de dez mil anos passados.

Para eles, esse facto foi um marco terrível. De forma alguma recuaram evolutivamente, isso nunca acontece. Em verdade eles se tornaram incompatíveis com a fase evolutiva na qual a maioria de sua humanidade se empenhava e que merecia, e nada pode impedir esse destino planeado por Deus.

Os exilados representaram os espíritos em expiação em nosso planeta, e foram eles mesmos que deram início às primeiras civilizações da Terra. E é exatamente esse detalhe que escapa de quem estuda o espiritismo.

Apesar de nosso planeta estar atravessando uma fase de expiações e provas, **a grande maioria dos espíritos não estão nessa condição.**

“Não obstante, não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contacto de Espíritos mais avançados.

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Capítulo III, nº 14

A tarefa dos exilados seria ensinar as massas de almas primitivas da Terra. Continua a explicação dos espíritos:

Os Espíritos em expiação aí estão, se assim nos podemos exprimir, como estrangeiros. Já viveram em outros mundos, dos quais foram excluídos por sua obstinação no mal, que os tornava causa de perturbação para os bons. Foram relegados, por algum tempo, entre os Espíritos mais atrasados, tendo por missão fazê-los avançar, porque trazem uma inteligência desenvolvida e os germes dos conhecimentos adquiridos. É por isso que os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes, pois são estas também as que sofrem mais amargamente as misérias da vida, por possuírem maior sensibilidade e serem mais atingidas pelos atritos do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais obtuso.

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Capítulo III, nº 14

A missão dos exilados era a de libertar os povos primitivos, explicando que a lei que rege o mundo espiritual é a da autonomia intelecto-moral.

No entanto, eles, em virtude mesmo do egoísmo e orgulho que se revestiam, dominaram os povos que aqui encontraram, considerando-os submissos, e fazendo uso deles para favorecer seus desejos de poder e privilégio.

Mas essa é outra história. Vamos parando por aqui. Num próximo post dessa série “Exílio”, continuaremos. Até lá!

Os Exilados (3): preconceito ou ciência?

Paulo Henrique de Figueiredo 21/07/2016 / CIÊNCIA ESPÍRITA

No post anterior desta série “OS EXILADOS”, tratamos do que foi “A chegada dos espíritos de outro planeta”, uma narrativa baseada na teoria das emigrações e imigrações dos espíritos, entre a população encarnada de um mundo para outro, na imensidão do universo.

Trata-se de um ensino dos espíritos presente na doutrina espírita, por Allan Kardec:

Raça adâmica

38. – “De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de Espíritos, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando aí chegaram os europeus...”

KARDEC, Allan. “A Gênese”, Capítulo XI, número 38

Neste trecho de seu livro, Kardec faz uso do ensino dos espíritos para interpretar o surgimento das primeiras civilizações; além disso, busca uma explicação para compreender as diferenças entre os povos europeus e os considerados selvagens que habitavam a África, os índios das Américas, além dos povos orientais considerados atrasados.

Atualmente, esse assunto faz lembrar os conflitos étnicos, a indisposição dos países mais ricos com os imigrantes clandestinos, o desconforto do ocidente com o radicalismo de religiosos do oriente. Está nas manchetes dos jornais.

É preciso cuidado ao interpretar os textos das obras de Kardec que tratam deste tema, para não cair em extremos: a aceitação dogmática de uma interpretação literal, ou a recusa do tema considerando-o ultrapassado.

Realmente, **o uso da ideia de “raça”** está relacionado com a cultura da época, o século XIX, quando o livro foi publicado. Para a comunidade científica desse tempo, a espécie humana estaria dividida em raças distintas.

Os grupos fundamentais eram classificados, como o fez Lineu (Carl Von Linné, 1707-1778), em sua obra “Systema Naturae”, dividindo o **homo sapiens** em quatro raças: americano, asiático, europeu e africano. Isso qualifica uma parte do raciocínio utilizado por Kardec.

Há outro detalhe importante. **O tema dos exilados** está relacionado à tradição judaico-cristã na qual os espíritas franceses estavam inseridos, por isso a referência a Adão. Então temos duas tradições culturais, o **paradigma científico temporal** e a **influência da cultura religiosa**, os dois lidando com o surgimento do homem e da civilização.

Tudo isso precisando ser comparado com o que os espíritos estavam ensinando! Bastante complexo, não?

Não é tão fácil desenrolar esse novelo. Isso se deve ao facto de que o surgimento do Espiritismo como doutrina, a partir do diálogo entre os espíritos superiores e a comunidade de pesquisadores espíritas, foi um fenómeno localizado no espaço e no tempo. Não se trata de uma revelação profética, que poderia ser interpretada de forma teológica.

Esse diálogo ocorreu tendo por base a cultura da época. Para ensinar os homens, os espíritos partiram do que lhes era conhecido, para explicar o desconhecido. Tomando como base a cultura da época, a teoria dos espíritos pôde ser raciocinada pelos homens, compreendida, assimilada, e por fim escrita pela síntese elaborada por Allan Kardec. Esse foi o cenário do surgimento do Espiritismo.

Esse método de ensino dos espíritos para a elaboração da doutrina espírita teve a vantagem fundamental de que ela **não foi ditada simplesmente**, mas estabelecida pelo princípio do **livre pensamento, da fé raciocinada**.

Os ensinamentos foram aceites pela sua lógica, pela sua forte argumentação, pela ligação coerente entre seus conceitos básicos, estabelecendo, passo a passo um núcleo forte da doutrina espírita.

Por outro lado, há a importante questão dos textos conterem uma referência ao que era aceite na sociedade europeia do século 19, carregando em suas letras os acertos e também os equívocos dos paradigmas científicos aceites naquele momento histórico.

Por isso, a ressalva consciente de Kardec, quando disse que, na medida em que a ciência avançasse, o Espiritismo acompanharia essa evolução. A doutrina espírita é progressiva. No entanto, para que isso ocorra, a cada passo da cultura humana, o diálogo com os espíritos deve ser renovado. Adotando-se, isso é importante, os métodos fundamentais da ciência espírita, como a universalidade do ensino dos espíritos por meio da diversidade de médiuns e grupos de pesquisa. Tratamos desse assunto com pormenores em *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Kardec*, leitura que sugerimos.

Mas como a teoria espírita deixou de ser desenvolvida depois que o professor Rivail se foi, a doutrina espírita ficou temporal, e precisamos dos recursos da filosofia e história das ciências para que a sua leitura não se torne anacrônica. Sendo que anacronismo é um erro quando se analisa uma época com a cultura, costumes e ideias de outra. As obras de Kardec precisam ser lidas em seu contexto original, para que se possa compreendê-la adequadamente hoje!

Voltando ao TEMA DO EXÍLIO, resta-nos aqui uma complexa associação de mitos e teorias, surgidos em momentos diferentes da história do mundo, o que torna a interpretação disso tudo um tanto difícil.

Mistura-se o **mito de Adão** descrito na bíblia, interpretado pelo diálogo dos espíritas que pensavam a partir da teoria das raças no século XIX, tudo isso esclarecido pelos ensinamentos dos espíritos superiores (cujo conhecimento era muito mais amplo do que o dos homens daquela época).

Tudo isso sendo lido por nós, no início do terceiro milênio, mergulhados na cultura atual. Ufa!

No trecho seguinte de *A Gênese*, Kardec faz referência à **narrativa mítica da Gênese bíblica**, mas adota o discurso interpretativo da ciência de sua época, pela relação entre as então imaginadas “raças”, no início da civilização.

Ele usou o conceito então aceite de raças evoluídas frente às raças primitivas, uma característica que se conhece por **eurocentrismo**, uma visão de mundo que tendia a colocar o interesse e a cultura europeia como a mais importante e avançada do mundo:

“Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a **raça adâmica** é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras.

A *Gênese* no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante.

Tudo prova que a **raça adâmica** não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os factos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las”

KARDEC, Allan. “A Gênese”, Capítulo XI, número 38

Segundo a classificação de Lineu, por exemplo, a **raça africana** tinha características selvagens e incultas, aproximando-se do que se definia como sendo raça primitiva, e a **raça europeia** tinha a seguinte descrição que a assemelhava à raça adâmica, afirmava Lineu: “branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis”.

Estava-se associando cor da pele com características psicológicas, sociais e culturais. Essa teoria das raças, no decorrer dos séculos XIX e XX, deu origem aos **preconceitos** e doutrinas funestas, como **eugenia e nazismo**.

Não existem raças, hoje isso é claro. Mas a construção desse entendimento contemporâneo foi progressivo, desde o passado escravocrata até nossos dias. E mesmo assim ainda não é unanimidade, persiste ainda o comportamento racista carecedor de educação. Há até uma ebulição xenófoba presente e crescente no noticiário internacional.

Mas a humanidade surgiu realmente numa complexidade étnica ainda pouco compreendida.

Os recursos da arqueologia, os estudos dos fósseis e sítios, as interpretações dos textos primeiros da civilização, disponíveis para a ciência, ganham diferentes interpretações em diferentes paradigmas da comunidade científica, muitas vezes divergentes e incompatíveis.

O que, afinal, representa o mito de Adão?

A interpretação do mito da **queda de Adão** tradicionalmente tem dois caminhos culturais diferentes. Um deles é a utilização pelos grupos religiosos do texto bíblico.

Os sacerdotes dão uma explicação literal, considerando a **história de Adão** como uma narrativa literal de factos ocorridos longe do alcance da percepção do homem, nas origens do mundo. **A queda** de Adão e Eva foi, no entendimento religioso, um evento ou acidente ocorrido num determinado lugar e época do passado. Um facto da pré-história da humanidade.

Por outro caminho, diversos filósofos e pesquisadores da ciência, nos últimos séculos, interpretam **o mito da queda** representando-o em suas teorias pelos conceitos de “pulsão ideológica”, “arquétipo coletivo”, uma aplicação universal do “inconsciente coletivo”, entre outras interpretações científicas dessa narrativa.

E aqui é que desejamos chamar sua atenção para a importante contribuição que a doutrina espírita tem a oferecer, a partir dos seus conceitos fundamentais – considerados de forma independente das questões temporais presentes no texto de Kardec.

O Espiritismo tem respostas objetivas para esclarecer tanto o **pensamento religioso** quanto o **científico!**

E, tendo sucesso nesses dois desafios, permite então uma ponte, um encontro, para que ocorra futuramente um diálogo, por mais difícil que pareça, entre esses dois campos do conhecimento: ciência e religião. Vejamos.

Segundo a teoria dos espíritos, O MITO DE ADÃO, como todos os outros MITOS DA QUEDA, não são falsos.

Eles fazem referência a um facto histórico, porém, interpretado de forma simbólica.

A QUEDA na origem da humanidade representa uma lembrança intuitiva dos espíritos que foram exilados de outro planeta, onde viviam uma condição melhor do que a encontrada em nosso mundo primitivo.

Eles saíram de lá em virtude da insistência em manter privilégios e poder, derivados do egoísmo e orgulho presentes em suas personalidades.

Quando aqui chegaram, contribuindo para o surgimento da civilização, viviam, todavia, uma angústia de estar vivendo num mundo sem recursos, sem conforto, junto a uma população nativa simples e ignorante.

O contacto desse pequeno grupo, as lembranças intuitivas do planeta melhor que deixaram, formaram as **imagens** arquetípicas do paraíso, da queda, do homem culpado pelo erro, que busca reconciliar-se com a divindade para merecer um retorno ao mundo feliz.

Todos esses sentimentos e conflitos estão presentes na narrativa de Adão e Eva.

O equívoco da interpretação literal desse mito está precisamente em generalizar para toda a humanidade, como uma narrativa de origem coletiva, uma vivência pessoal de um grupo de espíritos, em decorrência de suas próprias escolhas.

Em verdade, apenas um pequeno grupo de espíritos passaram por esses FACTOS DO EXÍLIO, enquanto a grande maioria da humanidade estava habitando em nosso mundo primitivo suas primeiras encarnações humanas.

Em suas primeiras experiências, num processo de aprendizagem natural e progressiva, estavam livre dos pesados sentimentos de culpa dos exilados.

No entanto, pela imposição da cultura religiosa, – utilizada como meio de dominação e submissão das massas – o medo, a culpa pelo pecado, o medo do mundo novo, o rancor de se achar punido, todas essas dores que representam uma verdadeira expiação dos ESPÍRITOS EXILADOS foram transferidos, pela catequese dos mitos religiosos, para toda a população de nosso planeta, sendo transmitido, geração após geração, transformando-se em cultura e vivência psicológica e social.

Ainda hoje A ANGÚSTIA DA QUEDA está presente na experiência psicológica de muitas pessoas, devido à sua trajetória espiritual, mas, é importante frisar, essa condição é absolutamente pessoal, e não pode ser generalizada.

Um filósofo, um psiquiatra, um psicólogo que, por meio da introspecção investigue os seus próprios sentimentos, pode, com uma observação sincera e atenta, encontrar em si mesmo essa culpa primordial, mas ela é só sua, fruto de suas escolhas no decorrer de suas vidas.

Partindo desse segundo ponto de vista psicológico, OS EXILADOS atravessam um processo evolutivo intelecto-moral que é natural dos espíritos, como explica o Espiritismo. Todos evoluem a partir de suas escolhas, conforme se elabora paulatinamente o livre-arbítrio, vida após vida.

O que aqui queremos destacar é o facto de que esses fenómenos migratórios, esses relatos históricos originais de nossa civilização podem ser objetos de estudos sociais, antropológicos, arqueológicos, sociológicos. Servem para a interpretação coletiva de nossa humanidade.

Mas não tratam da origem do mal que pudesse explicar a natureza humana, não definem a origem da imperfeição de cada um.

Segundo o ensinamento dos espíritos, todos evoluem desde a condição de simples e ignorante, e as escolhas morais autónomas individuais formam uma trajetória que representa a causa da condição intelecto-moral de cada indivíduo.

A questão da **evolução moral** é um fenómeno psicológico, devendo ser interpretado **individualmente** e não de forma coletiva e geral.

Um exemplo deixará esse raciocínio mais claro. A capacidade de nosso cérebro e o comportamento instintivo que temos, como ter medo, e as reações fisiológicas e comportamentais dessa emoção, são estabelecidas pela fisiologia humana e podem ser estudadas pelos neurocientistas, psicólogos, psiquiatras.

A origem desses fenómenos é orgânica, tendo-se desenvolvido pela evolução de nossa espécie, o homo sapiens.

Já as diferenças morais e intelectuais de cada um, de acordo com o Espiritismo, não têm origem orgânica e genética. Essa condição é **individual**, e depende do rumo estabelecido desde as primeiras vidas humanas, as escolhas e a história pessoal estabelecida.

Trata-se de um fenómeno psicológico e existencial.

O homem é um ser complexo, tendo inclusive uma dupla natureza.

Ele é espírito, e vivendo na condição encarnada, faz uso de um corpo animal, elaborando em cada vida uma personalidade nova.

A uma trajetória espiritual construída por cada um e que define sua condição espiritual.

E em cada vida construímos uma experiência nova, uma página, um instante apenas, que, progressivamente, constrói o voluntário entendimento das leis universais presentes em nossa consciência, o que nos tornará futuramente bons, sábios e felizes.

“O homem é um espírito encarnado” constituído de individualidade espiritual e uma personalidade em cada nova vida, esse é o princípio da psicologia espírita.

O Espiritismo tem muito a contribuir tanto para o campo cultural da religião quanto para o da ciência. Mas a interpretação do ensinamento dos espíritos precisa ser feita com muito cuidado aos detalhes, para não cair em interpretações falsas, e corre-se o risco, caso persistiam equívocos, dar início a novos mitos que se distanciam do significado original!

A revolucionária quase desconhecida moral espírita

Paulo Henrique de Figueiredo 25/07/2016 / MORAL E RELIGIÃO

A grande maioria dos espíritas viveu uma criação católica ou protestante, em virtude da tradição de suas famílias. Cresceu ouvindo as missas, catequeses, aprendendo a metafísica dogmática das igrejas.

Nesses ensinamentos, Deus teria uma relação dominadora, semelhante à humana, com seus filhos.

Sua lei é absoluta, eterna, mas desconhecida dos homens, mergulhados que estão no **pecado original**. No entanto, exige a absoluta submissão aos seus desígnios. Aqueles rebeldes, que cometem pecados, se não se arrependem e aceitam o castigo em suas vidas, são punidos eternamente, quando do julgamento final.

A imagem que fica desse panorama é a de um mundo degenerado, habitado por seres sujeitos à tentação do pecado, frágeis, sofredores, impotentes.

Há um **medo** inconsciente de errar. Parece que é melhor não fazer nada do que cair no engano.

Essa postura é paralisante, impede o interesse pelo novo, no desafio de tatear o desconhecido.

A tradição, os hábitos costumeiros, **o passado**, tudo isso **parece conter a garantia** e o bem estar de agradar à divindade.

A **mudança** e a **novidade** tornam-se inimigas, destruidoras e devem ser evitadas a todo custo. Diz-se que, na dúvida, melhor ficar como está.

Muita gente, porém, não aceitando a **irracionalidade dos dogmas**, considerando-os estagnantes, repele esses preceitos, em busca de algo novo, que abrace sua esperança, que conforte sua visão do futuro.

O Espiritismo, deste modo, surge como uma grata alternativa.

Mudam-se os hábitos na chegada ao centro espírita. O convite à palestra pública. O tratamento de passes. Os conselhos ouvidos nos corredores. Aos poucos, vai se conhecendo a reencarnação, o mundo espiritual, o perispírito, a responsabilidade pelos atos do passado. Alguns, mais interessados, buscam os cursos, para conhecer mais profundamente a doutrina espírita. Depois, dedicam-se a diversas tarefas de assistência, arrecadação ou atividades interiores da casa.

No entanto, e aqui está o ponto fundamental deste artigo, costumeiramente o novo frequentador do centro espírita muda o vocabulário, alterna os costumes, **mas o raciocínio metafísico, presente lá no fundo da personalidade, permanece o mesmíssimo de antes.**

Antes as palavras eram sofrimento, castigo, pecado original, céu, inferno, anjos, demónios, ressurreição.

Agora os termos são outros, ainda se fala de castigo e sofrimento, mas os demais são substituídos por carma, espiritualidade superior, umbral, espíritos superiores, obsessores, regeneração. **Palavras novas, ideias velhas.**

O pecado original de Adão é substituído pelos **erros do passado como causa dos sofrimentos desta vida.**

O Deus que pune e se vinga permanece no mesmo lugar lá no céu. E aqui na Terra continua **o medo, a insegurança, o receio, a tentativa de barganha**, e outros comportamentos derivados dos milenares ensinamentos HETERÓNOMOS.

Heteronomia é a moral que coloca o indivíduo submisso a uma LEI EXTERNA, à qual deve obedecer pela fé cega. É A MORAL DA COAÇÃO.

Submete-se incondicionalmente às ordens para ser recompensado, e ao desobedecer ganha a punição.

Os indivíduos competem entre si para ocupar o lugar dos beneficiados ou dos condenados.

Punição, recompensa, competição, tudo isso pertence à MORAL HETERÓNOMA. Essa tem sido a orientação do **clero** tanto na orientação dos fiéis como também na educação das crianças e jovens na escola e em seus lares.

Em verdade, também a **orientação materialista** é HETERÓNOMA.

Desse modo, a escola dos jesuítas do passado, que castigava o erro e recompensava o acerto – promovendo uma **relação competitiva** entre os alunos para classificá-los do “pior” ao “melhor” – é a mesma escola tradicional atual, sob orientação materialista, que vê o homem como um animal, submetido ao mesmo adestramento daqueles. **Trata-se o jovem com o método utilizado para tornar um cachorro dócil, obediente e treinado.**

Por desconhecimento, quase ninguém fala, quando trata do **Espiritismo**, de sua **revolucionária moral**, a teoria esquecida de Kardec. E é exatamente ela que faz toda a diferença. Dedicamos as 640 páginas da obra *Revolução espírita* – a teoria esquecida de Allan Kardec para explicar minuciosamente essa ideia.

Enquanto todas as tradições religiosas do velho mundo, e também a orientação materialista atual nascida no século passado, são doutrinas HETERÓNOMAS quanto à moral. E o **Espiritismo** é a única proposta orientada pela AUTONOMIA MORAL.

O indivíduo que rege sua atuação social pela **autonomia**, toma como diretriz de suas escolhas o **pensamento racional**. Pensa, avalia a situação e escolhe a melhor atitude, a que favoreça o maior número de pessoas envolvidas. Afinal, **as leis de Deus estão gravadas em nossa consciência**, e na medida que as compreendemos na prática cotidiana,

desenvolvemos o sentido do dever. Isso, é claro, quando não se concentra apenas nos desejos e interesses pessoais, o que leva ao egoísmo e orgulho, imperfeições que desviam o espírito de sua natureza.

Quem age de forma autônoma, não te medo de errar, pois sabe que a tentativa e o erro fazem parte do processo da aprendizagem. **Enfrentar o desconhecido é a única maneira de avançar intelectual e moralmente.** É necessária a coragem de expor a ignorância, perguntar e aprender com o exemplo do mais sábio, tentar as hipóteses, observar os resultados, agir diferente, comparar, escolher o melhor. Depois avançar para uma situação mais complexa. Tudo isso acompanhado pelo prazer da descoberta, o entusiasmo de ser útil, a alegria da iniciativa pessoal.

O Espiritismo demonstra que no mundo espiritual a relação entre os espíritos esclarecidos se dá naturalmente pela **autonomia**.

Quem age no bem, o faz livre e voluntariamente; as atividades mais complexas são exercidas naturalmente pelo que mais sabe, e aprendeu pelo seu esforço. A palavra de ordem é a cooperação, nascida da atitude solidária, da responsabilidade consciente.

A tarefa da construção de um mundo melhor, por ser mais justo e solidário, se dará pela adesão voluntária de cada um a essa revolucionária moral autônoma.

Agir de acordo com a **consciência**, pelo dever que tem valor em si mesmo, sem almejar recompensas ou privilégios.

Como afirmou Allan Kardec, definindo o **livre pensamento** ou **fé racional** que caracteriza o verdadeiro espírita:

Em sua aceção mais vasta, o livre-pensamento significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; não quer mais escravos do pensamento, pois o que caracteriza o livre-pensador é que este pensa por si mesmo, e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma máquina de crer.

(Revista Espírita de Fevereiro de 1867 – Livre-Pensamento e Livre-Consciência).

Mulher, abandone a culpa e seja feliz!

Paulo Henrique de Figueiredo 01/08/2016 / MORAL E RELIGIÃO

Em seu íntimo, há quem se culpe calado, o tempo todo, por tudo, como se o erro fosse o compasso de sua vida. E a consequência é uma tristeza constante, um amargor. Por fim consola-se, sempre foi assim, sempre será, essa vida é mesmo um sofrimento, pensa. Desde o início dos tempos em nosso mundo a culpa ronda a vida dos homens e **principalmente das mulheres.**

As tradições culturais das civilizações do passado criaram mitos e dogmas que construíram uma imagem deturpada, preconceituosa e opressora sobre as mulheres e a massa trabalhadora em geral. **Apenas recentemente está se denunciando os milênios de abuso.** No entanto, a tradição da opressiva submissão das mulheres ainda persiste em diversas culturas. E também o preconceito.

Por outro lado, há aquelas que não precisam sofrer violência social para se sentirem culpadas. A doutrina da culpa já está reinando no inconsciente.

Criada pelo **dogma judaico-cristão**, passa décadas se sentindo acusada pelo que faz e pelo que não faz.

As que trabalham fora e têm filhos se culpam de não ter tempo suficiente para se dedicar a eles. Outra que fica em casa, muitas vezes se responsabiliza por não buscar realização e independência. Há quem se culpe por não ter filhos, ou por não aguentar quieta a pressão familiar. Há culpa de toda cor e tamanho.

Na leitura ingênua da bíblia, Adão não teve culpa ao pecar, pois agiu sob influência da Eva, por sua vez induzida pela lábia da cobra.

Por séculos, o clero que emudeceu as mulheres vestidas de hábito, acusam as mulheres pela dor, sofrimento e pecado do mundo!

Há milhares de anos a coisa ainda era pior. Na Grécia antiga, as mulheres dos cidadãos ficavam trancadas em casa, em aposentos separados, mesmo que uma festa estivesse ocorrendo. Os filósofos, que ensinavam a reencarnação, apontavam que o maior castigo para os erros do passado estaria em renascer mulher! E a vida mais próxima da libertação da alma seria a dos filósofos, homens, é claro.

Entre os muçulmanos elas ainda usam burca e são excluídas da atividade social.

As mulheres da palestina, nos tempos de Jesus, não podiam testemunhar contra a palavra de um homem. Ficavam em lugar separado nos estudos das escrituras, não liam nem debatiam em público.

No entanto, o mestre deu uma grande lição quando foi crucificado.

A grande mensagem, a verdadeira boa nova, estava no facto de que Jesus venceu a morte, demonstrando a imortalidade do espírito e que o reino dos céus era realmente um refúgio do bem.

No entanto, depois de sua morte, os indecisos e amedrontados discípulos e apóstolos se reuniram para decidir o futuro do grupo, diante da perseguição e grandes sofrimentos que já despontavam para os cristãos.

Perante a dúvida entre recuar e avançar na divulgação dos ensinamentos do mestre, em certo momento avança em frente **Madalena, a grandiosa discípula.**

Narra, então, o encontro que tivera com Jesus espírito, ele voltou e demonstrou que a vida é eterna.

E pediu que ela testemunhasse a boa nova para todos os cristãos, dando início a esse movimento pela liberdade.

Alguns apóstolos ficaram em dúvida, considerando a tradição de negar o depoimento das mulheres. Mas Pedro ousou avançar, e afirmou:

Resta-nos aceitar esse ensinamento, levantar a frente e levar ao mundo os ensinamentos do mestre!

Como explicamos na obra **Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec**, o Espiritismo, que nada mais é que a doutrina de Jesus explicada pelos espíritos superiores a partir da cultura moderna, é a grande afirmação pela liberdade, igualdade e libertação das mulheres, superando o jugo das falsas profecias.

A HETERONOMIA **das antigas tradições** e também do materialismo que impõe o egoísmo do mais forte, evocava a culpa, o medo, a dor, o sofrimento e o castigo como naturais ou determinados por Deus como punição.

Mas A AUTONOMIA MORAL, proposta pelo Espiritismo, demonstra que o espírito constrói o seu caminho pelas suas escolhas livres, e que a lei divina está EM NOSSA CONSCIÊNCIA.

Já o sofrimento é consequência da imperfeição e não uma punição! Aquele que sente a culpa em seu interior, precisa perceber que **Deus não castiga.**

Essa culpa, que não serve para nada, deve ser substituída pela vontade firme em construir os valores e superar os enganos do egoísmo e do orgulho, quando eles estão presentes na personalidade.

Essa decisão é individual e voluntária.

Mas quem tem a consciência limpa, não deve sentir culpa de nada. Não há problema em errar quando se está aprendendo.

Faz parte da pedagogia da liberdade aprender com erros e acertos. Há sempre tempo para mudar, tentar diferente.

As dificuldades que enfrentamos na vida não são castigos, mas sim desafios que **nós mesmos escolhemos antes de nascer, ensinam os espíritos.**

A vida serve como um palco para que na peça da vida possamos construir aos poucos um personagem corajoso, libertador, que enfrente os seus defeitos e lute para aprender e ser útil.

O Espiritismo é uma doutrina liberal, afirmou Kardec, e luta por todas as formas de libertação, como a afirmação positiva das mulheres na sociedade, a igualdade entre as diversas etnias, a superação das grandes desigualdades, a oportunidade para todos.

Por isso, ao compreender a doutrina espírita como realmente ela foi proposta, há um só caminho: abandone a culpa, assuma as diretrizes de sua vida e seja feliz!

Segundo Kardec, Espiritismo é ciência. Mas não é o que se pensa...

Paulo Henrique de Figueiredo 03/08/2016 / CIÊNCIA ESPÍRITA

Kardec afirmou que o Espiritismo é uma ciência. Mas vai cair em erro aquele que considerar essa afirmação imaginando o atual conceito dessa palavra. Isso porque em nosso tempo ela está associada ao materialismo.

Normalmente, mesmo que a maior parte dos estudantes universitários e mesmo professores sejam espiritualistas, **todos precisam adotar a doutrina do nada** para que sua produção seja aceita, ou corre o risco de **cair na marginalidade acadêmica e perder oportunidades**.

O espiritualismo é mesmo ridicularizado como crendice, ingenuidade, absurdo. Invariavelmente, mistura-se a crença em Deus e na imortalidade da alma com o pensamento dogmático das religiões, isso porque em nossa sociedade foi esse quase o único espaço em que o espiritualismo pôde se refugiar.

Como evidenciamos na obra *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec*, a ciência era muito diferente na época de Kardec, e o entendimento disso é fundamental para se compreender o Espiritismo e o impacto de sua doutrina revolucionária.

CAPÍTULO I - Fins e formação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Art. 1º - A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenómenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações **às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas...**"

"O Livro dos Médiuns" – 2ª Parte / Capítulo XXX

Quando se lê esse trecho hoje, quase ninguém se questiona sobre o que significa o termo "**ciências morais**". Ou então busca um significado aproximado ou um raciocínio dedutivo.

Há também para quem esse termo passa despercebido. No entanto, sua compreensão é essencial.

O termo "ciência moral" estava presente na tábua de classificação das ciências daquele tempo. Para ser compreendido precisamos consultar livros daquele tempo. Vejamos.

No século XIX, as ciências se dividiam entre:

– As que tinham por objeto o mundo físico (física, química, botânica, fisiologia, astronomia, geologia, mineralogia), chamadas **ciências físicas ou naturais**;

– E as que tinham por objeto os fenómenos derivados das aptidões humanas, ou **ciências morais** (filológicas, sociais e políticas, históricas).

Na universidade, o campo das "ciências morais" era liderado por professores espiritualistas, que adotaram essa orientação de forma racional e não dogmática, como exigia o pensamento positivo da época.

Essas primeiras ciências morais tratam das **manifestações exteriores dos factos morais**, como a linguagem e os factos históricos e sociais.

Resta o estudo da própria alma, ou factos do espírito humano, como se definia por uma expressão daquele período. Esses formam o grupo das ciências filosóficas.

Considerados os valores humanos da razão, sentimento, vontade, criatividade, as divisões das ciências eram:

– Psicologia, Lógica, Moral e Estética.

Quando os objetos dos estudos eram a causa primeira e o absoluto, as ciências denominavam-se:

– Teodiceia (atributos de Deus e sua providência) e

– Metafísica (causa ou princípio de tudo o que existe).

Quanto ao método, a **Psicologia** adotava a observação, enquanto **as outras ciências filosóficas** adotavam o método racional, e **para a Metafísica**, o reflexivo.

Os conteúdos dessas ciências morais forneceram os temas para os diálogos com os espíritos superiores, que resultaram na doutrina espírita. Tudo isso pode ser encontrado em detalhes nos manuais de filosofia do século XIX.

Esse foi o contexto original do surgimento da doutrina espírita. Essa recuperação conceitual é necessária para se compreender a postura dos espíritas que leram os livros e revistas do professor Rivail durante sua publicação e participaram do desenvolvimento da doutrina espírita, formando a comunidade de pesquisadores.

Os recursos da História e Filosofia das Ciências, sem os prejuízos do anacronismo (ler o passado pelos olhos do presente) são muito importantes para recuperar o sentido original do Espiritismo. Mesmo no entendimento do significado adequado, nem que seja de uma só palavra.

Quando Allan Kardec considerou o espiritismo como ciência, ele o qualificou como ciência filosófica (espiritualista na academia de então), avançando, porém, quanto à metodologia:

Até ao presente, o estudo do princípio espiritual, incluído na Metafísica, foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental.

“A Gênese”, Capítulo IV – O papel da ciência na Gênese nº 16.

Espiritismo é uma seita carregada de superstições?

Paulo Henrique de Figueiredo 05/08/2016 / MORAL E RELIGIÃO

Como bem viu o filósofo **Herculano Pires**, o espiritismo tem sido considerado como uma “seita comum, carregada de superstições. Muitos o veem como uma tentativa de sistematização de credices populares, onde todos os absurdos podem ser encontrados”, concluindo o filósofo espírita que:

“Na verdade, os seus próprios adeptos não o conhecem (...). O espiritismo, nascido ontem, nos meados do século passado, é hoje o grande desconhecido dos que o aprovam e o louvam e dos que o atacam e o criticam”

(Curso Dinâmico de Espiritismo – O grande desconhecido, p.11).

Sejam opositores ou simpatizantes, adeptos ou divulgadores, muitos desconhecem o verdadeiro espiritismo. A teoria revolucionária dos espíritos está esquecida.

Na época de Kardec, a igreja perdia força em função da não aceitação da **imposição dogmática** quando o **pensamento racional** despontava como recurso fundamental na busca do conhecimento das leis universais.

Por outro lado, o materialismo que invadiu a universidade desde a revolução francesa (os chamados ideólogos, como Tracy, Volney) havia caído em descrédito, sua fria doutrina não trazia esperança, as novas gerações a repudiavam pela falta de perspectivas futuras ao considerar a humanidade uma espécie animal, onde todos lutam entre si motivados pelo egoísmo, até à morte que seria o seu fim.

Antoine Destutt de Tracy, marquês de Tracy (Paris 1754 — Paris 1836), oficial, político e filósofo, episodicamente General da Revolução em 1792.

Constantin-François Chassebœuf de La Giraudais, conde de Volney, (1757 Craon/Anjou – 1820 Paris), explorador, historiador, filósofo, moralista e orientalista francês.

Desde as primeiras décadas do século XIX, um núcleo de pensadores da universidade parisiense, no campo das ciências humanas, buscou construir uma filosofia espiritualista, livre de dogmas e racional. Baseada numa construção de ideias por meios científicos, como a **introspeção** (examinando os valores psicológicos internos) e o **ecletismo** (associação de hipóteses históricas numa sólida teoria espiritualista racional), na construção da Psicologia, da Lógica, da Moral e da Estética. Além do estudo dos primeiros princípios, pela **metafísica** e **teodiceia** – o estudo de Deus.

Toda essa nova área acadêmica do século XIX se denominava como sendo as **ciências filosóficas**.

Foi entre elas que ALLAN KARDEC classificou o Espiritismo:

“O Espiritismo, como eu disse, está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa; não o consideramos senão como uma ciência filosófica.”

(Revista Espírita de Julho de 1859 – Resposta ao Abade de Chesnel).

Os espiritualistas racionais da universidade francesa, como Royer-Collard, Victor Cousin, Jouffroy, Paul Janet, estudavam a moral racional independente de qualquer religião formal. Considerando que Deus existe, e sendo nós, suas criaturas, almas imortais, há uma lei universal que rege o mundo moral.

Essa lei está presente em nossas consciências, como assegurou Rousseau. Esse foi o pensamento adotado pelos espiritualistas dos tempos de Kardec, estudado na universidade e na escola, representando a **“moral racional”** e uma **“religião natural”**.

Deste modo, surgida na época em que os dogmas caíram no descrédito, a teoria espírita é moderna, progressista, liberal, adequada para extinguir os equívocos do velho mundo, de tal forma que:

“Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz dessa renovação uma necessidade.” (Revista Espírita de 1866, 196).

Como demonstramos em *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec*, a regeneração da humanidade ocorrerá progressivamente, pela consciencialização do homem novo. Desse modo, a doutrina espírita representa a **moral racional** e a **religião natural**.

Enfim, a **vocação revolucionária do espiritismo para a renovação social** está na mudança de paradigma quanto ao princípio moral, trocando da **postura heterónoma** (que é característica tanto das religiões dogmáticas como da orientação materialista) para a **moral autónoma**.

Vejam, então, uma definição dessas duas morais:

Autonomia

“O estado de direito, a autonomia da consciência individual, o progresso moral e intelectual, o reinado do amor e da justiça, será o futuro para o qual o espiritismo dá a base fundamental” (RE70, p.91).

Tradicionalmente, as religiões positivas, a escola tradicional e os governos, desde o início da civilização, submetem as pessoas à autoridade pela obediência passiva, ditando o modo de agir sob o regime do castigo e da recompensa, conforme o princípio da heteronomia.

Por sua vez, a autonomia moral e intelectual pressupõe o uso da razão e do senso moral para o autogoverno e o desenvolvimento da personalidade.

Enquanto pensadores como **Rousseau, Kant, Piaget e Paulo Freire**, fundamentaram a educação pela liberdade como factor de transformação da humanidade, o espiritismo revela que a autonomia é a lei natural que rege a relação do espírito com a humanidade universal.

A moral espírita se fundamenta na lei da escolha das provas, que torna cada espírito responsável por sua própria evolução moral e intelectual no decorrer das reencarnações, sendo fantasiosa a ação arbitrária de Deus castigando ou recompensando, como se ajuizava nas doutrinas religiosas e sociais do velho mundo.

Heteronomia

“O dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.”

(ESE, p.302).

O conceito de **heteronomia** propõe que o individuo deve agir por submissão a uma lei que lhe é externa e imposta, sob o regime do castigo e da recompensa.

Os animais, que não possuem pensamento racional, podem ser condicionados pelo treinamento.

A natureza do espírito humano, porém, é **autónoma** e está relacionada com o **livre-arbítrio** e o **senso moral, que se desenvolve progressivamente pelo uso de sua razão e da liberdade de escolha e de crença**.

Esse é o fundamento moral tanto da moral de Jesus quanto do espiritismo.

Afinal, o que é o magnetismo animal?

Paulo Henrique de Figueiredo 08/08/2016 / ARTIGOS, CIÊNCIA ESPÍRITA

Há muito desconhecimento quanto ao Magnetismo Animal. Originalmente, ele nada tem a ver com a concepção popular atualmente divulgada.

O termo “MAGNETISMO ANIMAL” foi criado pelo médico alemão FRANZ ANTON MESMER (1734 – 1815). como um novo paradigma da física de então para fundamentar sua renovação da ciência médica, já que ele considerava falsa a teoria aceita pela comunidade científica de sua época — **uma teoria mecanicista para as forças** (luz, eletricidade, magnetismo, eram consideradas matérias, esferas duras, sem peso e invisíveis).

Para Mesmer, porém, as forças seriam ondas, vibrações de um elemento primordial (o FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL, termo também proposto por ele).

Segundo ele, cada uma das diversas faixas vibratórias do fluido universal impressionava os nossos sentidos físicos, como a luz para o olho e o ar para os ouvidos.

Desse modo, o “magnetismo animal”, segundo ele, seria **o meio de comunicação entre a vontade do magnetizador e a do paciente**, um estado de vibração do FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL acima da luz (que na época era o mais sutil fenômeno), perceptível por nosso sistema nervoso e pelo senso íntimo, explicando assim os efeitos do tratamento pelo passe e os efeitos do sonambulismo provocado.

Desse modo, o passe curativo não seria uma simples transmissão de substância (o que a teoria materialista dos fluidos materiais aceita pelos físicos da época levaria a crer), como costumemente se pensa, mas uma ação dinâmica do organismo saudável do magnetizador em sintonia com o doente, acelerando o ciclo natural da cura, como também funciona na medicina homeopática, sendo assim ambas compatíveis!

Isso explica porque o fundador da homeopatia, SAMUEL HAHNEMANN (1755-1843), não só aplicava passes mesméricos em seus pacientes, combinando-os com os remédios; mas também acrescentou essa prática à sua medicina, em seu livro “Organon da arte de curar”.

Depois, no século seguinte, o espiritismo iria apresentar a teoria do “FLUIDO UNIVERSAL”, proposta por Mesmer, como conceito fundamental da doutrina espírita. Demonstrando a relevância dessa recuperação, vale lembrar que Kardec considerava o Magnetismo Animal e o Espiritismo como ciências irmãs, e que seria impossível compreender uma sem conhecer a outra.

Os médicos homeopatas da época de Allan Kardec faziam uso do tratamento de passes do Magnetismo Animal, e grande parte deles era espírita.

Essas três ciências: **Espiritismo, Magnetismo Animal e Homeopatia** se afinavam, se uniam, compartilhavam seus fundamentos. formavam um ambiente cultural propício para a difusão dessas ideias.

Uma pena que, com a passagem do século XIX o **materialismo dogmático** tenha penetrado na Universidade como uma erva daninha, entranhando-se e encobrindo as conquistas científicas espiritualistas do século anterior. Está na hora de recuperar para transformar.

O ainda mais surpreendente está no facto de que, consideradas as diferenças culturais de cada época, as ideias de Mesmer sobre o FLUIDO UNIVERSAL, considerando as forças como ondas, é uma antecipação conceitual do atual paradigma da física moderna!

Veja essa explicação em [Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec](#).

Paulo Henrique de Figueiredo 09/08/2016 / REVOLUÇÃO ESPÍRITA

A apresentadora Maria Izilda Netto recebe escritores, estudiosos e diversos especialistas em conversas com muita informação sobre espiritualidade. Desta vez, a entrevista apresenta Paulo Henrique de Figueiredo, autor do livro *Revolução Espírita, a Teoria esquecida de Allan Kardec*.

A obra é fruto de intensos estudos por parte do escritor e jornalista que duraram vinte anos, baseado em fontes primárias, jornais e diversos documentos; são relatados o movimento dos magnetizadores, a infância do codificador, como se qualifica a revolução espírita, a ideia de liberdade e da moral autónoma que o espiritismo propõe.

O que teria entusiasmado um intelectual francês do século XIX a reconhecer na teoria espírita o potencial de transformar o mundo? Confira abaixo um trecho da entrevista.

Por que os espíritas não entendem bem o magnetismo?

R: Porque é um assunto complexo. O magnetismo teve duração maior do que o Espiritismo, este segundo desenvolvido entre 1857 a 1869. Ele começa com Mesmer antes da revolução (Francesa), o médico ainda estava vivo na época de Kardec, que foi magnetizador por 35 anos antes de começar a pesquisa espírita. O magnetismo animal ainda se desdobrou na pesquisa da hipnose. Eu fui estudar a história do magnetismo e como o fenómeno espírita surgiu nesse meio desde 1849. Naquela época, as mesas girantes e ‘tudo aquilo’ que girava foi sendo interpretado primeiramente como um novo fenómeno do magnetismo animal. Kardec tomou conhecimento dos fenómenos espíritas somente em 1855.

A primeira edição do Livro dos Espíritos com 500 perguntas era, em verdade, feita pelos magnetizadores e espiritualistas racionais e das mais diversas áreas do conhecimento?

R: Mais de trinta cadernos com pesquisas de vários pensadores de um grupo de magnetizadores, que dialogaram com os espíritos sobre os mais diversos temas, serviram como base para que Kardec, em dois anos, pudesse construir as perguntas para a primeira edição de o Livro dos Espíritos. Depois disso, mais de mil centros de pesquisa se uniram a Kardec para a elaboração da segunda e definitiva edição dessa grandiosa obra. Mostramos na obra os detalhes dessa interessante história, um mergulho na história da França, na cultura da época e no que os espíritos trouxeram de novo.

Você cita eminentes personalidades como Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto- Alegre e Torres Homem que foram à França trazer novidades sobre o magnetismo para o Brasil. Você reproduz as cartas de Porto- Alegre?

R: Sim, **Gonçalves de Magalhães** foi um magnetizador e trouxe o magnetismo animal para o Brasil, liderou a escola filosófica do espiritualismo racional e escreveu um livro intitulado ‘Factos dos Espírito Humano’, em 1858, onde termina o livro falando de **reencarnação**.

Porto-Alegre vai conhecer o espiritismo no Brasil nesta mesma época trocando correspondência com Kardec.

Torres Homem era médium psicográfico.

A esses três amigos, juntou-se o poeta **Gonçalves Dias** (1823/1864) que, após a morte, ressurgiu como espírito nos diálogos mediúnicos com Porto-Alegre, registados na **primeira obra espírita, inédita e reproduzida na íntegra no apêndice de REVOLUÇÃO ESPÍRITA**.

O livro explica em detalhes a ciência filosófica, termo próprio da época adotado por Kardec, de como estudar a filosofia de uma forma científica.

Como você deixou a leitura deste extenso material mais interessante e menos árido para o leitor?

R: Levei dois anos para transformar o pano de fundo do livro em um romance histórico que vai contar muitos factos novos sobre a biografia de Kardec, que se torna um personagem vivo, nos relatos da infância dele (que não foi em Lyon mas na cidade de Bourg-en-Bresse) e sobre a mãe de Kardec, Jeanne Louise, que se dedicou integralmente para seu filho se tornar educador.

Assista a uma entrevista dada por **Paulo Henrique de Figueiredo** em três breves conversas, que fazem um resumo de apresentação do seu livro REVOLUÇÃO ESPÍRITA e das suas investigações a respeito de MESMER e do magnetismo:

Parte I

Parte II

Parte III

Para Kardec, o Espiritismo é mais prejudicado pelos adeptos que o compreendem mal do que pelos seus inimigos declarados!

Paulo Henrique de Figueiredo 12/08/2016 / CIÊNCIA ESPÍRITA

Em 1864, Allan Kardec fez um discurso aos espíritas de Bruxelas, na Bélgica, país vizinho da França. Foi muito bem recebido por adeptos sérios, interessados na doutrina, conhecedores dos aspectos filosóficos e morais da Doutrina, felizes e motivados em receber aquele mestre que dedicava sua vida integralmente ao seu desenvolvimento e divulgação. Kardec iria conservar dessa visita uma de suas mais agradáveis lembranças.

Essas viagens, porém, ele declara, não tinham como motivo a simples satisfação pessoal, não, além de estreitar os laços de fraternidade entre os espíritas, recolhia factos e documentos sobre o movimento do pensamento espírita, o trabalho dos defensores e os meios de combate dos adversários. Entre esses últimos, invariavelmente, encontravam-se os incrédulos e os fanáticos, os polos opostos da crença racional.

Os defensores da doutrina lutavam com coragem, perseverança, dedicação, desinteresse, buscando a vitória da Doutrina espírita e não de seus interesses pessoais. Agindo conforme a proposta moral espírita, ou seja, sendo um homem de bem. Formam a base dos pioneiros, os preparadores do terreno, que cumprem seu dever com fé esclarecida, devotados, em reconhecimento aos consolos e alegrias que receberam dos ensinamentos dos Espíritos.

Infelizmente, porém, existem aqueles que não sabiam acompanhar a marcha natural do Espiritismo. Os impacientes, sem aguardar a evolução dos ensinamentos, vão buscar em outros cantos ideias prematuras, conceitos inadequados, pensamentos que não pertencem à doutrina fornecendo “armas aos nossos adversários”, explica Kardec. Há também aqueles que, conhecendo o Espiritismo apenas superficialmente, sem serem tocados no coração “dão, por seu exemplo, uma falsa opinião de seus resultados e de suas tendências morais”, afirma o professor.

Dessa maneira, conclui Kardec:

“Aí está, sem dúvida, o maior escolho que encontram os sinceros propagadores da doutrina, porque, frequentemente, veem a obra que penosamente esboçaram, desfeita por aqueles mesmos que deveriam ajudá-los. **É um facto confirmado que o Espiritismo é mais prejudicado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo**, e mesmo por seus inimigos declarados; e há a anotar-se que aqueles que o compreendem mal, geralmente, têm a pretensão de compreendê-lo melhor do que os outros; não é raro ver noviços pretenderem, ao cabo de alguns meses, ser superiores àqueles que tiveram para eles a experiência adquirida por estudos sérios. Essa pretensão, que trai o orgulho, é ela mesma uma prova da ignorância dos verdadeiros princípios da doutrina”

(Revista Espírita de Novembro de 1864, **O Espiritismo é uma Ciência Positiva**;
in: Alocução do sr. Allan Kardec aos espíritas de Bruxelas e Antuérpia).

Para resolver essa questão levantada por Kardec, para prevenir o Espiritismo das consequências da ignorância e das falsas interpretações, dos sistemas equivocados que se tomam em seu nome, é preciso:

“Dedicar-se a divulgar as ideias justas, a formar adeptos esclarecidos, cujo número neutralizará a influência das ideias errôneas”.

Bem compreendendo esse conselho, para livrar da divulgação espírita os falsos ensinamentos, as ideias equivocadas, não adianta combater pessoas, como numa caça às bruxas. Muitos que divulgam os equívocos, os fazem inocentemente, por falta de estudo, por não conhecerem verdadeiramente os conceitos fundamentais presentes nas obras de Kardec.

A forma de se combater a falsa compreensão é o esclarecimento. Essa é a tarefa dos espíritas verdadeiramente desinteressados, dedicados à causa da Doutrina Espírita.

Dando instruções, promovendo grupos de estudo, propondo o debate, a discussão das ideias. Não há ninguém que se possa proclamar professor de Espiritismo, somos todos estudantes!

O Espiritismo exige muito estudo, pesquisa, interpretação dos artigos, recuperando, com os recursos da história e filosofia das ciências, as ideias originais dos espíritos superiores que estabeleceram a teoria espírita. Essa é a tarefa. Mãos à obra!

Kardec e Herculano Pires alertam: para combater o Espiritismo de dentro basta cruzar os braços, sorrir amarelo e concordar para não contrariar

Paulo Henrique de Figueiredo 17/08/2016 / ARTIGOS

Allan Kardec tinha consciência e também foi avisado pelos espíritos de que a teoria libertadora do Espiritismo seria combatida por espíritos e homens interessados em manter a humanidade ignorante, submissa e atrasada.

Mergulhados nas imperfeições derivadas de seu orgulho e egoísmo, sedentos por privilégios e servilismo, cientes das grandes responsabilidades pessoais e do longo trabalho de reconstrução de suas personalidades à qual deverão empreender por livre vontade, resta-lhes a tentativa de atrapalhar, atrasar o esforço alheio, pela ilusão de não se verem sozinhos no estado de sofrimento a que se reduziram.

Em 1867, por meio de um médium em profundo estado sonambúlico, Kardec ouviu dos espíritos uma longa narrativa profética dos **planos traçados para tentar destruir a doutrina espírita**.

Desde os insultos e ameaças dos púlpitos até a difamação nos órgãos de imprensa, todos os esforços se voltariam contra a doutrina da liberdade. Mas um passo decisivo seria dado, revelou a profecia, quando os inimigos pensaram sobre o Espiritismo:

“Antes que ele não esteja inteiramente realizado, tratemos de desviá-la em nosso proveito”

(REVISTA ESPÍRITA de Agosto de 1867).

A citação feita por PHF neste ponto, recomenda a leitura das várias páginas do número **Revista Espírita de Agosto de 1867**, inserido numa secção habitual designada como “Dissertações Espíritas”.

Trata-se da análise minuciosa feita por Allan Kardec de uma longa comunicação espírita espontânea recebida no dia **10 de Fevereiro** desse ano.

O tema principal dessa “Dissertação” é da luta encarnçada que travam contra o espiritismo todos aqueles que o entendem mal ou, pior, todos os que não querem aceitá-lo e que, por isso, o combatem.

O plano estava mudado, ao invés de atacar o espiritismo de fora, imitando o episódio histórico do cavalo de Troia, agora a tentativa seria atacá-lo por dentro, por meio daqueles que participam do movimento de sua divulgação. Vejamos o que os espíritos disseram a Kardec:

“Vereis se formarem **reuniões espíritas**, cujo objetivo declarado será a defesa da doutrina, e o secreto será a sua destruição; **supostos médiuns** terão as comunicações de comando apropriadas ao oculto objetivo que se propõem;

publicações que, sob o manto do espiritismo, se esforçarão por demoli-lo; **doutrinas** que lhe emprestarão algumas ideias, mas com o pensamento de suplantá-lo. Eis a luta, a verdadeira luta a ser sustentada, e que será perseguida com obstinação, mas da qual sairá vitorioso o mais forte”

(REVISTA ESPÍRITA de Agosto de 1867).

O Espiritismo, de forma inédita e definitiva, oferece uma teoria moral renovadora, transformadora.

Diferindo de todas as tradições religiosas em seus ensinamentos metafísicos, ele afasta as ideias de queda, castigo divino, degeneração do mundo, condenação, sofrimento como punição, enfim, toda a doutrina do pecado.

Em seu lugar oferece a verdadeira relação de Deus conosco como sendo estabelecida pela mais plena liberdade. A moral é uma conquista do esforço pessoal, da luta por renovar-se; o Espiritismo revela a autonomia moral como lei fundamental do mundo espiritual.

Contamos toda essa história na obra **Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec**.

Essa profecia de 1867 foi um alerta para o futuro do movimento espírita.

Falsas teorias, médiuns fascinados, deturpações e mistificações seriam incorporadas ao discurso das tribunas e letras dos artigos deturpando a mensagem original. Kardec não sabia que a doutrina que estabeleceu em suas obras iria atravessar o oceano e chegar amplamente divulgada em terras brasileiras.

No entanto, **a profecia dos planos para destruir o Espiritismo se fez plena e ampla por aqui**, desde os tempos de sua chegada no século XIX.

Nem todos, porém, se calaram! Líderes e estudiosos da doutrina espírita clamaram pela tese espírita da liberdade, da educação, da autonomia moral, em defesa dos conceitos fundamentais originários dos espíritos superiores. Avisaram os participantes do movimento espírita de que seria fundamental seguir as orientações de Kardec na defesa do Espiritismo, como o alerta que o mestre fez em 1865:

“É um dever para todos os espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todos os géneros que poderiam comprometê-lo, a fim de não lhes assumir a responsabilidade. Pactuar com esses abusos seria tornar-se cúmplice e fornecer armas aos nossos adversários”

(Revista Espírita de Junho de 1865 – Nova tática dos Adversários do Espiritismo).

Kardec não entrava em polémicas pueris, não dedicava seu tempo a tentar convencer quem combatia o Espiritismo, não respondia a cartas anónimas. Investia seu tempo em esclarecer os interessados, aqueles que desejavam compreender mais profundamente essa doutrina. E não fugia do debate quando os pontos fundamentais eram deturpados, ou os meios de comunicação anunciavam inverdades:

“Há polémica e polémica; e há uma diante da qual não recuaremos jamais, que é a discussão séria dos princípios que professamos. Entretanto, aqui mesmo há uma distinção a fazer; se são apenas ataques gerais, dirigidos contra a doutrina, sem outro fim determinado que o de criticar, e da parte de pessoas que têm um propósito de rejeitar tudo o que não compreendem, isso não merece atenção”

(Revista Espírita de Novembro de 1858 – Polémica Espírita).

No século passado, os conselhos de Kardec foram ouvidos por diversos estudiosos espíritas. Uma dessas vozes conscientes, desses influentes líderes ativos, sinceros e dedicados à causa espírita foi o filósofo **José Herculano Pires**.

Suas obras, conquistas perenes de um trabalho árduo e incansável e quase solitário, foi um exemplo, um modelo, uma inspiração para as novas gerações de espíritas. Sua dedicação à recuperação do Espiritismo tal como proposto por Kardec tem-se refletido nos trabalhos e estudos conscientes de diversos pesquisadores, palestrantes e médiuns alerta e atuantes do movimento espírita. Alguns puderam ouvir ao vivo a voz firme, consoladora e determinada das palestras, aulas e programas radiofônicos de **José Herculano Pires**. A grande maioria despertou o interesse e mergulhou ávido nas obras de Kardec depois de ler os importantes livros do maior filósofo espírita que tivemos.

Herculano Pires é o patrono de todos que atualmente lutam para romper as amarras deturpadoras nas quais a divulgação espírita tem mergulhado.

Um alerta consciente foi dado por Herculano na obra CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO, diante das deturpações e desvios que ele via ocorrer no meio espírita de seu tempo e, vale lembrar, fazendo eco da **profecia de 1867**, dada a Kardec, que citamos acima:

“Todo espírita consciente de suas responsabilidades humanas e doutrinárias está no dever intransferível de lutar contra essas ondas de poluição espiritual que pesam na atmosfera terrena. Ninguém tem o direito de cruzar os braços em nome de uma falsa tolerância que os levará à cumplicidade. Os próprios e infelizes corifeus e propagadores dessas teorias ridículas são os mais necessitados de socorro. É legítima caridade repelir todas essas fantasias em nome da verdade, mesmo que isso magoe os companheiros iludidos”

(CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO – Cap. 20, Como combater o espiritismo; **José Herculano Pires**).

Não se pode ficar quieto, aceitando as coisas como estão, questionando-se: “o que se pode fazer? as coisas são assim mesmo, não vale a pena mexer, só vai me trazer problemas”.

Essa tolerância é uma cumplicidade indesculpável. Não se pede o combate direto, a caça às bruxas, não!

A atitude de renovação não é essa falsa defesa. Polêmicas que descambam para o personalismo, para a discussão vazia e interminável nada acrescentam. Só demonstram desunião e despreparo. Em verdade, essas são as armas da intolerância. Quando se persegue e se denuncia indiscriminadamente se cria clima tenso, onde ninguém tem razão e a causa fica à margem. Nessa situação lamentável, todos acusam, sem que estejam certos ou errados. **A real solução está na reconstrução dos ensinamentos originais pela laboriosa recuperação e pelo esclarecimento por meio do diálogo, do debate produtivo, da tolerância, da liberdade de pensamento. Veja como Herculano alerta de forma enfática e sem rodeios:**

“A tolerância comodista dos que veem o erro e se calam é crime que terá de ser pago no futuro. Quem pactua com o erro para não criar problemas está, sem o saber, enleando-se nas teias sombrias da mentira, comprometendo-se com os mentirosos. E esse compromisso é um desrespeito a todos os que se sacrificaram no passado e se sacrificam no presente para ajudar a Humanidade na defesa dos seus direitos evolutivos. Este é o momento grave da evolução terrena em que não podemos esquecer a advertência de Jesus: Seja o teu falar sim, sim; não, não. Multidões de criaturas foram sacrificadas no passado para que a Humanidade se libertasse de seus enganos e pudesse encontrar os caminhos limpos da verdade, ou seja, das coisas reais, verdadeiras, que nos conduzem ao saber e à liberdade. Se traírmos hoje, comodamente, esses mártires inumeráveis, estaremos conspurcando a dignidade humana, cobrindo de lixo as sendas da verdade abertas pelo Cristo e agora reabertas pelo Espírito da Verdade através de Kardec”

(Idem, ibidem).

E então, definindo claramente a melhor maneira de combater o Espiritismo, como se propôs a demonstrar o título deste artigo, explica **José Herculano Pires**:

“Não há mais lugar para comodismos, compadrios, tolerâncias criminosas no meio espírita. Cada um será responsável pelas ervas daninhas que deixar crescer ao seu redor. É essa a maneira mais eficaz de se combater o Espiritismo na atualidade: **cruzar os braços, sorrir amarelo, concordar para não contrariar, porque, nesse caso, o combate à doutrina não vem de fora, mas de dentro do movimento doutrinário**”

(Idem, ibidem).

Para compreender esse estado de coisas vale a pena a seguinte comparação que a esclarece. Vamos supor que o governo detetasse que as ideias equivocadas espalhadas pelas multidões sobre a física estivessem prejudicando o desenvolvimento de nossa sociedade. Um plano seria proposto para reverter a situação: ensinar física por todos os meios de divulgação em mensagens simples e objetivas, explicando os conceitos básicos da física moderna, de forma a reverter os equívocos da cultura popular.

Mas quem vai elaborar esses ensinamentos? Os burocratas do governo? Os políticos? Os profissionais da imprensa?

Não! De forma alguma! Só seria possível construir um plano coerente de ensino da física por quem tenha estudado profundamente essa ciência. Nada mais coerente. De resto, a ação naufragaria.

O mesmo ocorre com o Espiritismo, que em seu conteúdo tem a extensão e profundidade das demais ciências. Não existem, porém, professores e especialistas no Espiritismo. Não há quem se possa qualificar como tal. Diante da doutrina espírita somos todos estudantes!

Todavia, uma divulgação consciente e adequada do Espiritismo só é possível depois de um estudo profundo de toda a obra de Kardec, incluindo seus livros, a coleção da Revista Espírita, além do conhecimento do contexto cultural francês do século XIX, para que os artigos e hipóteses apresentadas por Kardec façam sentido hoje, pois os paradigmas das ciências mudaram muito nos últimos 150 anos.

Recomendamos a leitura de obras complementares como as de José Herculano Pires, também.

Elas são inspiradoras de uma atitude corajosa e responsável diante da teoria espírita. Seu alerta é atual e precisa ser divulgado, para que no futuro, com o Espiritismo recuperado e conhecido pelas multidões, secundando a regeneração da humanidade, torne esse estado de coisas descrito a seguir pelo filósofo apenas um infeliz episódio do passado:

“Bastam esses factos para nos mostrar que o Espiritismo é o Grande Desconhecido dos próprios espíritas. E é por isso, por causa dessa negligência imperdoável no estudo da doutrina, que os próprios adeptos se transformaram em eficientes instrumentos de combate ao Espiritismo. As pessoas de bom-senso e cultura se afastam horrorizadas de um meio em que só poderiam permanecer em ritmo de retrocesso ao condicionamento das credices e do fanatismo. No campo científico o nada não existe nem pode existir. E como a base da doutrina é a Ciência, a sólida base dos factos, a verdade incontestável é que o nosso movimento espírita não tem base. Se os espíritas conscientes não se dispuserem a uma tentativa de reconstrução, de reerguimento desse edifício em perigo, ficaremos na condição de nababos que desprezam as suas riquezas por incompetência para geri-las. Temos nas mãos a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade propôs a Descartes e mais tarde confiou a Kardec. Mas do que vale a ciência e o poder, a fortuna e a glória, se não formos capazes de zelar por tudo isso e nem mesmo de compreender o que possuímos? Nós mesmos abrimos o portal da muralha e recolhemos, alegres e estultos, o Cavallo de Troia em nossa fortaleza inexpugnável”

(CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO, de José Herculano Pires).

Conheça a inédita e surpreendente opinião de Allan Kardec sobre a homossexualidade!

Paulo Henrique de Figueiredo 25/08/2016 / REVOLUÇÃO ESPÍRITA

Atualmente, a questão da homossexualidade está amplamente presente no debate cultural. Com o passar das décadas, o preconceito e o ódio, apesar de ainda presentes, estão progressivamente se restringindo e, ao menos, a aceitação já está presente nos hábitos cotidianos. Notícias episódicas dos meios de comunicação social relatam cenas de ataques e intolerância; no entanto, muito mais amplamente reconhecido é o facto de que os casais homossexuais podem agir com naturalidade em muitas áreas públicas, lutar por direitos iguais nas instâncias do poder, debater a questão abertamente; o que seria inaceitável em séculos anteriores.

O nazismo é um marco histórico que demonstra quanto o preconceito e a ideia de supremacia faz do homem um animal doente, enfurecido pela raiva, aceitando a perseguição aos inocentes em nome de uma falsa “superioridade”. Contagiando inclusive as multidões, que permaneceram inertes frente aos abusos criminosos de seus dirigentes.

Esse fenómeno, porém, não se restringiu à perseguição aos judeus, narrado pelo holocausto, mas também a outros grupos, como os homossexuais, considerados doentes pelos nazis. Marcados em sua roupa por um triangulo rosa invertido, nos campos de concentração eles foram tratados por médicos nazis que tentavam “curá-los” por métodos brutais e perversos, como injeções de hormonas masculinas e frequência forçada a prostíbulos criados para tal objetivo. Os “curados” eram enviados para combater os russos, absolvidos pelo “bom comportamento”. Os demais, cerca de 5 a 15 mil, foram mortos nas câmaras de gás.

Em momento mais recuado, no século XIX vivido por Kardec, frente ao domínio social das classes burguesas após a revolução francesa, a distinção entre sexos ganhava importância para justificar e impor diferenças entre os comportamentos femininos e masculinos, usadas como explicação para as exigências daquela nova sociedade. O preconceito estava presente na ciência quando se buscava legitimar uma superioridade masculina como sendo biologicamente natural, baseada no senso comum da diferença entre os “géneros”.

Cabia à mulher, como “sexo frágil”, conquistar um bom casamento, cuidar dos filhos e da casa, ficando longe de qualquer função pública. Cabia ao homem usufruir do poder dado pela natureza ao “sexo forte”. Uma falsa teoria, objetivando explicar pela ciência o que, em verdade, se trata de uma distorção cultural. Enquanto na universidade as

possibilidades da ciência abriam grandes perspectivas para o futuro, entusiasmando os rapazes, as mulheres eram completamente afastadas do estudo acadêmico, mantidas sob uma educação antiquada, limitante. É importante lembrar: saber é poder!

Louisa Garrett, deu o seguinte depoimento:

“Permanecer solteira era considerado uma desgraça e aos trinta anos uma mulher que não fosse casada era chamada de velha solteirona. Depois da morte dos pais, o que poderiam fazer? Para onde poderiam ir? Se tivessem um irmão, poderiam viver em sua casa, como hóspedes permanentes e indesejados. Algumas tinham que se manter e, então, as dificuldades apareciam. A única ocupação paga aberta a essas senhoras era a de governantas, em condições desprezadas e com salários miseráveis. Nenhuma profissão lhes era oferecida; não havia mulheres nos gabinetes governamentais; nem mesmo trabalho de secretaria era feito por elas”.

(<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3511571>)

E sobre a educação nas instituições de ensino no século XIX, Louisa explicou:

“Os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas era algo supérfluo: modos, música e um pouco de francês seria o suficiente para elas. Aprender aritmética não ajudará minha filha a encontrar um marido, esse era um pensamento comum. Uma governanta em casa, por um breve período, era o destino habitual das meninas. Seus irmãos deviam ir para escolas públicas e universidades, mas a casa era considerada o lugar certo para suas irmãs. Alguns pais mandavam suas filhas para escolas, mas boas escolas para garotas não existiam. Os professores não tinham boa formação e não eram bem-educados. Nenhum exame público (para escolas) aceitava candidatas mulheres”.

É preciso mergulhar no passado, por meio dos depoimentos e descrições de fontes primárias para recuperar como era a cultura nesse período, pois nossas referências atuais são completamente diferentes. Nas escolas da atualidade, meninos e meninas agem igualmente, recebem os mesmos tratamentos e oportunidades. O mesmo ocorre nas universidades, e, pouco a pouco, as mulheres vão ganhando espaço no desporto, na política, e demais cenários sociais. Todavia, no século XIX tudo isso era impensável. Poucas mulheres tinham acesso a uma educação primária, apenas as pertencentes às famílias mais abastadas, as quais, ainda assim, encontravam o seguinte ambiente escolar, no depoimento de **Teresa Billington**, em sua autobiografia de 1884:

“Nós nos sentávamos e ficávamos silenciosas em nossas fileiras de carteiras, aprendíamos dos livros e nossas tarefas eram corrigidas por uma freira, que era a professora naquele momento, a partir das respostas na parte final de um livro similar ao nosso... Nós tínhamos longos períodos de instrução religiosa... Sexta feira à tarde era devotada exclusivamente a comportamento. Os Modos fazem uma dama, nos era dito, não o dinheiro ou o ensino, não a beleza. Então praticávamos como abrir uma porta, entrar numa sala para trazer uma carta, uma mensagem, uma bandeja ou um presente; a pedir permissão às mães de nossas amigas para que elas pudessem participar de uma festa; a receber visitas na ausência de nossos pais, e assim por diante!”

Ou seja, nesse tempo, a mulher era destinada à procriação e a servir o homem, e sua melhor qualidade estava em ser submissa. Como vimos, uma radical distinção se opunha ao se adotar o conceito de gêneros (leia mais sobre o tema clicando [aqui](#)). Esse já é um problema fundamental a ser debatido.

E quanto ao tema deste artigo, a homossexualidade?

Foi desde essa época, com o auxílio de uma ciência preconceituosa e equivocada, que o homossexual passou a ser qualificado numa categoria de inversão doentia, antinatural e perversa: a aberração de ser homem por natureza, mas comportar-se como a inferior mulher, subvertendo as funções sociais consideradas naturais. Uma degeneração, perversidade, monstruosidade. O estudo de J. F. Costa, “A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo” (São Paulo: Escuta, 1995), define essa situação do século XIX:

“Sua inversão será perversão porque seu corpo de homem será portador da sexualidade feminina que acabara de ser criada. O invertido apresenta um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sexual eram femininos; seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica”.

A existência do homossexual era referida como “sodomia”, “pecado nefando”, “pederastia”.

O autor de “O retrato de Dorian Grey”, **Oscar Wilde** (1854-1900), por ter se apaixonado pelo lorde inglês **Alfred Douglas**, filho do marquês de Queensberry, sofreu duramente as consequências de sua ousadia.

Em 1895, o marquês foi ao tribunal acusando o escritor de homossexualidade. Em meio à sua defesa, **Oscar Wilde** escreveu:

“Tal amor é tão mal compreendido neste século que se admite descrevê-lo como o ‘amor que não ousa dizer seu nome’. Ele é bonito, é bom, é a mais nobre forma de afeição. Não há nada nele que seja antinatural. O mundo não compreende que seja assim. Zomba dele e às vezes, por causa dele, coloca alguém no pelourinho.”

Oscar Wilde, que sempre negou as acusações, foi condenado a dois anos de trabalhos forçados pela prática de “indecência grave”. Sua família o abandonou, seus filhos mudaram de sobrenome. Depois de cumprir a pena, o escritor foi para o exílio em Paris.

Estava execrado socialmente, falido, solitário e debilitado fisicamente. Foi morar em hotéis baratos e, aos 46 anos, morreu, sendo primeiramente enterrado como indigente. Apenas décadas depois é que veio a repercussão internacional, a exposição na imprensa, e a visibilidade tornou o caso de Wilde um marco na luta pelos direitos dos homossexuais.

Foi nesse ambiente cultural que **Allan Kardec** elaborou a ciência espírita, estabelecendo o diálogo entre os homens e os espíritos, formalizando na Doutrina Espírita os ensinamentos dos espíritos superiores.

A **Revista Espírita**, publicada e elaborada pessoalmente por ele todos os meses desde 1858, era o laboratório onde se ensaiavam os temas, ouvindo as opiniões dos pesquisadores espíritas e as mensagens espirituais recebidas por centenas de médiuns em todo o mundo.

Em Abril de 1862 (O Céu e o Inferno, 2ª Parte/Capítulo II – Espíritos Felizes; Senhor Sanson), Kardec evocou o **senhor Sanson**, um espírita da Sociedade de Paris, recém-desencarnado, e lhe fez a seguinte pergunta:

“Os Espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda era homem, tende em vosso novo estado antes a natureza masculina do que a natureza feminina? Ocorre o mesmo com um Espírito que tivesse deixado seu corpo há muito tempo?”

(Obra citada, 2ª Parte/Capítulo II – Número III, Pergunta nº 11)

E, por meio do médium, **Sanson** respondeu:

“Não temos que ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os cria à sua vontade, e se, por seus objetivos maravilhosos, quis que os Espíritos se reencarnem sobre a Terra, acrescentou a reprodução das espécies pelo macho e pela fêmea. Mas vós o sentis, sem que seja necessária nenhuma explicação, que os Espíritos não podem ter sexo.”

Os espíritos sempre ensinaram que eles não têm sexo.

Numa nota, Kardec destacou que

“os sexos não são necessários senão para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, os sexos seriam inúteis para eles”.

No entanto, o objetivo da pergunta era saber se Sanson ainda conservava a impressão de seu estado terrestre, de sua recente condição humana, tão logo após sua morte. Era isso que Kardec queria saber.

Os espíritos superiores sabem e experimentam lucidamente a evidência de não existirem diferenças entre gêneros, mas os espíritos mais simples, ainda materializados, conservam as mesmas paixões e desejos de quando encarnados, e, por isso, acreditam serem ainda homens ou mulheres depois da morte.

Por outro lado, é comum os espíritos se apresentarem com a imagem que tinham quando encarnados, para facilitar a sua identificação.

Na REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866, num inusitado artigo, “**As mulheres têm alma?**”, Kardec vai tratar novamente das diferenças sociais entre homens e mulheres. Ele relata que chegava aos jornais a notícia de que uma mulher havia com sucesso alcançado o grau de bacharel na universidade de Montpellier, França. Pasmem! Kardec afirma que era apenas o quarto diploma concedido a uma mulher até então!

Em seu artigo, o professor explica que essa aquisição acadêmica ainda parecia a alguns “uma monstruosa anomalia”, e que essas conquistas iniciais ainda não representavam um avanço no entendimento ou um reconhecimento da natural igualdade, ainda se estava longe disso, considerava-se que se tratava apenas de uma concessão eventual:

“Depois de se ter reconhecido que as mulheres têm alma, reconhece-se o direito que têm de alcançar formação científica, o que já é importante. A sua emancipação parcial, porém, resulta apenas da delicadeza e das boas maneiras ou, na melhor das hipóteses, de um mais aperfeiçoado sentido de justiça. É uma espécie de favor que lhes é concedido e, necessário será dizê-lo, que lhes é regateado o mais possível.”

(REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866 - tradução JCB)

Naquele tempo, apesar da questão da existência da alma da mulher ser considerada ridícula, ainda não se ponderava que a “igualdade de posição social entre o homem e a mulher fosse de direito natural”, e não uma concessão feita pelo homem.

A contribuição do Espiritismo para o debate é extraordinária e atual. Enquanto atualmente se discute o facto de que as tradicionais diferenças de género se estabeleceram em função da cultura e não da natureza fisiológica (visando justificar o poder do homem), o Espiritismo demonstra o outro extremo da questão:

A igualdade é natural, porque os espíritos não têm diferenças sexuais!

Ou seja, se a divisão de sexo por géneros é cultural (se sabe hoje), a igualdade é natural (explicam os espíritos).

Esse é o ponto fundamental para se compreender o que o Espiritismo veio acrescentar ao debate! Essa contextualização ou entendimento da situação cultural de quando Kardec escreveu seus livros e revistas é primordial para se compreender os fundamentos da Doutrina Espírita.

No tema que agora analisamos, a pergunta essencial é esta: “Deus criou almas machos e fêmeas, e fez estas inferiores às outras?”.

E então Kardec esclarece:

Entregue a si próprio, o homem só podia formular a este propósito hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre discutíveis. No mundo visível, nada lhe podia dar provas evidentes do erro ou da verdade das suas opiniões.

Para ficar esclarecido teria que ir às origens, sondar os mistérios do mundo imaterial que desconhece. Estava reservada ao espiritismo a competência para esclarecer esse problema, já não pelo raciocínio, mas pelos factos, fosse pelas revelações de além-túmulo, fosse pelo estudo que dia a dia tem a competência para realizar acerca do estado das almas depois da morte.

O mais importante é que tais estudos não dizem respeito a um só indivíduo nem às revelações de um só Espírito. São, ao contrário, o produto de inúmeras observações feitas dia a dia por milhares de indivíduos, por todo o mundo, podendo por isso alcançar a poderosa condição do controle universal, na qual se estribam todos os princípios que constroem a ciência espírita. E são os seguintes os resultados dessas observações:

- As almas ou Espíritos não têm sexo.
- Os afetos que os aproximam nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mais duradouros, porque baseados numa afinidade real, em nada dependente das condicionantes da matéria.

(REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866 - tradução JCB)

As almas não têm sexo, ensina o Espiritismo, e a diferença entre o masculino e o feminino estão relacionadas unicamente à necessidade de procriação e às funções instintivas e necessárias à preservação da espécie humana, como ocorre com todas as espécies animais.

Afinal, nosso corpo físico é animal. Isso vem desde os tempos primitivos, quando os hominídeos concorriam pela sobrevivência.

Em sociedade, **com o objetivo de progredir moral e intelectualmente por seu próprio esforço**, o espírito nasce como homem ou mulher, pobre ou rico, senhor ou servidor, trabalhador do pensamento ou da matéria, buscando vivenciar toda a diversidade de oportunidades para sua aprendizagem.

Desse modo, explica Kardec:

“O Espírito encarnado, sofrendo a influência do organismo, seu carácter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo. **Essa influência não se apaga**

imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo que não se perdem instantaneamente os gostos e os hábitos terrestres;

depois, pode ocorrer que o Espírito percorra uma série de existências num mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher do qual a marca permaneceu nele. É apenas o que ocorre a certo grau de adiantamento e de desmaterialização que a influência da matéria se apaga completamente, e com ela o caráter dos sexos. **Aqueles que se apresentam a nós como homens ou como mulheres, é para lembrar a existência na qual nós os conhecemos”.**

(REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866)

Em seu processo evolutivo, na fase inicial de sua trajetória, o espírito leva e traz influências entre a vida corpórea e a vida espiritual, sucessivamente.

Em espírito, não tem necessidades fisiológicas materiais, como a diferença de sexo, emoções básicas, instintos de conservação — pois o espírito é imortal.

Todavia, quando desencarna, muitos espíritos imperfeitos conservam essas características de forma ilusória no mundo espiritual, demorando a perceber as diferenças fundamentais de sua nova condição. Só com o passar de muitas vidas vai compreendendo e se adaptando à essa nova realidade.

O mesmo pode ocorrer, quando o espírito reencarna, propõe Kardec:

“Se essa influência repercute da vida corpórea à vida espiritual, ocorre o mesmo quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corpórea. Numa nova encarnação, ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, fará um homem avançado; se for atrasado, fará um homem atrasado”.

(REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866)

É, enfim, exatamente aqui que, no desenvolvimento desse raciocínio sobre a influência dos hábitos e tendências do indivíduo mantido vida após vida nesse estágio inicial do espírito, que surge para Allan Kardec uma hipótese de causa natural para a condição homossexual. Ele afirma:

“Mudando de sexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres”.

(REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866)

É muito importante destacar aqui que o termo “anomalia aparente”, usado por Kardec, estava presente nas ciências da época, se referindo aos fenômenos que fogem da explicação das teorias aceitas, não sendo para elas “normais”; **mas que, ao se encontrar uma nova explicação natural para o fenômeno em novas teorias, elas deixam de ser “anomalias” e se tornam fenômenos naturais.**

Por isso ela é “aparente”. Em outra circunstância, por exemplo, Kardec se referiu à lei da reencarnação como natural, explicando, enfim,

“todas as anomalias aparentes da vida: é a luz lançada sobre o nosso passado e o nosso futuro, o sinal manifesto de vossa soberana justiça e de vossa bondade infinita”

(“O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, Capítulo XXVIII – número V).

Podemos concluir, finalmente, que as questões de sexo, considerando os indivíduos como homens e mulheres, machos e fêmeas, estão circunscritos à condição material fisiológica dos organismos animais a que estão associados durante a encarnação.

Em sua essência, o espírito não tem sexo, não tem gênero. Em sua fase inicial de evolução, porém, essas diferenças permanecem pelos hábitos, tendências e gostos. E são mantidas pela cultura. Entre os espíritos evoluídos, no entanto, essas deixam de ser diferenças, e não há mais qualquer distinção que sustente preconceitos e disputas de poder.

Como a vida espiritual é a principal, e a evolução será o destino de todos os espíritos, todas as questões referentes à homossexualidade são circunstanciais, um debate humano, cultural e temporal; que perderá sentido no futuro, quando a humanidade houver conquistado uma nova condição evolutiva; tornando-se solidária, igualitária e livre de preconceitos.

E então Kardec finaliza seu artigo com uma admirável conclusão, colocando o Espiritismo na vanguarda da emancipação da mulher:

“Com a doutrina espírita, a igualdade da mulher já não é uma simples teoria especulativa; não é uma concessão da força à fraqueza, **é um direito fundado sobre as próprias leis da Natureza**. Dando a conhecer estas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade”.

(REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1866, frase final do artigo)

Denúncia: arquivos e correspondências de Allan Kardec foram incinerados, prejudicando o resgate histórico do Espiritismo

Paulo Henrique de Figueiredo 01/09/2016 / HISTÓRIA, REVOLUÇÃO ESPÍRITA

Um lamentável episódio ocorreu após o falecimento da esposa de Allan Kardec, a senhora AMÉLIE BOUDET, em 1883.

Um atentado irreparável à história, não só do Espiritismo, mas da humanidade, teve lugar na execução do espólio, que incluía móveis, imóveis, livros, e tudo que pertencia não só ao casal Rivail, mas também à antiga **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE)**, na qual, durante mais de uma década, foram recebidas comunicações de espíritos superiores, dialogando com os pesquisadores na elaboração da Doutrina Espírita.

Durante essa execução testamentária, numa atitude equivocada e impensada, **todo o legado documental dessa pesquisa cuidadosamente arquivada por Kardec para servir às gerações futuras foi queimada numa pilha de papéis!**

Perdemos, nessa ignóbil pira, o acesso aos questionamentos, comunicações espirituais, trocas de cartas; fontes primárias inestimáveis para reconstruir os passos dos iniciadores da doutrina, seus debates, dúvidas e exemplos.

Vamos aos factos dessa denúncia

Nada disso teria chegado ao nosso conhecimento, se não fosse a nobre e corajosa iniciativa da médium e grande amiga do casal Rivail, senhora Berthe Fropo.

Quando o professor Rivail morreu em 31 de Março de 1869 por um ataque cardíaco fulminante, enquanto preparava a mudança de sede da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), Berthe tornou-se a amiga predileta e conselheira de sua esposa.

Foi presença incansável no dia a dia de Amélie, participando tanto das questões diárias da vida como também da defesa do legado do Espiritismo. Por meio de comunicações, Allan Kardec, em espírito, as orientava, dando conselhos e alertas.

Berthe nasceu Berthe Victoire Alexandrine Thierry De Maugras, no dia 3 de Outubro de 1821, curiosamente a mesma data de aniversário de Allan Kardec, em Sarreguemines, cidade francesa da região de Alsácia-Lorena. Perto da fronteira com a Alemanha. Ficou viúva desde 1885 do conceituado médico Joseph Fropo.

No decorrer dos anos, após a morte de Kardec, Berthe ficou indignada com o tratamento que Amélie vinha recebendo daqueles que foram nomeados para dar continuidade à divulgação das obras de Kardec.

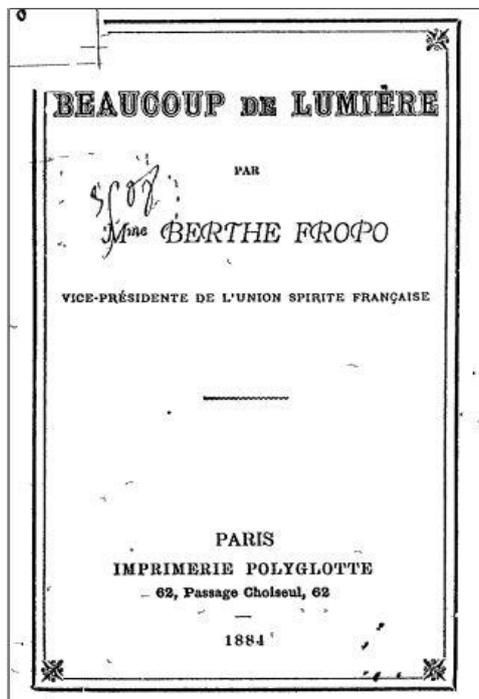
A esposa de Kardec chegou a ficar doente quando seus apelos e conselhos para uma divulgação adequada do Espiritismo não foram ouvidos.

Pierre-Gäetan Leymarie e mais alguns, de posse de procurações dos demais sócios da sociedade, adulteraram os propósitos originais da Revista Espírita e das atividades da SPEE, publicando artigos sobre esoterismo, doutrinas diversas como a teosofia de Helena Blavatsky, entre outros desvios e mistificações.

Diante de tão graves deturpações, BERTHE percebeu que não poderia ficar calada, pois isso impediria que as gerações futuras conhecessem a verdade. Desse modo, tomou a iniciativa de registrar em livro tudo o que estava ocorrendo. Nessa época, ela era vice-presidente da UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, grupo criado por Amélie, Berthe, Gabriel Delanne, Léon Denis, e outras lideranças fieis a Kardec (que por meio de mensagens havia orientado a criação desse grupo), com o objetivo de recolocar nos moldes originais a divulgação do Espiritismo.

O título escolhido para o livro foi BEACOUPE DE LUMIÈRE, que poderíamos traduzir por “Muita luz”. Impresso pela “Imprimerie Polyglotte” em 1884, é um importante documento histórico que pode ser encontrado digitalizado na BNF – Biblioteca Nacional da França.

(CTRL+clique [AQUI](#) para ter acesso ao livro original).



Segundo nos informa BERTHE, era desejo conhecido de Amélie que o senhor Hubert Joly, amigo de Kardec. sócio da Sociedade e gerente da Revista Espírita, fosse o encarregado do inventário.

Porém, algo muito estranho aconteceu. Apesar de a Sociedade ser uma entidade coletiva, nenhum sócio ou mesmo o senhor Joly estavam presentes nesse ato.

Foram considerados como herdeiros de todo o espólio de Allan Kardec e da SPEE o senhor Pierre-Gäetan Leymarie e sua família!

E, para tanto, foram ajudados pelo senhor Vautier, tesoureiro da Sociedade e administrador.

Porém, denuncia BERTHE, não foi realizado inventário, nem a venda pública dos bens, a não ser alguns móveis e utensílios vendidos aos antiquários de Paris. Ou seja, as históricas mesas, cadeiras, quadros, e demais objetos que presenciaram o surgimento do Espiritismo se espalharam pelos lares dos compradores de antiguidades.

Mas o pior estava por vir. O senhor Vautier, numa conduta que seria aceitável caso se tratasse de um inventário comum, quando papéis velhos se acumulam como se fossem lixo, não se deu conta da gravidade de seu ato, e afirma BERTHE, “me fez tremer de indignação assistir a um verdadeiro auto de fé”, quando “queimou no jardim lotes de papéis e de cartas” dos arquivos da SPEE e de Allan Kardec.

E comenta:

“Que comunicações interessantes, que notas deixadas pelo mestre foram destruídas!”

Reproduzimos essas graves denúncias em nossa obra *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec*, e lá destacamos o quanto Kardec considerava precioso para o futuro o legado dos arquivos que tão cuidadosamente construiu ano após ano, em sua elaboração da Doutrina Espírita:

“Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a **uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo**, quadro vivo da verdadeira história do espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?”

(“A Gênese” – parte da nota de rodapé colocada por Allan Kardec no nº 53 do Capítulo I – Fundamentos da Revelação Espírita)

Todos esses preciosos documentos, que contavam uma história não registada nos livros e revistas já publicados por Kardec, ficaram perdidos.

Perdemos a possibilidade de conhecer essas dedicações e desfalecimentos, os artigos de ensaio, as mensagens acessórias, e tudo o mais que permitiria estudar e elaborar entendimentos novos sobre a história do Espiritismo.

Alguns poucos papéis haviam sido escolhidos por Pierre-Gäetan Leymarie em 1870, dando origem à publicação do livro “Obras Póstumas”, **cuja publicação foi feita muito mais tarde em 1890.**

Algumas poucas cartas se preservaram pelo resgate do escritor paulista de Taubaté, Silvino Canuto Abreu. Todo o arquivo restante, enfim, restou destruído em 1883.

No entanto, não se há de esmorecer. Existem muitos documentos disponíveis para enriquecer na pesquisa da história e filosofia da ciência espírita. Jornais e revistas publicados pelo movimento espírita da época, notícias dos jornais franceses, documentos em cartórios, obras mantidas nas bibliotecas, são fontes que podem enriquecer e recuperar factos para completar a compreensão dessa Doutrina tão importante não só para os espíritas, mas, afirmará o futuro, para toda a humanidade.

Internet é passado! Saiba como será possível conversar pelo pensamento: o futuro da comunicação

Paulo Henrique de Figueiredo 08/09/2016 / CIÊNCIA ESPÍRITA

Muitas das grandes descobertas da ciência tiveram início a partir de um simples fenómeno do quotidiano. Todavia, o olhar atento de um cientista, fugindo do lugar comum, permite ver naquilo a pista de algo maior.

Durante séculos, por exemplo, o íman servia a brincadeiras, como mover um barquinho de papel sobre as águas, numa bacia. Atualmente, ele move motores, gera energia eléctrica, e se pensarmos bem, transformou a vida humana. O mesmo ocorreu com tantos outros achados fundamentais da tecnologia.

Nos intriga, porém, como nossa civilização pode ter avançado tanto na compreensão da matéria e nada saber sobre a alma.

Quando ela não é negada, como na doutrina materialista, é uma grande desconhecida, como ocorre na psicologia. Isso ocorre porque os psicólogos não estão dando atenção a um desses simples fenómenos do quotidiano que escondem gigantescas descobertas, **o sonambulismo.**

Ele já foi retratado em desenhos animados e histórias em quadrinhos, o indivíduo dormindo se levanta, com os braços estendidos, e caminha para fora do quarto, fugindo dos perigos. E quando acorda leva um susto, não se dando conta de tudo o que ocorreu!

Esse esquecimento justifica porque o sonâmbulo geralmente fica sabendo de sua condição quando um familiar ou amigo conta, pois ele não se lembra de nada do que faz dormindo.

Palestrando sobre o tema pelo Brasil, tive oportunidade de ouvir interessantes histórias de sonâmbulos.

Uma moça aqui de São Paulo, que morava sozinha, contou-me que se levantava durante a noite, na cozinha preparava comida, sentava-se à mesa, comia, lavava a louça e voltava para a cama.

No dia seguinte, não se lembrava de nada. Começou a notar falta de mantimentos e algumas desordens na cozinha. Foi quando uma amiga dormiu certa vez em sua casa, que foi possível explicar o intrigante fenómeno.

Outro caso foi de um engenheiro do Rio de Janeiro que, durante a noite, dirigia-se até à sala, pegava um livro, e dava conta da leitura por horas. Depois apoiava o marcador na página na qual tinha parado e voltava para a cama.

No século XIX, narra **Albert de Rochas**, um farmacêutico era famoso por levantar-se durante a noite, em estado sonambúlico. Sentava-se na escrivaninha, calculava as proporções dos medicamentos, dirigindo-se depois ao laboratório que ficava numa sala de sua casa, e lá ligava as chamas, misturava as substâncias e preparava os remédios.

Depois de deixar tudo em ordem, voltava para a cama e dormia o resto da noite!

Esse fenómeno natural ocorre com milhares de pessoas. Nem todos agem ativamente como os exemplos que demos. Normalmente apenas balbuciam palavras, sentam-se na cama e andam pelo quarto. Muitos abrem portas e há narrativas dos que saem de pijama para a rua.

Esse fenómeno não chama a atenção de ninguém além de ser uma particularidade curiosa. Não foi o que ocorreu com o médico Franz Anton Mesmer no século XIX. Ele atendia seus pacientes por meio dos passes, tratamento que chamou de Magnetismo Animal, mesmo nome da ciência que desenvolveu.

Pois bem, alguns dos pacientes, diante dessa imposição de mãos que podia durar até uma hora, caíam no sono. Todavia, entre muitos, para alguns não era uma condição comum. Eles podiam falar, ver, ler e até enxergar o que ocorria à distância além das paredes, mantendo os olhos fechados.

Em verdade, todos os sentidos podiam ser aguçados nessa condição especial de sono, que se denominou **sonambulismo provocado**. Até mesmo o paladar, como comentou Mesmer:

“Conheço uma pessoa vivaz cujos nervos são muito irritáveis e que, tendo unicamente na língua esta irritação e conservando sua lucidez, disse-me várias vezes: “Comendo esta pequena crosta de pão, do tamanho da cabeça de um alfinete, parece-me que tenho na boca um grande e saboroso pedaço. Mas, o que há de bem singular, não somente sinto o sabor de um bom pedaço de pão, como sinto, separadamente, o gosto de todas as partículas que o compõem – a água, a farinha, tudo enfim me produz uma multidão de sensações que não posso expressar e que me dão ideias que se sucedem com rapidez extrema, mas que não são exprimíveis por palavras”.

(Paulo Henrique de Figueiredo, “MESMER – a ciência negada e os textos escondidos”).

Esse fenómeno ganhou o nome de **sonambulismo provocado**, por se tratar do mesmo que narramos, só que provocado pelos passes do magnetizador.

Nessa condição, explica Mesmer, há uma ligação mental, mediada por um meio material subtil, entre a vontade e o pensamento do magnetizador e do sonâmbulo.

De tal maneira que basta o magnetizador pensar que o sonambulizado responde e ele age de acordo com o comando.

Essa conquista experimental de Mesmer foi fundamental para que esse estado alterado de consciência deixasse de ser uma curiosidade para surpreender a ciência, pois essa **ligação**, ou “**rapport**”, como chamou seu descobridor, deu a ele uma condição experimental.

Era possível então dialogar com o sonâmbulo e conhecer suas incríveis capacidades. Nem todos têm as mesmas capacidades, elas são variáveis, mas os sonâmbulos podem examinar os organismos por dentro, descrever os estados dos órgãos e até propor diagnósticos das doenças que porventura encontrem.

Foi por isso que os discípulos e futuros pesquisadores da ciência criada por Mesmer criaram consultórios, onde os sonâmbulos examinavam os pacientes, prescreviam tratamentos e até previam os passos e o momento exato da cura.

No entanto, para explicar adequadamente tal extraordinário fenómeno seria preciso esperar o surgimento do Espiritismo, pelo trabalho de Allan Kardec.

Antes mesmo de iniciar as pesquisas que levariam à publicação de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Kardec já havia estudado o sonambulismo, em todas as suas fases, por mais de trinta e cinco anos!

Os primeiros médiuns franceses que permitiram a pesquisa para essa obra eram antigos sonâmbulos, que passaram a transmitir as palavras e pensamentos dos espíritos superiores em seus ensinamentos. Foi exatamente nessa obra inaugural do Espiritismo, que eles afirmaram:

“Para o Espiritismo, o **sonambulismo** é mais do que um fenómeno fisiológico, é uma luz projetada sobre a Psicologia. É nele que se pode estudar a alma, porque é nele que ela se mostra a descoberto”.

Ou seja, essa curiosa condição natural, que serve para fazer rir as crianças nos desenhos, é o fenômeno chave para o desenvolvimento experimental da psicologia, o que pode representar uma nova era para a ciência.

Até hoje, o desenvolvimento tecnológico se deu no campo da matéria, e os resultados foram extraordinários para a humanidade. Basta lembrar do que ocorreu quando se aprendeu a manipular as ondas eletromagnéticas, resultando nas comunicações por satélites, celulares, internet, e tudo o que hoje define a vida moderna.

Pois bem, neste terceiro milênio, será a **compreensão das capacidades desconhecidas do homem** o que irá transformar definitivamente a vida humana!

Tudo se dará quando os pesquisadores voltarem a se dedicar a **estudar o sonambulismo provocado**. Uma educação dos sentidos, a partir das descobertas da capacidade dos sonâmbulos, poderá permitir no futuro a comunicação pelo pensamento, sem barreiras de distância.

Não há limites para se imaginar o que poderá ocorrer com essas extraordinárias possibilidades. No entanto, o materialismo não tem meios de permitir avançar nessa fabulosa descoberta. Somente o espiritualismo tem condições teóricas para tanto. E essa busca já teve início nas pesquisas de Kardec, veja só:

“Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que ele vê o que descreve, mas não pelos olhos do corpo: vê-se a si mesmo no local e para lá se sente transportado. Nesse sítio existe, portanto, qualquer coisa dele mesmo. Essa qualquer coisa, não sendo o seu corpo, só pode ser a sua alma ou o seu Espírito.

Enquanto os homens se perdem nas sutilezas de uma metafísica abstrata e incompreensível, na busca das causas da nossa existência moral, Deus põe, diariamente, perante os seus olhos e nas suas mãos, os meios mais simples e mais evidentes para o estudo da psicologia experimental.”

(“O Livro dos Espíritos” – Livro Segundo. Cap.VIII. Emancipação da Alma, trad. JCB/MCB)).

Tratamos do sonambulismo provocado, e suas relações com o Magnetismo Animal e o Espiritismo, mais extensamente na obra **Revolução Espírita** – a teoria esquecida de Allan Kardec. Anteriormente tratamos dele em **Mesmer** – a ciência negada e os textos escondidos.

Fugir da “metafísica abstrata e ininteligível” e percorrer o caminho adequado do estudo científico desse fenômeno: esse será o caminho que tornará a **psicologia** neste terceiro milênio para a **alma** o que foi a **física e a química para a matéria** no segundo. Não se trata de uma profecia, mas um simples raciocínio resultante da análise dos factos. Quem viver verá!

Diferindo de todas as religiões tradicionais, o Espiritismo é a única proposta de AUTONOMIA MORAL

Paulo Henrique de Figueiredo 21/09/2016 / FILOSOFIA

A base fundamental da revolução espírita está no estabelecimento da AUTONOMIA MORAL como base da educação e das relações sociais humanas. Mas o que é autonomia moral?

Afirma-se na REVISTA ESPÍRITA de 1870, página 91:

“O estado de direito, a autonomia da consciência individual, o progresso moral e intelectual, o reinado do amor e da justiça, será o futuro para o qual o espiritismo dá a base fundamental”.

Tradicionalmente, as **religiões positivas**, a **escola tradicional** e os **governos**, desde o início da civilização, submetem as pessoas à **autoridade pela obediência passiva**, ditando o modo de agir sob o regime do **castigo e da recompensa**, conforme o princípio da HETERONOMIA.

Segundo a VISÃO DOGMÁTICA do cristianismo, todos são pecadores, os que não forem salvos, após o julgamento final, sofrerão eternamente no inferno.

Os salvos viverão a plenitude do céu. Neste pensamento, há dependência, submissão, obediência cega quanto ao indivíduo. E, coletivamente, **na comunidade heterónoma, há segregação, competição, divisão**. Alguns se consideram melhores do que os outros. Isso não é novidade para ninguém! Não só essa orientação foi imposta pelas **religiões tradicionais** como sendo a relação com Deus, como também a **sociedade materialista** impõe a **competição, segregação** entre uma minoria superior e a grande massa considerada subserviente.

Nas escolas, as crianças competem para serem as melhores, as que não se desempenham bem são castigadas. A moral heterónoma é o padrão das relações sociais.

Por sua vez, a autonomia moral e intelectual pressupõe o uso da razão e do senso moral para o autogoverno e o desenvolvimento da personalidade. Essa será a grande mudança que transformará o mundo! Quando as pessoas se relacionam de forma **autónoma**, há um **respeito bilateral**, ocorre a **cooperação e o apoio mútuo**, e não por competição.

Há uma valorização da diversidade, e por isso a inclusão se torna natural. Não há medo de errar, mas a tentativa é que leva ao conhecimento. Cada indivíduo tem seu valor, sua contribuição, algo que o torna relevante. Todos merecem, enfim, a igualdade de oportunidades!

Enquanto pensadores como **Rousseau, Kant, Piaget, Paulo Freire**, fundamentaram a **educação pela liberdade** como factor de transformação da humanidade, o espiritismo revela que a **autonomia é a lei natural** que rege a relação do espírito com a humanidade universal. Ou seja, é fantasiosa a ação arbitrária de Deus castigando ou recompensando, como se ajuizava nas doutrinas religiosas e sociais do velho mundo.

A moral espírita se fundamenta na **autonomia moral**, essa é a questão central dessa proposta filosófica moderna. Desse modo, o **Espiritismo** apoia todas as iniciativas que concorrem para esse objetivo. Será esse o caminho pelo qual ocorrerá a **regeneração da humanidade**, pelo esforço voluntário de cada um! Mãos à obra.

Que adianta torna-se espírita e temer o umbral, como se temia o inferno? Conheça a verdade

Paulo Henrique de Figueiredo 05/10/2016 / MORAL E RELIGIÃO

A maioria dos espíritas recebeu uma catequização católica, ao menos na infância. Talvez esteja aí a raiz de uma peculiar transferência. Ainda imerso nas descrições clericais da vida após a morte, o principiante espírita faz apenas uma troca de nome, deixa de temer **o inferno** e passa a temer **o umbral**.

Muda o nome, permanece a ameaça.

Uma senhora, à entrada da casa espírita, já afirmou:

– Luto todo dia para não fazer nada de errado, me pelo de medo de ir para o umbral quando chegar a hora. Meu sonho são os jardins e delícias da colónia espiritual Nosso Lar!

É um senso comum, uma transferência natural de uma criação milenar, pertencente a diversas tradições pagãs e cristãs, **os infernos**, onde o sofrimento impera e castiga, e uma doutrina ainda pouco compreendida, contanto apenas 160 anos da sua elaboração, o espiritismo!

Allan Kardec sabia que seria necessário esclarecer minuciosamente estas questões, para apresentar um quadro novo do mundo espiritual aos que saíram do dogmatismo católico.

Por isso, retomou todo o catecismo e a teologia adotados pela igreja e raciocinou quanto a cada ponto, em sua obra “O CÉU E O INFERNO”, publicada em Paris em 1 de Agosto de 1865.

Há uma particularidade pouco lembrada quanto aos dogmas da igreja. Segundo eles, o sofrimento dos infernos deverá ser físico, pungente, na pele mesmo. O condenado deve sentir o calor do fogo, o queimar das carnes, o penetrar dos tridentes, a pressão e o trucidar das correntes.

Mas quando são enviados aos infernos, esses condenados – como explica Kardec quanto à concepção da igreja – perderam o corpo, pois esse morreu e se desfez neste mundo:

Os condenados, presentemente no inferno, podem ser considerados puros Espíritos, uma vez que só a alma aí desce, e os restos entregues à terra se transformam em ervas, em plantas, em minerais e líquidos, sofrendo inconscientemente as metamorfoses constantes da matéria.

(“O CÉU E O INFERNO”, Primeira Parte – Capítulo IV, número 12)

Não se pode esquecer esse processo, quando se trata da doutrina da igreja! **No momento da morte, ninguém sofre ainda**. Só depois, quando Deus destruir este mundo e, no JUÍZO FINAL, restituir os corpos, agora imortais, mas feitos

igualmente de carne e ossos, **para que o sofrimento no inferno seja físico, real, fisiológico**. Desse modo, continua Kardec:

Os eleitos ressuscitarão, contudo, em corpos purificados e resplendentes, e **os condenados** em corpos maculados e desfigurados pelo pecado.

Isso os distinguirá, não havendo mais no inferno puros Espíritos, porém homens como nós. Em consequência disso, **o inferno é um lugar físico**, geográfico, material, uma vez que tem de ser povoado por criaturas terrestres, dotadas de pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis.

(Idem, ibidem).

Aqui está o ponto fundamental deste artigo. A concepção dos infernos considera um lugar físico, material, semelhante ao mundo atual, todavia, piorado.

Não chega a luz do sol, não se percebe o suceder dos dias e noites, não há lua. Um cheiro insuportável de enxofre, fumaça, suor, sangue. Labaredas de fogo, caldeirões fumegantes. Desolação e sofrimento sem fim.

É preciso considerar um Deus bastante vingativo e que odeia muito aqueles que lhe desobedeceram para condenar alguém a viver eternamente nesse horror! É algo para se pensar à parte.

Basta imaginar que uma inocente criança, simples e alegre em seu lar, nos braços de seus pais, cuidada com amor e carinho, mas que não tenha sido batizada!

Corre o risco, a coitadinha, de sair desse lar aconchegante, e, depois do juízo, se ver sozinha, fugindo dos tormentos dos demônios, abandonada eternamente pelo seu criador!

A doutrina espírita oferece uma explicação bastante diversa da vida após a morte.

Primeiramente, **o mundo espiritual é também um lugar físico, mas cujas propriedades são completamente diferentes de nosso mundo.**

No mundo material em que nos encontramos, se colocássemos pessoas de personalidades diversificadas, como a mãe de Jesus, um bandido, Herodes, camponeses e um filósofo genial, todos numa sala, e se fizéssemos uma fogueira enorme, todos iriam suar de calor, não importa as diferenças morais e intelectuais de cada um.

Esse mesmo grupo, levado para o polo norte, todos iriam sofrer um frio lancinante, igualmente.

O corpo físico reage da mesma forma, de acordo com o ambiente físico no qual se encontra.

Esse raciocínio valeria caso a vida futura ocorresse como a doutrina das igrejas cristãs imaginam o céu e o inferno.

Os espíritos superiores ensinam, porém, que **o mundo espiritual** tem a particularidade de ser influenciado diretamente pelo que pensam e sentem seus habitantes. **É o inverso de nosso mundo.**

NO MUNDO MATERIAL, o ambiente influencia nosso corpo (lugar frio arrefece o corpo).

NO MUNDO DOS ESPÍRITOS, segundo o espiritismo, o corpo espiritual tem a propriedade de ser mais denso e materializado, **quando o espírito está apegado às emoções e imperfeições,**

e torna-se leve, ténue, alcança distâncias, pode transpor-se para outros planos, **quando o espírito evolui intelecto-moralmente.**

Ou seja, **um bom espírito**, ganha, pela constituição mesma de seu perispírito, a liberdade de agir, de ir e vir, de transportar-se pelos orbes.

Enquanto isso, **um espírito imperfeito**, pela **condição materializada de seu corpo espiritual**, em virtude do padrão de seus pensamentos e sentimentos, tem reflexos das sensações materiais, e sofre as ilusões do frio, calor, sede, fome, medo e tantas outras.

São ilusões, mas com plena realidade pela subjetividade do próprio espírito, ao se manter prisioneiro de suas próprias escolhas!

Quando uma diversidade de espíritos presos aos seus apegos, imersos na raiva, medo, vingança, inveja, materializam o perispírito e estão juntos, vão moldando o ambiente ao seu redor pela força de seu pensamento.

Eles **poderiam** criar um ambiente agradável, belo, sublime até. **Mas suas ideias fixas não deixam.**

Seus pensamentos densos, criam ambientes escuros, pesados, desagradáveis.

Ou seja, não há um lugar onde os espíritos sofredores sejam colocados para sofrer. **É o inverso.**

São os pensamentos e sentimentos densos, as imperfeições morais do próprio indivíduo a causa do ambiente que ele cria para si mesmo.

O **mundo espiritual** é imanente (inseparável, inerente) **ao mundo material**, é bom lembrar.

Nós, encarnados, estamos vivendo em dois mundos ao mesmo tempo.

No **mundo material**, com o corpo físico. E no **mundo espiritual** com nosso perispírito.

Não faz sentido, então, nos preocuparmos com o lugar para onde iremos após a morte. O raciocínio é outro! O que deveremos procurar saber é qual o nível a que já nos encontramos agora?

Segundo nosso padrão de pensamentos e sentimentos, estamos sintonizados, ambientados, em determinadas **condições espirituais**.

Quem tem raiva constante, **materializa** também o perispírito.

Quem se desprende, permanece sereno, vive em cada momento sua emoção adequada. Não se apega aos factos passados, revivendo emoções passadas.

Esse mantém seu **perispírito leve, suave, desmaterializado**.

Céu e inferno são criações pessoais de cada um de nós. São escolhas livres, regidas por leis naturais. **A autonomia é o fundamento da vida**.

E como se faz para sair dessa situação difícil na qual se encontram muitos espíritos depois da morte?

Há uma só saída: **a vontade**. Nenhum outro ser pode mudar o padrão de pensamento e sentimento do outro, só ele mesmo. **Só muda quem quer mudar**.

Quando um espírito decide sair do sufoco e sofrimento que está vivendo, **basta uma prece sincera a Deus, um apelo aos bons espíritos**, e será imediatamente auxiliado, por alterar voluntariamente seus pensamentos!

Não é preciso ficar absolutamente puro para mudar sua vida. Basta uma mudança em suas disposições morais, explicou Kardec. **E isso está ao alcance de todos**.

Guarde esse ensinamento. Um dia ele poderá, certamente, lhe ser útil!

Quem quiser saber mais sobre a matéria do mundo espiritual, a lei natural que rege a moral, e muito mais, recomendamos a leitura de **REVOLUÇÃO ESPÍRITA** – a teoria esquecida de Allan Kardec.

GUIA SEGURO PARA A VIDA APÓS A MORTE. Saiba como caminhar firmemente no mundo espiritual

Paulo Henrique de Figueiredo 26/10/2016 / ARTIGOS

Trata-se de uma unanimidade, todas as religiões ancestrais fazem referência a um INFERNO.

Para o HINDUÍSMO, uma das regiões do ciclo das transmigrações da alma é a NARAKA, submundo destinado aos indivíduos que se deixaram dominar pela raiva e vão para lá para serem purificados. Não é uma condenação eterna, mas uma fase depurativa da alma pelo sofrimento intenso.

Montanhas de ferro atravessadas por rios do metal fundido, céu em brasa.

Mas há também um INFERNO frio, onde só há gelo e neve numa paisagem desolada. O maior desafio dos que lá são enviados está em superar a raiva para avançar aos demais reinos da grande roda de renascimentos.

As imagens CRISTÃS sobre inferno e paraíso receberam influência das tradições mais antigas.

Não há nenhuma descrição desses lugares nos evangelhos.

Para os GREGOS, depois da morte todas as almas eram levadas ao HADES, terra dos mortos, governada pelo deus de mesmo nome. Isso depois de atravessar o **rio Aqueronte**, pegando a **balsa do Caronte**, que cobrava uma moeda para o serviço.

Quem se recusasse a pagar, ou tentava enganar o barqueiro e fosse apanhado, corria o risco de ficar eternamente à margem. Chegando lá, o destino seria decidido pelos juízes.

O inferno propriamente dito era o TÁRTARO, destino das almas malignas e prisão dos titãs.

Portão de bronze, muralhas triplas, não havia como escapar.

Já o paraíso estava representado pelos CAMPOS ELÍSIOS, morada dos heróis, santos, poetas e boas almas.

Lá corre o **rio Estígio**, da imortalidade. Foi nele que a mãe de Aquiles o mergulhou, segurando-o pelo calcanhar, o que tornou essa parte de seu corpo seu ponto fraco.

Nesses campos havia cascatas de vinho que não embriaga. O **palácio de Hades** e de sua esposa Perséfone ficava aqui, em meio a um bosque.

Algumas almas poderiam voltar a reencarnar depois de mil anos. Há um vale onde se esperava pelo novo corpo, e o **rio Lete**, do esquecimento, bebendo sua água se esquecia de tudo o que se viveu nas vidas passadas.

Todas as referências descrevem sofrimentos físicos, experimentados num corpo físico, devido ao ambiente tormentoso onde foram lançados.

Deuses e outros seres seriam responsáveis por perseguir aqueles que tentavam fugir, **julgar destinos, aplicar castigos.**

Mas é preciso lembrar que *nesses tempos remotos a ação dos deuses não se limitava aos mundos espirituais, eles também agiam em nosso mundo!* Vejamos os raios, por exemplo.

Na Grécia, Zeus demonstrava aos homens sua ira e desaprovação lançando ao mundo trovões, raios e tempestades. Homero descreve no clássico poema Odisseia:

“Corria o barco ao sopro forte e favorável de Bóreas, em alto mar, acima de Creta, quando Zeus decidiu o seu extermínio. Quando não se avistava terra nenhuma, apenas céu e mar, o filho de Crono deteve uma nuvem negra por cima do bojudo barco e o mar escureceu abaixo dele; ao mesmo tempo, Zeus trovejou e vibrou um raio sobre o barco; este deu uma volta completa sob o impacto do raio de Zeus e ficou cheio de fumo de enxofre.”

Só escapou Ulisses dessa tragédia narrada no século oitavo antes de Cristo. Nesse tempo, não havia noção de leis naturais, e os fenômenos da natureza eram interpretados como atos diretos dos deuses, representando seus sentimentos, vontades, reprovações.

Atualmente, a ciência demonstra como os factos de nosso mundo são geridos por leis naturais, como a gravidade.

Essa lei natural vale em todo o universo observável. De quanto mais alto cai um objeto, devido à aceleração, maior será a velocidade no momento do impacto. Desse modo, todos sabem que não é arriscado pular de um degrau, mas pode ser mortal pular de um telhado. *Não se trata de um castigo divino, mas uma consequência natural. Isso todo mundo sabe!*

E aqui chegamos à questão central de nosso tema. **O Espiritismo** vai explicar os fenômenos do mundo espiritual por meio da **ciência dos espíritos**, fruto do **estudo racional e experimental da espiritualidade**.

Eles ensinaram que os espíritos que lá chegam após a morte, costumam manter as sensações físicas semelhantes ao que estavam habituados. Os espíritos imperfeitos, apegados aos sentidos e emoções, orgulhosos e egoístas, sofrem dores, têm medo, são perseguidos, sentem fome e sede, vagueiam assustados.

Nessa circunstância, mesmo que sejam materialistas, lembram-se dos mitos e descrições das religiões, das quais conhecem as referências que descrevemos, e então concluem: ESTOU NO INFERNO!

Tudo confirma a certeza desse facto! E o indivíduo pensa:

– De facto eu morri, tenho consciência disso. Ao meu redor ouço vozes me acusando, fujo apavorado de assustadoras figuras, mergulho na lama e me arrasto nas entranhas deste mundo estranho. Os dias passam, sinto fome, sede, frio, medo constante. Não há para onde fugir, não há perspectiva de um fim dos tormentos. Reconheço que sou imortal, será eterno este castigo?

Tudo leva a crer que a pessoa morreu, foi lançada no inferno, seres maus o perseguem e não se tem perspectiva de um fim. Parece que o anúncio das religiões milenares de facto se cumpriu.

Todavia, **os espíritos superiores**, que já ultrapassaram essas fases iniciais da evolução espiritual e conheceram outros mundos, compreendem os factos e leis universais e ensinam que as coisas não são como aparentam, há uma verdade esclarecedora por detrás desses factos.

E, garanto, é muito importante saber disso agora que você está lendo este artigo, pois certamente **esta informação será consoladora no futuro certo de todos nós:**

Vamos sim, chegar ao mundo dos espíritos após a morte. Facto logicamente inevitável.

Mas, explicam os espíritos superiores, esse outro universo também é regido por leis naturais, como o nosso mundo.

Não há castigo, demónios, julgamento, impedimento de fuga, como descrevem os mitos.

Há uma lei, análoga à gravidade, que rege o perispírito, ou corpo espiritual. É a lei da densidade da matéria espiritual.

De acordo com o que pensa e sente o espírito, isso se reflete em seu perispírito.

Se tiver apego, egoísmo, raiva, orgulho, e outras imperfeições, seu corpo espiritual ficará denso, pesado, perdendo a mobilidade.

Os efeitos fisiológicos dessa condição são um reflexo do mundo físico, ou seja, o indivíduo sente sede, fome, frio, e todas as sensações reflexas de quem está apegado à matéria.

Por sintonia, o espírito imperfeito fica no mesmo ambiente daqueles que lhe são semelhantes.

E os indivíduos rancorosos, orgulhosos, acabam por perseguir aqueles que lá chegam, criando um ambiente opressor.

Todavia, os simples e os espíritos menos apegados, tornam seus corpos espirituais mais leves, menos densos, e sintonizam com ambientes mais favoráveis.

Conforme sua compreensão da nova realidade, reconhecendo a diferença do lugar e das novas necessidades e desafios, não mais se apega aos imperativos biológicos, como fome, sede, frio, calor.

Atingindo determinado grau de desprendimento, os espíritos ganham grande mobilidade, vão aonde querem, avançam no espaço com a velocidade do pensamento. Podem visitar outros mundos, chegar onde a sua ajuda requer sua presença. Dispõem da mais ampla liberdade.

Desse modo, na forma adequada que Deus criou o mundo espiritual, tudo funciona plenamente por meio de leis naturais. Essa lógica é equivalente ao que vivemos em nosso mundo.

O homem conquistou fantásticos benefícios por meio da tecnologia, ao compreender as leis.

Quando a física descobriu as ondas eletromagnéticas, relatividade e os fenômenos do mundo atômico pela quântica, surgiram os telemóveis, satélites, ressonância magnética, forno micro-ondas, transmissão simultânea de televisão para o mundo inteiro, aviões supersônicos, foguetes e equipamentos para exploração espacial.

No mundo dos espíritos ocorreu algo semelhante. Os espíritos, depurando suas virtudes, conquistaram capacidades elevadas de seus perispíritos, podendo explorar os espaços, examinar as condições morais e fisiológicas dos seres, compreender a física espiritual e demais ciências.

Viram que por meio da vontade seria possível aos indivíduos transformar-se a si mesmos, conquistando os valores da perfeição.

No entanto, tudo isso só é possível quando cada um deseja, espontaneamente, agir pelo dever, seguindo a orientação de sua consciência.

Quem vive assim é verdadeiramente feliz. Explicou o espírito Erasto, na REVISTA ESPÍRITA de Maio de 1863:

“Uma das condições de sua cegueira moral é de encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de impedi-los de se afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão radiosas, nas altas esferas do império celeste”.

Enquanto o espírito imperfeito é prisioneiro de si mesmo, aquele que se consciencializa, passa a ser agente voluntário da harmonia universal.

Cada um que adere a esse processo libertador, é um indivíduo a menos sofrendo, visto que o sofrimento é condição inerente à imperfeição.

Demos um desenvolvimento completo desses ensinamentos no livro REVOLUÇÃO ESPÍRITA – a teoria esquecida de Allan Kardec.

A regeneração da humanidade ocorrerá por essa **adesão voluntária ao bem**.

TUDO REGIDO POR LEIS NATURAIS.

O inferno não existe, nem mesmo demónios.

São ilusões daqueles que, depois da morte, viveram os tormentos consequentes de sua condição densa na espiritualidade, em virtude de seu egoísmo e orgulho.

Depois que reencarnaram, suas lembranças do sofrimento no mundo espiritual foram fontes para criar os **mitos da antiguidade** e os **dogmas das religiões**.

Mas o tempo passou e a era do conhecimento científico também chegou para a metafísica, nos revela o Espiritismo. Guarde a lembrança desses ensinamentos bem viva em sua mente.

Garanto que, se depois da morte você estiver em apuros, lembre-se de que a chave para a mudança está em si mesmo.

Busque com todas as forças calma e confiança.

Pense em Deus, sua harmonia e leis naturais. Sua bondade e justiça infinitas.

Essa prece serena alterará seu corpo espiritual, e uma nova luz surgirá em seu horizonte.

Não se esqueça. É infalível.

Os terríveis castigos de Deus?

Paulo Henrique de Figueiredo 24/11/2016 / ARTIGOS, REVOLUÇÃO ESPÍRITA

A humanidade, doutrinada por falsos ensinamentos, aceita terríveis desigualdades como se fossem castigos de Deus. Os espíritos superiores denunciam essa farsa. Conheça a inovadora **Revolução Espírita**.

Jamais a humanidade se conformou em aceitar conhecer apenas o que está ao alcance de seus sentidos.

Uma inquietação se apodera diante dos mistérios da morte. Nós sobrevivemos?

Se isso ocorre, não há de ser pelo corpo. Existirá, acaso, uma alma? E se ela existe, como é? Vem de onde? Para onde vai?

Há, também, outra saída para essa dúvida. Está em afirmar que a morte é o fim de tudo. Mas as ideias materialistas deixam um vazio no coração, abrem um abismo no futuro. Desse caminho se afasta a maioria, perante a angústia do desconhecido. Restam-nos, conseqüentemente, as ideias espiritualistas, como única saída possível.

As mais antigas doutrinas religiosas se estabeleceram no início das chamadas civilizações.

Vejamos os livros sagrados que fundamentaram as primeiras religiões: o **Livro dos mortos** dos egípcios, a **Bíblia** no judaísmo, os **Vedas** na Índia; é preciso pensar como se raciocinava naquele tempo, relembrar os paradigmas então aceites, para que façam sentido as hipóteses consideradas as mais lógicas e, por isso, incorporadas pela tradição.

Vejamos uma das mais fundamentais hipóteses espiritualistas, A QUEDA DAS ALMAS.

Vamos tentar pensar como eles pensavam, como se voltássemos no tempo. Isso vai permitir depois regressar ao nosso contexto, e então questionar alternativas atualmente possíveis, tendo em vista a amplidão atual do entendimento das leis universais.

Vale destacar que alguns visionários, em todos os tempos, questionaram as doutrinas estabelecidas, propondo alternativas, como **Sócrates**, **Buda**, **Giordano Bruno**, e o grande reformador, **Jesus de Nazaré**.

Apesar de compreendidos pelos seus mais próximos seguidores, as suas palavras foram deturpadas, adaptadas, e assimiladas aos preceitos correntes, às doutrinas oficiais e aceites desde a antiguidade. De modo que, para nosso exercício, cabe questionar a mais arraigada e ancestral tradição. É preciso mergulhar nas origens.

Nos primeiros tempos, imaginava-se o universo como uma realidade estática, criada por um ser divino.

Aristóteles, por exemplo, olhando para o céu, com milhares de estrelas circulando na abóbada regularmente, concluiu, pelo senso comum, que a Terra está no centro do Universo e tudo gira à sua volta.

Essa visão das coisas determinava também como se pensava a metafísica, o que está além do observável, a alma.

Acreditava-se que, sendo Deus um ser superior e perfeito, teria criado as almas também perfeitas, à sua semelhança. Não se podia conceber a divindade criando algo imperfeito, errado, isso iria ferir a lógica. Os livros sagrados, desse modo, respondem à primeira de todas as perguntas: de onde vem a alma? A resposta foi de que surgiu no paraíso, num

lugar perfeito. Fica por resolver uma questão fundamental: por que motivo existe no mundo tanto sofrimento, a morte, a doença, as guerras, todo o mal, enfim?

Não podendo estes fenómenos ser uma criação divina, só poderiam ter surgido por culpa das próprias criaturas.

Seguindo esse raciocínio, foi imaginada a possibilidade de se ter registado **a queda do homem**.

O homem original, pelo erro, pelo pecado, caiu em desgraça, sofreu uma queda do paraíso, e, castigado, veio parar neste mundo de sofrimento para expiar os seus erros.

Caso errem novamente, aqui neste mundo, as próximas vidas renovam os castigos, serão ainda piores, até que o arrependimento e a purificação os façam retornar à pureza inicial, e a alma poderá assim reencontrar-se com as origens e viver num futuro feliz.

Essas ideias formam uma doutrina coerente com os factos aceites naqueles tempos, possuindo uma estrutura lógica que atendia aos anseios da razão. Todos os mitos construíram teorias plausíveis quando foram inicialmente criados.

Com algumas variações, todas as primeiras doutrinas concordam com esse princípio de que a alma foi criada perfeita por Deus, e por seus erros sofreu **a queda**, para explicar os sofrimentos deste mundo.

Praticamente todas aceitavam, entretanto, o conceito da reencarnação.

Deste modo, a grande maioria das pessoas, camponeses, trabalhadores braçais e mesmo as mulheres, eram considerados aqueles que mais tinham errado e cuja queda fora mais dramática. Perdendo a sabedoria e as capacidades originais da alma, eram os degredados, degenerados, sofrendo, **por sua culpa, os maiores castigos**, por terem cometido os mais graves erros no passado.

Desde há milhares de anos, esses mitos ancestrais justificam as desigualdades como **naturais e inevitáveis**.

O ESPIRITISMO é a única doutrina que fundamenta as suas ideias metafísicas em **bases modernas do entendimento**.

Esse é um ponto basilar para compreendê-lo. Quase todos os espíritas tiveram na infância uma formação moral direcionada para as doutrinas religiosas milenares. É preciso fazer um esforço reflexivo para assimilar as novas bases conceptuais que dão à doutrina espírita sua maneira única de explicar as dúvidas sobre a alma.

Vejam os:

Os **espíritos superiores** ensinam que a TEORIA DA QUEDA é uma inversão da realidade que leva aos maiores equívocos quanto à realidade do universo.

As almas não foram criadas perfeitas por Deus. As primeiras vivências das almas são o que há de mais simples na natureza e, progressivamente, assumem formas mais complexas.

O processo evolutivo dos seres vai “do átomo ao arcanjo”, da mais simples partícula ao espírito superior.

É exatamente o inverso das teorias arquitetadas na antiguidade. Vejam os consequências desse facto novo:

Nas suas primeiras vidas humanas, a alma é simples e ignorante. Ou seja, não tem desenvolvimento moral, nem intelectual. Desse modo, não tendo sido criada perfeita, precisa de conquistar as qualidades, as capacidades, o entendimento, todas as possibilidades infindáveis do saber e do agir, **pelo seu próprio esforço**, vida após vida.

Os indivíduos mais simples são aqueles que viveram menos vidas. Também vão aprender aos poucos, e alcançarão a condição de espíritos superiores, pois esse é o destino de todas as almas.

A contradição do ser humano tem explicação.

- Evoluindo desde o mineral, vegetal e animal, a alma, nessas fases, adquire a capacidade de gerir a forma, aprende pelos instintos, induzida pelos condicionamentos;
- Atingindo a condição humana, entre uma encarnação e outra, a vida espiritual adquire novo sentido;
- Com o seu perispírito, no mundo espiritual reconhece a sua individualidade, aos poucos desperta para a sua razão de ser. Deve desenvolver, pela sua vontade, os seus pensamentos e sentimentos, conquistando o saber, a moral e a harmonia. Isso reflete o facto de que a harmonia universal reflete de Deus: o sábio, o bom e o belo.

Mas então, porque existem, desde as primeiras civilizações, indivíduos mais inteligentes e capazes, que formaram as elites do velho mundo?

Os espíritos superiores explicam que cada mundo também passa por processos evolutivos, partindo do nível dos planetas primitivos, até alcançarem o nível dos planetas felizes.

- Nesse processo milenar, a humanidade se inicia entre os primitivos povos hominídeos.
- O início é igual para todos. Mas nem todos escolhem agir de forma solidária. Os hábitos podem se tornar imperfeições, quando conduzidos pelo orgulho e pelo egoísmo. Alguns indivíduos escolhem esse caminho.
- A maioria, por sua vez, vai trabalhando, servindo, percebendo que a única saída para que todos fiquem bem é a solidariedade. O segredo da felicidade está em cooperar, fazendo aos outros aquilo que deseja para si mesmo. Quando um planeta chega a essa condição, efetua um salto evolutivo quanto à moral.

Tomemos o nosso planeta Terra como exemplo.

A Terra já foi um mundo primitivo. Surgiu a civilização, que se foi desenvolvendo até atingir o nível tecnológico da atualidade persistindo, não obstante, o orgulho e o egoísmo, que corroem a harmonia.

Noutros planetas que viveram o momento crítico, como explicaram a Allan Kardec os espíritos superiores, as suas humanidades escolheram o caminho da solidariedade, da justiça e da caridade, e assim conquistaram a regeneração.

Porém, os espíritos que se mantêm obstinados em seus desejos de poder, em sua soberba, em seus caprichos e privilégios, perdem o seu ambiente e são **exilados para um planeta primitivo**, com a missão de auxiliar o surgimento da civilização.

Esses **exilados**, então, passam a viver entre os povos primitivos originais do planeta primitivo que recebem como nova morada.

Surge, assim, uma elite inteligente e dominante em meio aos simples. Nas suas intuitivas lembranças, criam os arquétipos de um paraíso perdido, **de uma queda vergonhosa**, de uma culpa que os consome.

Tudo isso é uma **lembrança real dos factos vividos**. Por uma interpretação orgulhosa, porém, invertem os factos, dizendo que todas as almas foram criadas perfeitas e, errando, **caíram**, vivendo num vale de lágrimas.

Generalizam para toda a humanidade uma vivência que foi sua, em particular.

Estendem às massas de almas simples, que vivem as suas primeiras vidas e tateiam o progresso, as mazelas de alguns espíritos que viveram o exílio.

Generalizam para a humanidade a experiência vivida por apenas alguns. Justificando pela **queda** da alma, falsamente, as desigualdades causadas, em realidade, pelo orgulho e egoísmo de um grupo.

Foi assim que surgiram os dogmas.

Esses espíritos sábios e orgulhosos, olhando para as grandes massas de almas simples desse planeta primitivo, ensinaram-lhes as suas falsas ideias, dizendo: vocês foram os que mais erraram no passado, por isso devem nos servir como escravos, para sofrer e aprender, para só futuramente, pelo perdão de Deus, recuperar suas condições originais.

Afirmaram isso também para as mulheres, dizendo que elas são condições inferiores, castigos divinos.

Essa mentira permanece sendo narrada desde há milénios! Herança terrível.

Arrasta as gerações pela culpa. Foram esses **falsos dogmas** que criaram a própria incredulidade, pois diante dessas ideias equivocadas sobre a vida, alguns preferiram não acreditar em nada. O fanatismo provocou a incredulidade.

O Espiritismo surge num grande momento de mudança da humanidade, como alternativa verdadeira e lógica, tanto contra o fanatismo quanto o materialismo.

Os sofrimentos dos simples, causados pelos hábitos sociais de subserviência, atendendo aos caprichos e privilégios de uma elite, não são naturais nem castigos de Deus.

São efeitos do orgulho e egoísmo pelos quais os povos foram estabelecidos. E cabe à humanidade e não a Deus reverter essas condições.

A vida naturalmente proposta pelas leis divinas é fundamentada pela solidariedade, cooperação, onde todos trabalham de acordo com suas aptidões, merecendo da sociedade reconhecimento pelo seu valor, seja um cozinheiro, uma professora, um agricultor, engenheiro ou médico. Nada justifica as desigualdades sociais.

Assim que os indivíduos, cansados das injustiças, investirem na educação pela **autonomia**, quando se fizer o bem pela alegria de ser útil, sem castigos ou recompensas, sabendo que essa é a lei universal que dá à humanidade a condição feliz que é seu destino, realizaremos a regeneração da humanidade.

Foi exatamente isso que Allan Kardec enxergou quando conheceu os ensinamentos dos espíritos. Ele coerentemente se entusiasmou com o poder da mudança de entendimento que sepulta os falsos ensinamentos do velho mundo pela doutrina libertadora dos espíritos:

“...o resultado inevitável (do espiritismo) será uma transformação da sociedade; ele criará uma nova ordem de coisas, novos hábitos, novas necessidades; modificará as crenças, as relações sociais; fará à moral o que fazem, do ponto de vista material, todas as grandes descobertas da indústria e das ciências.

(Revista Espírita de Outubro de 1865

- Partida de um Adversário do Espiritismo para o Mundo dos Espíritos)

Estamos diante de uma nova **grande revolução**.

Ela ocorre pela adesão voluntária e consciente de cada um de nós.

É revolução que o Espiritismo prepara por seus inovadores conceitos, quando bem compreendidos. **Será a revolução espírita!**

O que todo espírita que aprendeu o catecismo na infância precisa saber

Paulo Henrique de Figueiredo [08/12/2016](#) / [ARTIGOS, FILOSOFIA, REVOLUÇÃO ESPÍRITA](#)

A maioria dos espíritas passou, na infância, pelo ensino dos **dogmas católicos**.

Muitos estudaram o catecismo, mas invariavelmente ouviram dos adultos os princípios, suas aplicações na prática. Coisas como “Deus não gosta disso, ele vai te castigar”, “papai do céu fica triste”, “Ele está vendo tudo, não adianta fazer escondido”.

E a criança vai criando um medo, porque elas levam a sério e compreendem literalmente o que lhes dizem. Deus vai tomando a figura de um ser perpetuamente vigiador, à espreita para pegá-lo em erro e castigá-lo impiedosamente.

Uma visão terrível da divindade.

E quanto a si mesmo? Há o conceito da degeneração da alma e do pecado. Adão e Eva viviam no paraíso, lugar cheio de prazeres e delícias, onde não há qualquer mal, seja miséria, sofrimento, dificuldade alguma. Tudo é maravilhoso para sempre. Mas, e sempre tem um “mas”, eles teimaram de comer o fruto da única árvore proibida daquela imensidão. Comeram e foram expulsos, deixando a herança do pecado original para toda a descendência, a humanidade. Esse é o que se ensina no catecismo. No decorrer dos séculos, essa interpretação gerou graves consequências para a formação das crianças. O impulso criativo; a natural inquietação para observar, experimentar, compreender; foram interpretados como rebeldia, fruto do **pecado original**, natureza irascível que o arrasta para o erro, para a animalidade. A solução estaria em subjugar-la, e o instrumento era a palmatória e outros castigos humilhantes.

Esses conceitos e comportamentos, transmitidos culturalmente por meio das gerações, criaram também hábitos caseiros: as crianças escutam a censura: você é burro, incapaz, teimoso, precisa de apanhar. Como se uma natureza degenerada fosse sua essência. E é exatamente esse o objetivo dos **dogmas** criados há milhares de anos! Vejamos:

NA ÍNDIA, por exemplo, seguindo os ensinamentos ancestrais dos Vedas, acredita que há uma alma presente em cada um dos seres, ou “atman”, centelha da divindade universal. Tudo o que se conquista pode ser perdido. Um grande sábio pode perder tudo e começar do zero. De acordo com o modo de vida, um homem pode reencarnar como inseto ou animal.

Como vimos, NA TRADIÇÃO CATÓLICA, ocorreu uma queda ou degeneração da alma, que vivia no paraíso, errou, e caiu num mundo de sofrimento e castigo.

Há também na tradição do PENSAMENTO GREGO a ideia de queda da alma. Platão contou essa história.

As almas viviam junto aos deuses, girando com as estrelas do céu, e quando atingiam a abóbada celeste em seu mais alto ponto, divisavam a planície da verdade, aprendendo um pouco de cada vez, em seus carros puxados por cavalos

alados. Mas as almas, por ganância e orgulho, disputando a posição melhor para observar a verdade, batiam seus carros, perdendo as asas e caindo no mundo. Ou seja, reencarnar é um castigo, para purificar a alma degenerada, que, só então, poderá voltar ao convívio dos deuses.

EM TODAS AS TRADIÇÕES DO PASSADO, do velho mundo, **a alma é vista como degenerada**, saindo perfeita da sua origem divina e caindo no mundo por seu erro, devendo purificar-se para voltar ao estado original.

Milhares de gerações foram criadas acreditando que, quanto pior for sua condição social, mais erros cometeram no passado!

Os sábios, ricos, poderosos, são os mais purificados.

Os pobres, doentes, simples, são os que mais erraram e hoje pagam por suas culpas. Toda criança é uma alma decaída, que pelos erros cometidos, terá de sofrer. Sua natureza rebelde, então, é a causa de sua desgraça, e se repetir esse comportamento, cairá em desgraça ainda maior!

É O QUE ENSINAM AS DOCTRINAS DOGMÁTICAS.

É importante lembrar que a maioria das pessoas vem recebendo essa doutrinação nas mais diversas encarnações que viveram nos últimos milénios! Pense nisso.

Isso leva o indivíduo a ter medo de tentar, pensando em evitar o erro, que representa o pecado, A CAUSA DA QUEDA, DO CASTIGO.

O “novo” ou “diferente” é perigoso, mal, tentação, porta da perdição. O melhor é obedecer aos poderosos, que são mais puros. O melhor é repetir a tradição antiga, mais perto da vontade divina.

Esse é o pensamento condicionado por milhares de anos, vida após vida, aprendendo desde a infância os dogmas. E nesta vida, a maior parte dos espíritas renovaram esses condicionamentos.

No entanto, se escolheram conhecer o **Espiritismo**, é fundamental compreender a mudança de paradigma que os espíritos ensinam, para construírem a verdadeira trajetória da alma.

O Espiritismo é a única **proposta moderna de metafísica**, e demonstra que todas as tradições do velho mundo inverteram e distorceram a verdade sobre a alma.

Segundo o Espiritismo, **não há queda, nem degeneração da alma**. Isso porque ela não é criada perfeita por Deus, mas simples e ignorante.

Ou seja, todos os espíritos iniciam suas primeiras encarnações sem desenvolvimento moral, por isso simples, e sem conhecimento, ou ignorantes.

E, a partir desse início, desde o começo, todos evoluem por seus esforços, vida após vida. **Além disso, nenhum espírito recua na sua evolução**. Eles não perdem o desenvolvimento moral e intelectual que já conquistaram. A ideia da QUEDA não faz o mínimo sentido!

Grande parte dos espíritos, durante sua trajetória, não desenvolvem imperfeições, como egoísmo e orgulho, **evoluem progressivamente, sem passar por expiações**.

Conhecemos o facto de que nosso planeta está na fase de “expiações e provas”, e quem conhece essa definição pode pensar que todos os espíritos que aqui vivem estão em expiação.

Isso equivaleria ao dogma de que todos os que aqui reencarnam estão expiando suas imperfeições. Mas não é o que o Espiritismo explica.

Veja o que se afirma no Capítulo III, grupo Mundos de Expição e de Provas; nº 14, de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, de Allan Kardec:

“Entretanto, **nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação**. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contacto com Espíritos mais adiantados”.

Esse ensinamento espírita inverte os factos quanto às classes sociais desde os primeiros tempos do nosso mundo (ou melhor, **as doutrinas tradicionais** é que inverteram os factos ao negar a verdade).

A maioria dos espíritos iniciou a sua existência neste mundo como simples e ignorantes, e estão aprendendo aos poucos, enfrentando as dificuldades como desafios.

Todavia, aqueles que formaram as castas dirigentes e poderosas, são espíritos mais antigos, que já viveram em outros mundos, não tendo acompanhado o desenvolvimento daqueles planetas.

Por teimarem no seu egoísmo e orgulho, assumiram o compromisso de usar o seu conhecimento para dar impulso ao desenvolvimento da humanidade terrena.

Ainda no “EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, na continuação do indicado nº 14:

“Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons.

Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. E que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado”.

Ou seja, a **ideia de uma queda do paraíso** para um mundo de sofrimento, em virtude dos enganos, não é a trajetória de todos os espíritos desse planeta, como afirmam os antigos escritos, mas a lembrança de alguns espíritos exilados, que aqui chegaram com a missão de auxiliar os simples em seu desenvolvimento.

Foi por isso que Jesus, ensinando a liberdade e igualdade fundamentais da lei universal, afirmou que os simples são bem-aventurados, porque herdarão a Terra.

Cabe a todo espírita trabalhar em seus pensamentos essa mudança de paradigma que altera toda a visão do mundo. Nenhuma alma foi criada perfeita e degenerou.

Todas foram criadas simples, ignorantes e perfectíveis. Precisamos de tentar, arriscar e experimentar, observando as consequências dos nossos atos, para compreender o melhor jeito de agir.

Essa é a forma de aprender: por tentativas. Toda as descobertas conquistadas pela ciência precisam de ser repetidas novamente por cada um, para que a aquisição do conhecimento seja uma conquista de cada aprendiz.

A dúvida, a curiosidade, o impulso de participar, de tocar, de conhecer por seu próprio esforço é a grande dádiva da liberdade, o maior bem que os espíritos recebem de Deus.

O fundamento da moral é a liberdade. A compreensão do bem e do mal nasce da escolha. O dever é sempre voluntário, desinteressado, conquista da razão.

O Espiritismo é realmente uma revolução; a Revolução Espírita.

Fará com a **moral**, o que as **revoluções científicas** fizeram com o **progresso material**.

Esse foi o sonho de Allan Kardec, quando diviso o futuro, a partir dos ensinamentos dos espíritos superiores.

Que esse sonho seja o de todo espírita, a partir de uma adequada compreensão dessa libertadora doutrina.

Porque Deus não criou todos os espíritos perfeitos, para que o mal nunca existisse?

Paulo Henrique de Figueiredo 20/12/2016 / FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO, REVOLUÇÃO ESPÍRITA

Há uma fundamental relação entre a Matemática e a Filosofia. Platão levava essa relação muito a sério. “Aqui não entra quem não compreenda geometria”, mandou registrar na entrada da Academia.

No Egito antigo, os detentores de todo conhecimento eram os sacerdotes. Também do conhecimento matemático, da arquitetura de palácios e monumentos, do registo e das variações climáticas, das produções agrícolas e de tantos outros domínios do conhecimento que lhes permitiram, por tanto tempo, controlar e compreender a sua civilização com extraordinária precisão.

Quando esse conhecimento chegou à Grécia, no sexto século antes de Cristo, não havia classe sacerdotal dominante, o que permitiu que a ciência aparecesse de um modo livre entre eles.

Vejamos uma passagem de Platão, que cita Sócrates:

“...quando eu estava esgotado com minhas investigações físicas, disse Sócrates, ocorreu-me que deveria guardar-me do mesmo tipo de risco que correm as pessoas, quando veem e estudam um eclipse do Sol; elas realmente prejudicam seus olhos, algumas vezes, a menos que estudem seu reflexo na água ou em outro meio (...). Assim, decidi recorrer a teorias e a usá-las na tentativa de descobrir a verdade sobre as coisas. (...). Em todo caso, primeiro estabeleço a teoria que julgo ser a mais correta e, então, o que parece concordar com ela – em relação a causas ou a qualquer outra coisa – assumo ser verdadeiro, e o que não concordar, assumo não ser verdadeiro”.

(FÉDON, 99d-100a).

Sem os recursos da lógica seria impossível construir teorias para compreender as leis que regem o universo. Futuramente, esse seria o caminho para a formação da ciência moderna.

Criar primeiro modelos para representar com clareza a realidade, confrontando depois a sua estrutura com os factos, para verificar a veracidade das hipóteses. A figura criada por Sócrates é ótima, estudar o eclipse observando indiretamente seu reflexo na água.

Quando vamos estudar as obras de Allan Kardec é preciso dispor da fundamentação lógica do conhecimento. Toda a doutrina espírita foi construída pela associação de conceitos formando um todo coerente lógico, sem nenhum detalhe equivocado que comprometa a solidez de sua estrutura.

No entanto, nem todos compreendem bem o Espiritismo. Há quem defenda ideias que não estão presentes na filosofia espírita original.

Essas falsas interpretações ferem a coerência do conjunto pela sua falta de lógica, podendo o Espiritismo, nesse caso, ser acusado de falsidade e qualificado como mistificação que não merece a atenção séria dos mais esclarecidos.

Certa vez, em 1864, perguntaram a Allan Kardec se Deus não poderia ter criado os espíritos perfeitos, para poupar-lhes o mal e todas as suas funestas consequências. Com base nos ensinamentos já conhecidos até então, pois esse diálogo já vinha desde antes de 1857, o raciocínio lógico permitiu-lhe chegar a um entendimento adequado:

“Pergunta-se, por vezes, se Deus não poderia ter criado Espíritos perfeitos para poupar-lhes o mal e todas as suas consequências.

Sem dúvida, Deus teria podido, uma vez que é todo-poderoso, e se não o fez, foi porque julgou, em sua soberana sabedoria, mais útil que isso fosse de outro modo.

Não cabe ao homem julgar os seus desígnios, e ainda menos julgar e condenar as suas obras. Uma vez que não pode se admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça, que se tem incessantemente sob os olhos os milhares de provas de sua solicitude por suas criaturas, deve-se pensar que essa solicitude não pôde fazer falta na criação dos Espíritos.

O homem, sobre a Terra, é como a criança, cuja visão limitada não se estende além do círculo estreito do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas. Ele deve, pois, se inclinar diante do que está ainda acima de sua capacidade.

No entanto, tendo Deus lhe dado a inteligência para se guiar, não lhe está proibido procurar compreender tudo em se detendo humildemente diante do limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas ficadas no segredo de Deus, ele não pode senão estabelecer sistemas mais ou menos prováveis.

Para julgar aquele desses sistemas que mais se aproxima da verdade, tem um critério seguro, que são os atributos essenciais da Divindade; toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um único desses atributos, pecaria pela base, e seria, por isso mesmo, maculada de erro; de onde se segue que o sistema mais verdadeiro seria aquele que concordasse melhor com esses atributos”

REVISTA ESPIRITA - Março 1864 - Da perfeição dos seres criados

A medida da verdadeira lei de Deus é aquela que respeita toda a sua sabedoria e bondade. Quando uma hipótese transparece imparcialidade, vingança, castigo, culpa, orgulho, qualquer uma dessas motivações humanas, certamente não é um ato divino.

No seguimento do citado artigo da Revista Espírita, continuamos a ler:

“Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não pôde criar o mal para fazer contrapeso ao bem; se tivesse feito do mal uma lei necessária, teria enfraquecido voluntariamente o poder do bem, porque o que é mal não pode senão alterar e não fortalecer o que é bem.

Estabeleceu leis que são muito justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação da qual experimenta o contragolpe, daí todas as suas vicissitudes; é, pois, ele mesmo que é a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus criou-o livre para escolher seu caminho; aquele que tomou o mau, fê-lo por sua vontade, e não pode senão se acusar das consequências que disso lhe resulte.

Pela destinação da Terra, não vemos senão os Espíritos dessa categoria, e é isso que faz crer na necessidade do mal; se pudéssemos abarcar o conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diferentes fases de sua existência em condições todas outras, e que desde que o mal não sendo geral, não saberia ser indispensável”.

Muitos falsos profetas alardeiam que Deus castiga aqueles que lhe desobedecem, outros afirmam que todos os nascidos neste mundo carregam o pecado e sofrem pela ira divina.

Outros ameaçam o futuro com penas terríveis, amedrontando, principalmente, as pessoas inocentes, simples, temerosas do que lhes poderá ocorrer após a morte. E, inúmeros sacerdotes e divulgadores religiosos, que deveriam oferecer as palavras de esperança e declamar sobre a bondade e sabedoria de Deus, repetem falsos ensinamentos, criando uma falsa figura de um criador implacável, vingativo, perseguidor.

O Espiritismo tem um ensinamento simples, esclarecedor e que apazigua a todos. Vejamos como Kardec desenvolve essa ideia no prosseguimento do mesmo artigo acima citado, clareando a questão:

“Há uma lei geral que rege todos os seres da criação, animados e inanimados: **é a lei do progresso**. Os Espíritos a ela estão submetidos pela força das coisas, sem isso essa exceção perturbaria a harmonia geral, e Deus quis nisso dar um exemplo abreviando-o no progresso da infância.

Mas o mal não existindo como necessidade na ordem das coisas, uma vez que não é senão o facto dos Espíritos prevaricadores, a lei do progresso não os obriga, de nenhum modo, a passarem por essa fieira para chegarem ao bem; ela não os submete senão a passar pelo estado de inferioridade intelectual, dito de outro modo, pela infância espiritual.

Criados **simples e ignorantes**, e por isso mesmo imperfeitos, ou melhor, incompletos, eles devem adquirir por si mesmos e pela sua própria atividade a ciência e a experiência que não podem ter no início.

Se Deus os tivesse criado perfeitos, teria devido dotá-los, desde o instante de sua criação, da universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia assim isentado de todo o trabalho intelectual; mas ao mesmo tempo ter-lhes-ia tirado a atividade que devem se desdobrar por adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral.

Por sua própria inferioridade eles tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da criação.

De um outro lado, se os tivesse criado infalíveis, quer dizer, isentos da possibilidade de fazer mal, teriam sido fatalmente como máquinas bem montadas que cumprem maquinalmente as obras de precisão; mas então não mais de livre arbítrio, e, por consequência, não mais de independência; teriam se assemelhado a esses homens que nascem com a fortuna toda feita, e se creem dispensados de nada fazer.

Submetendo-os à lei do progresso facultativo, Deus quis que tivessem o mérito de suas obras para terem direito à recompensa e gozarem da satisfação de terem eles mesmos conquistado a sua posição”.

Todos fomos criados **simples e ignorantes**, e tendo o progresso como lei fundamental, fazemos uso da liberdade para escolher o caminho a tomar. O ponto final será o mesmo para todos, buscar a perfeição relativa. Mas a trajetória é livre e pessoal.

Fazendo uso da matemática, do pensamento lógico, e considerando essas leis fundamentais que regem o espírito, podemos chegar a uma conclusão muito interessante.

Pela proporção, muitos dos espíritos nem precisam passar pela imperfeição em seu desenvolvimento.

Eles progridem passo a passo, acompanham a evolução do planeta onde nasceram em suas primeiras vidas, e usufruem da condição feliz a que o seu orbe se destina.

Sim, isso mesmo, todos os planetas se tornarão felizes, explicam os espíritos superiores nas obras de Kardec.

O planeta Terra também será feliz. Milhões de espíritos que aqui viveram as suas primeiras vidas humanas, desde a era primitiva, lutam hoje para prover as mesas com o alimento, elevam as paredes tijolo a tijolo, são os responsáveis pelas conquistas do que chamamos civilização.

Todavia, a desigualdade social prejudica muitos, explora a maioria, relega à fome muitos inocentes. Mas a consciencialização tem crescido regularmente. A indignação com a violência, a exploração e a corrupção torna-se geral. Iniciativas solidárias e transformadoras entusiasma crianças e jovens. Haverá uma revolução moral prevista pelo Espiritismo. Os espíritos simples, que vivem sem grandes imperfeições, trabalhando e lutando pelo bem, herdarão enfim a Terra, como previu Jesus.

Nosso mundo será feliz, finalmente. Isso é certo, como dois e dois são quatro.

A recuperação espírita do verdadeiro cristianismo

Paulo Henrique de Figueiredo 10/02/2017/ARTIGOS, CIÊNCIA ESPÍRITA, MORAL E RELIGIÃO, REVOLUÇÃO ESPÍRITA

Allan Kardec escreveu no conjunto de sua obra, por mais de mil vezes o nome de Jesus.

Os ensinamentos dos espíritos que constituem a doutrina espírita tratam dos mais diversos temas da cultura humana.

Como relatamos na obra *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec*, há um complexo trabalho de Kardec e dos pesquisadores espíritas que o auxiliaram para validar os conceitos fundamentais da doutrina espírita originária dos espíritos superiores, com recursos da lógica e das ciências filosóficas.

As incontáveis comunicações espirituais, diálogos e as centenas de páginas das obras de Kardec que deles resultam têm o propósito essencial de resgatar a doutrina moral de Jesus, em seu sentido original:

“O ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é eminentemente cristão: apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio dos seres humanos, na moral de Jesus...”

(“O Livro dos Espíritos”, Livro Segundo, Capítulo V – Considerações sobre a pluralidade das existências).

Segundo os espíritos, há apenas um guia e modelo de perfeição moral que a humanidade pode considerar na Terra – Jesus de Nazaré. As leis de Deus estão escritas em nossa consciência e foi pressentida por todos que meditaram sinceramente sobre a sabedoria, em todos os tempos. A questão é que os homens, em meio às imperfeições que adquirem, esquecem as leis.

Mas o problema maior foi de que muitas lideranças, tomadas por sentimentos terrenos, ensinaram aos homens falsos princípios, e

“Se alguns dos que pretenderam instruir os seres humanos na lei de Deus algumas vezes os desviaram para falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos demasiado terrenos e por terem fundido leis aplicáveis às condições da vida da alma com aquelas que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que eram apenas leis humanas, criadas para servir as paixões e dominar os homens.”

(“O Livro dos Espíritos”, Livro Terceiro, Capítulo I, pergunta nº 625 – comentário de AK).

Um exemplo dessa mistura de leis está na hipótese hedonista de que a dor e o prazer definem o bem e o mal. Outra, é a de que o amor de si mesmo ou egoísmo é a medida da moral. Essas ideias confundem as leis do corpo, necessárias à sua conservação, e as leis da alma, que, regidas pela vontade livre, determinam a evolução intelecto-moral.

Segundo Allan Kardec, a concepção de Deus entre os antigos era muito genérica; eles divinizavam os seus grandes homens. Havia manifestações como no espiritismo, mas eles eram interpretados como pertencentes a uma classe dos deuses, construindo as alegorias que formaram a tradição mitológica:

Tal é, em substância, o princípio da mitologia. Os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas dos seres mortais, como os dos nossos dias; mas as paixões que a religião pagã lhes emprestava não dão uma ideia brilhante de

sua elevação na hierarquia espírita, a começar por seu chefe, Júpiter, o que não os impedia de deleitar-se com o incenso que queimavam em seus altares. O Cristianismo os despojou de seu prestígio e o Espiritismo, hoje, os reduziu ao seu real valor.

Revista Espírita de Abril de 1861, "O Mar, pelo Senhor Michelet"

Todo o MUNDO ANTIGO ou o **paganismo** foi marcado pelos falsos princípios.

A partir daí, costumes equivocados nascidos do orgulho e do egoísmo de uma elite dominante tomaram lugar nas culturas pagãs, justificando a opressão e a dominação de seus povos.

Entre os HINDUS, o orgulho dos sacerdotes os levou a considerar os indivíduos mais simples e ignorantes como escória da humanidade, classificando-os como párias impuros, indignos de passar sua sombra sobre os pés dos demais pertencentes às castas.

Muitas mulheres da CHINA milenar representavam sua submissão e servidão ao homem enfaixando seus pés desde criança, para que, deformados, ficassem com a metade de seu tamanho. As constantes dores extremas dos pés minúsculos a incapacitavam para trabalhar, tanto em casa quanto no campo, tirando a capacidade física e tornando-as como peças de adorno.

Para os EGÍPCIOS, apesar de sua grande sabedoria mantida no interior de seus templos pelo domínio da escrita e leitura, mantinham seu povo na ignorância, e rebaixavam arditamente as multidões servidoras ensinando-as a adorar animais e estátuas de pedra como se fossem deuses, em gigantescas procissões, sem lhes revelar a grandeza e a realidade do Deus único.

Na GRÉCIA, **Platão**, reproduzindo o preconceito vigente, considerou a reencarnação como mulher ou como camponês um castigo e uma desonra para o homem, que assim atrasaria em milhares de anos a recuperação espiritual de uma alma.

Aristóteles tomou a escravidão como natural e eterna, que em verdade é fruto do egoísmo e do orgulho humano, e do desprezo pelos não gregos, considerados bárbaros.

Mas, dizem os espíritos nas obras de Kardec, o erro nasce da confusão que se faz entre as leis da alma e as leis do corpo. E esse equívoco se estendia para o mundo espiritual. Quando as tradições antigas divisavam a vida futura, imaginavam as dores orgânicas como castigo dos maus e os prazeres, o prêmio divino do justo. No lugar de se mortificar a alma, pela superação das imperfeições, ensinam os homens a mortificar o corpo, deixando-o com fome, agredindo-o, como se a punição da carne fosse fonte de valores morais.

Explicam os espíritos, porém, que "as ideias só com o tempo se transformam; nunca de súbito":

As ideias só se transformam com o tempo, nunca subitamente. Enfraquecem de geração em geração e acabam por desaparecer com os que as professavam, que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como se verifica com as ideias políticas. O caso do paganismo: não há ninguém, certamente, que professe hoje as ideias religiosas daquele tempo; não obstante, muitos séculos depois da chegada do cristianismo, deixaram vestígios que somente a completa transformação dos povos pode apagar. O mesmo acontecerá com o espiritismo: progride muito, mas haverá ainda, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará. Todavia, a sua marcha será mais rápida do que a do cristianismo, porque é o próprio cristianismo que lhe abre o caminho e lhe serve de apoio.

O cristianismo tinha que destruir; o espiritismo só tem que construir.

(O Livro dos Espíritos, comentário de Allan Kardec à pergunta nº 798)

A mensagem de Jesus foi a mais completa reforma das questões morais e sociais do mundo antigo.

De uma só vez, demonstra a igualdade de todos os homens, mulheres e crianças como "filhos de Deus", quebrando as barreiras da relação opressiva entre servos e senhores, homens e mulheres; deu às crianças o respeito que merecem em sua formação; oferecendo o Evangelho para toda a humanidade, sem privilégios, castas ou hierarquias, derrubou a equivocada e orgulhosa separação entre os povos.

Em Jesus, todos são dignos, todos são almas, todos merecem respeito e oportunidades iguais para seu desenvolvimento.

O espiritismo recupera os ensinamentos de Jesus, e, por esse motivo, tem como pedra angular aceitar a todos, sem divisões. Não é mais uma religião, mas um lugar comum, uma doutrina acessível para todos, como é, em verdade, o Evangelho de Jesus, afirma Kardec:

O Espiritismo, ao contrário, nada vem destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é mais que a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, como o pretendem alguns, quase sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa, a cada um, inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm almas como nós, o que significa que podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, por conseguinte, eles podem ser espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não se trata de uma seita religiosa; é a constatação de um facto que não pertence mais a um partido do que a electricidade e as estradas de ferro; é, insisto, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões, em todos os partidos.

In: **Discurso de Allan Kardec** no banquete que lhe foi oferecido pelos vários grupos de espíritas lioneses, em **19 de Setembro de 1861**

Colocando a **liberdade como base de sua teoria moral**, Jesus inverteu a relação entre Criador e criatura, pois revoga a imagem de um Deus vingativo, representante de um só povo, capaz de castigar eternamente seus filhos e os inimigos; e institui um Deus justo, de infinito amor, **que regista na CONSCIÊNCIA dos homens uma lei universal** para que a compreendam e a exerçam voluntariamente, num processo evolutivo natural, contínuo e sem fim, CONSAGRANDO ASSIM A MORAL AUTÓNOMA e superando a MORAL HETERÓNOMA do mundo antigo.

Trazendo à humanidade a bandeira da fraternidade, Jesus demonstrou que não basta cada um cuidar de si mesmo, mas é responsabilidade do forte proteger os fracos, do rico auxiliar os pobres, do sábio ensinar os ignorantes, do saudável sanar os adoentados, dos novos protegerem os velhos e as crianças. Cabe a todo aquele que tenha conquistado um talento fazer uso dele para todos à sua volta. **Todos os homens são irmãos e a lei natural que rege a vida é a fraternidade.**

A originalidade da moral de Jesus surpreende e choca pela ousadia de sugerir que devemos oferecer a outra face ao que nos atinge, que é nossa meta amar aos nossos inimigos. Surpreende quando toca a ferida dos leprosos, abraça mendigos imundos, estende sua mão às mulheres abandonadas, acolhe e alimenta respeitosamente os miseráveis.

Deixa até mesmo atônitos seus apóstolos quando pede que tragam as crianças até ele. Quando foi necessário, Jesus levou sua doutrina aos templos, à casa do rico, aos sábios e poderosos. No entanto, seu púlpito preferido eram as margens dos rios, a sombra das árvores, o chão de terra dos casebres, onde o pão era repartido e os copos passavam de mãos em mãos.

Jesus demonstrou aos homens a RELIGIÃO NATURAL em sua maior simplicidade.

Deus não nos pede a vigília e a procissão, a adoração de joelhos ou a repetição maquinal de rezas dos costumes de adoração **do mundo pagão.**

Não pede cargos, roupas, símbolos, estátuas nem prédios. Basta uma simples prece a Deus, num gesto que demonstre agradecimento e reconhecimento de sua justiça, ou requisitando força e entendimento nas horas difíceis, o que está ao alcance de todos, sem intermediários.

Além disso, agir com fraternidade para com todos em sua sentença máxima: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, é o mais valioso ato de crença.

A transformadora doutrina de Jesus, exemplificada por seus atos, bem compreendida, representa o caminho para a definitiva revolução moral da humanidade, marcando a passagem do velho mundo para o admirável **mundo novo.**

Após sua germinação de dois mil anos, o Espiritismo surge em tempo de colheita desse pensamento original cristão. O terceiro milénio será determinante para a **regeneração da humanidade.** Quem renascer verá!

Revolução Espírita TV 01: A revolução espírita pode resolver a crise da humanidade?

Paulo Henrique de Figueiredo 17/02/2017 Moral e Religião, Programa TV, Revolução Espírita

Programa TV, Revolução Espírita

É favor escutarem os seguintes vídeos (clique para ter acesso)

1º Vídeo

2º Vídeo

3º Vídeo

Revolução Espírita TV 02: A Infância de Allan Kardec

Paulo Henrique de Figueiredo 23/02/2017 3 comentários História, Programa TV

Programa TV, Revolução Espírita

É favor escutarem os seguintes vídeos (clique para ter acesso)

1º Vídeo

2º Vídeo

3º Vídeo

Um exame crítico de Revolução Espírita, por António Leite

Paulo Henrique de Figueiredo 13/03/2017

FOI UMA LONGA ESPERA

Por António Leite, Nova Iorque

O meu primeiro contacto com o escritor e pesquisador Paulo Henrique de Figueiredo aconteceu em 2010. Não o conheço pessoalmente, o contacto se deu através da leitura da sua magistral obra “Mesmer – A Ciência Negada e os Textos Escondidos.”

Ao percorrer naquela ocasião as páginas da supracitada obra, eu me via pasmo e me sentia envolvido por um grande sentimento de alegria. A enorme sagacidade demonstrada na elaboração do seu maravilhoso trabalho de pesquisa, aliada às circunstâncias “coincidentes” pelas quais a obra foi concretizada é o que desenhava a minha postura mental naquela ocasião.

A partir de então eu passei a acompanhar de perto a trajetória do escritor e pesquisador espírita, bem como o seu trabalho em prol da disseminação do Espiritismo em sua base primeira e fundamental, Allan Kardec e sua obra.

Em 23 de Outubro de 2013 eu ouvi pela Internet uma palestra que ele proferiu no ciclo de conferências promovido por ocasião das comemorações do Centenário de J. Herculano Pires. Nessa fala ele fez uma análise crítica da obra do Professor Herculano Pires, “Curso Dinâmico de Espiritismo – O Grande Desconhecido.”

O meu interesse pelo trabalho de pesquisa que o Paulo Henrique vinha fazendo, que já era enorme a partir da leitura da sua obra sobre Mesmer, multiplicou-se substancialmente depois de ouvi-lo nesta palestra. Isto ocorreu especialmente pela notícia promissora que ele nos deu à época: “Estou me preparando para fazer uma obra nos mesmos moldes do que fiz sobre Mesmer a respeito de Kardec, que deve ser lançada no ano que vem”.

Dentre os vários aspectos da sua abordagem naquela ocasião, alguns atraíram muito a minha atenção. Registro a seguir alguns trechos da sua fala:

“Eu devo todo esse trabalho de pesquisa que eu tenho feito à inspiração que me deu o esforço do **Herculano Pires**. (...)

Muitos pesquisadores hoje que não estão mobilizados como sendo um corpo único, estão espalhados pelo Brasil inteiro, estão fazendo pesquisas profundas, inclusive na universidade.

E o Herculano tem sido o patrono de quase todos eles.

Todo mundo que hoje faz uma pesquisa mais séria a respeito do Espiritismo, passou pela leitura dos livros do Herculano Pires.

Há então uma semente plantada pelo Herculano que já está frutificando em meio a pesquisadores e historiadores, espíritas e não espíritas. Também existem não espíritas pesquisando o Espiritismo. Na minha opinião nas próximas décadas o Espiritismo provavelmente vai começar a deixar de ser o grande desconhecido. (...)

E eu afirmo aqui que o Herculano foi um precursor e um precursor intuitivo, porque ele não teve acesso a essas informações todas. E posso dizer hoje, pela leitura que eu tenho das obras dele e pela recuperação que eu tenho participado em se fazer na História do Espiritismo, que Herculano Pires representa a resposta dada pelo pensamento de Kardec aos desvios que ocorreram, que começaram a ocorrer um ano depois da morte de Kardec.

Na França nós tivemos um desvirtuamento do entendimento do que é o Espiritismo pelos próprios pares, pelas próprias pessoas que conheceram o Espiritismo de Kardec e deram continuidade à sua obra.

Isso começou a ocorrer um ano depois que morreu Kardec.

Já ocorria em sua época, mas isso ocorria na periferia, os indivíduos se escondiam.

Quando morreu Kardec eles tomaram conta da estrutura da Sociedade de Kardec, da Revista Espírita e inverteram os conceitos propostos pelo Espiritismo. De tal modo de que de 1870 pra cá, nós vivenciamos a **Idade Média do Espiritismo**, da mesma forma que ocorreu a **Idade Média do Cristianismo**.

Depois da morte de Jesus os seus ensinamentos foram esquecidos e muitas instituições inverteram os conceitos e as ideias que eram as ideias de Jesus. Com o Espiritismo ocorreu a mesma coisa, uma inversão dos conceitos.

A temática objeto da abordagem do Paulo Henrique em sua palestra é um assunto do meu maior interesse e vem sendo objeto dos meus estudos por décadas. O meu despertar para o mesmo deu-se a partir das minhas leituras das obras do Professor J. Herculano Pires.

Chega a ser intrigante para um principiante dos estudos espíritas verificar a forma enfática com que o escritor e filósofo espírita paulista abordava o tema. Como sabemos ele aborda o assunto de forma direta e mais especificamente na obra objeto da palestra do Paulo Henrique, porém o tema é insistentemente salientado ao longo de quase toda a sua vasta obra.

A peroração anterior é para justificar o título desta minha resenha.

Enfim, acabo de fazer a primeira leitura de *Revolução Espírita – A Teoria Esquecida de Allan Kardec*, e aqui venho registrar as minhas modestas, porém sinceras impressões sobre o extraordinário trabalho de pesquisa, ao qual o autor refere-se humildemente como apenas um “romance histórico”.

Quando digo “primeira leitura” é bem a propósito, pois esta é uma daquelas obras que merece ser lida, relida, estudada e reestudada. De facto ela passará a ser um dos meus livros espíritas de cabeceira para ser estudado ao lado das Obras Fundamentais, da Revista Espírita de Allan Kardec e das extraordinárias obras do Professor J. Herculano Pires e outras obras clássicas da literatura espírita.

Existe uma grande simbiose e um propósito idêntico entre o trabalho de pesquisa do Paulo Henrique e o massivo trabalho espírita missionário do nosso saudoso filósofo e escritor espírita paulista.

É impressionante a forma metódica, didática, esmerada e o estilo atraente pelo qual o autor se desincumbiu do objetivo inicial proposto em seu trabalho de pesquisa:

“pesquisar a natureza do espiritismo por meio da história e da filosofia da ciência”; e

“dar continuidade a essa investigação quanto ao estabelecimento do movimento espírita no Brasil.”

Início a minha análise pela proposição segunda, a parte biográfica e histórica relacionadas aos personagens e períodos precedentes e posteriores à concepção da Ciência dos Espíritos.

A perspicácia do autor em carrear para o bojo do seu fenomenal trabalho de pesquisa, as informações que lá encontramos e muitas delas inéditas, é de facto admirável.

Um enorme volume de informações que tratam de aspectos de fundamental importância sobre a vida do codificador, sua educação e formação humanística desde o berço.

De igual modo informações substanciais sobre seus familiares mais próximos, aqueles que foram os responsáveis diretos pela sua formação humana e cultural.

E ainda sobre outros aspectos de relevância igualmente essencial à construção da sua obra de pesquisa, quer seja o contexto histórico e cultural da época que precedeu a elaboração da doutrina espírita, bem como do período em que a mesma era gradativamente elaborada.

Essas informações são absolutamente vitais para um melhor entendimento do processo de elaboração da ciência espírita pelo codificador. Esse conjunto de informações abre enormes janelas que nos possibilitam ter um melhor e mais profundo entendimento sobre a abrangência e o escopo da Ciência dos Espíritos, bem como da sua marcha para a transformadora Revolução Espírita que já se processa e continuará pelo futuro da humanidade.

Obviamente que não irei mencionar aqui detalhes específicos sobre essas novas informações. Prefiro deixar aos leitores o prazer de palmilhar as páginas desta obra inebriante para descobrirem por si mesmos.

Posso, todavia, assegurar-lhes que será uma agradável e enriquecedora aventura. Não há motivos para se intimidarem com o volume da obra, pois o estilo elegante e coloquial do autor torna a leitura muito prazerosa.

Revelo a propósito aqui um facto que sempre me intrigou em meus estudos espíritas ao longo de décadas. Tendo em vista o número razoável de biografias existentes sobre Allan Kardec, sempre me pareceu inconcebível o facto de não conhecermos absolutamente nada sobre o período da sua vida que vai do seu nascimento ao ingresso dele no instituto de educação de Pestalozzi, em Yverdon na Suíça.

Da mesma forma a carência de informações mais detalhadas sobre os familiares mais próximos, como se isto fosse algo impossível de se conseguir e sem maior importância no contexto da sua vida e da sua obra. Afinal de contas o codificador não viveu na época de Cristo, há dois mil anos atrás. Apenas um pouco mais de duzentos anos nos separa desse período da sua vida. Além disso ele viveu numa época em que houve as maiores conquistas de progresso científico e cultural da era moderna, antes da nossa era atual.

Pois bem! Em seu excepcional trabalho de pesquisa o Paulo Henrique desmonta o intrigante quebra-cabeça e nos brinda com um volumoso montante de informações sobre este e outros períodos da vida de Allan Kardec. Todavia, ressalte-se que grande parte das informações encontradas em pesquisas por ele elaboradas ao longo de duas décadas, as quais vão muito além das que foram carreadas para este livro, são oriundas de fontes primárias. E são tantas que ele próprio chegou a nos asseverar, em uma de suas palestras disponível na Internet que “dariam para fazer a biografia de toda a família de Allan Kardec”.

Essas enormes lacunas sobre a vida do codificador, seus familiares e outros aspectos que certamente o influenciaram em sua formação holística e posterior produção literária no campo da educação, bem como, e especialmente, na sua hercúlea missão de compilar a ciência espírita, realmente é algo inusitado para mim e sempre me intrigou ao extremo. E não foi por falta de diligência de minha parte em tentar preenchê-las.

Há apenas alguns meses tomei conhecimento de uma obra que me pareceu inicialmente um grande achado que preenche este vácuo.

Obviamente eu a adquiri e a li com a maior avidez. Trata-se de uma recente biografia do codificador, Allan Kardec et son époque, escrita por Jean Prieur em 2014 e traduzida para o português em 2015 (Allan Kardec e sua época), 2ª edição Lachâtre, a que adquiri.

Segundo informações constantes do próprio livro, trata-se de um experiente escritor, já com cem anos de idade e que “publicou cerca de sessenta livros, entre obras de literatura e ensaios, muitos de temática espírita”.

Todavia a promessa não se concretizou, pouquíssimo foi acrescentado em relação às muitas biografias que já conhecemos. Por exemplo, logo de início vemos uma nota de rodapé na página 7 relativa aos pais de Allan Kardec, a qual informa: “Seus pais residiam em Bourg-en-Bresse”.

Mais à frente na página 11 lemos em outra nota de rodapé o seguinte: “Por sua postura política em relação à Revolução Francesa, ele foi preso em 21 de fevereiro de 1794 e liberado em 20 de abril do mesmo ano (fonte: Reformador, abril de 2014).

Jean-Baptiste foi dado como desaparecido por volta de 1807, quando o exército de Napoleão, comandado pelo general Junot, posicionara-se na Espanha para invadir Portugal.”

Não somente as fontes do autor arrefeceram os meus ânimos com relação à sua biografia, como tanto mais ainda afirmações como as que seguem, dentre outras: “Cento e cinquenta anos depois, ainda se fala dessa religião única e unívoca”, p. 9; e “Kardec, em vida, nunca se achou um messias e, quando falava da terceira revelação, do terceiro testamento, ele pensava no Consolador anunciado por Jesus, no Espírito de Santidade e de Verdade que deve retornar para um pentecostes verdadeiramente universal.” Com uma linguagem dessa, fica difícil saber de qual Kardec está se falando.

No tocante ao aspecto importantíssimo da história do movimento espírita, tanto na França e imediatamente após a morte do codificador, bem como dos primeiros passos do movimento espírita no Brasil, o trabalho de pesquisa do Paulo Henrique revela o mesmo nível de ineditismo e também nos brinda com uma avalanche de informações novas e inquestionáveis, porque originárias de fontes primárias.

Na parte quinta da sua admiravelmente bem arquitetada obra de pesquisa, “**Parte 5: A causa espírita à frente**”, nos deparamos com situações lamentáveis e até denúncias estupefacentes que nos causam muita tristeza.

Em um dos tópicos desta seção, “**5.5 Os desertores, ou a crônica da fraqueza humana**”, encontra-se o registo das primeiras tentativas de minar as bases da nova doutrina em seu período de implantação na França, enquanto ainda estava entre nós o codificador.

Até se entende a resistência de alguns espíritos fortes e combativos no plano das ideias, sejam quais forem as paixões ou os motivos que os levem ao debate.

É o caso relatado no livro em relação à postura de dois desses interlocutores, o barão de Güldenstubbé e o advogado lionês **Jean-Baptiste Roustaing**, cujas atitudes o próprio autor justifica nesta sensata assertiva:

“Na maioria das vezes, não se trata de má fé, mas de um ofuscamento da verdade pela capa do orgulho, que lhes cobre as vistas.” O último desses interlocutores é muitíssimo conhecido no movimento espírita do Brasil por ser o promotor da obra “Os Quatro Evangelhos ou Revelação da Revelação”, psicografada pela médium Émilie Collignon.

Ela tem de facto sido ao longo de décadas motivo para as maiores dissensões dentro do movimento espírita, não só no Brasil como alhures. Não obstante, a mesma foi trazida ao nosso país pela corrente majoritária do movimento espírita organizado que a patrocina desde início do século passado, **bem como impõe em seus estatutos o estudo da mesma na seara doutrinária.**

A Revista Espírita faz o registo das enormes resistências e dos embates que o codificador teve de enfrentar em seu trabalho missionário, na tarefa de coligir os princípios da ciência espírita.

Eles partiam de pessoas ou grupos externos interessados em impedir que a ciência tomasse corpo, porque ela claramente colocava em perigo as “verdades” impostas à sociedade por esses interesses difusos. Por mais penosos que fossem esses ataques, eles eram necessários para tornar ainda mais sólida a doutrina, pois esta teria necessariamente que ser aberta e exposta à luz do dia em toda sua clareza.

O que é difícil de se conceber, é que o codificador tivesse que enfrentar os mais rudes e traiçoeiros golpes a partir de alguns dos seus próprios pares e colaboradores. E nesta seara a pesquisa do Paulo Henrique é também enriquecedora em suas fontes primárias de informações.

Pedindo licença aos leitores, ele faz o registo de denúncias gravíssimas da médium **Berthe Froppo**, vice-presidente da União Espírita Francesa e “amiga do casal Rivail desde o início das lutas, tendo ficado ao lado de Gabrielle, quando viúva”.

Essas denúncias são relatadas em “fonte primária de relevante importância”, ou seja, em obra de autoria da médium, intitulada BEAUCOUP DE LUMIÈRE (Muita Luz).

As denúncias se tornam ainda mais deploráveis, sob todos os pontos de vista, quando somos informados pelo autor da pesquisa de que a iniciativa da médium foi tomada “seguindo orientação do espírito de Allan Kardec”, a qual foi dada nestes termos:

“É absolutamente indispensável fazer o histórico da União, e você, mais do que qualquer outro, cara amiga, está qualificada para este feito. Sua posição a coloca acima de todos, pelas relações constantes que tem mantido com minha querida mulher. É bom que se saiba e que não se possa desmenti-lo. É preciso, sobretudo que se saiba bem que os factos que revelou são infelizmente muito verdadeiros, e que, de longe tenha maledicência e calúnia, não é infelizmente senão um reflexo da verdade. Reze por esses infelizes cegos; a punição não se fará tardar, continue a luta, é necessário vencer, estamos consigo, queremos a felicidade de todos nossos irmãos e o triunfo da verdade: nós conseguiremos. Obrigado por sua boa afeição, ela nos é preciosa. Allan Kardec (FROPO, 1884, p.440.)”

Dentre as denúncias constantes no livro da médium, das quais o Paulo Henrique faz menções apenas de passagem em sua obra, destacamos uma em particular que merece o repúdio e a condenação de todo espírita, pelo caráter detestável de sua natureza pérfida.

O registo é feito nesses termos:

“Na execução de seu testamento, conta Fropro, o senhor Vautier, tesoureiro e administrador da Sociedade, sem fazer um inventário, sob as vistas de Leymarie, executou um verdadeiro auto-de-fé, ao queimar lotes de papéis e cartas deixados por Allan Kardec, cuja importância ele mesmo havia registado em “A Génese”.

Tomo a liberdade de transcrever o trecho mencionado em “A Génese”, de Allan Kardec:

“Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme? (G, p. 39).”

O Paulo Henrique informa-nos ainda em sua obra de pesquisa, o seguinte:

“Segundo a denúncia de Fropro, desde a morte de Rivail, o senhor Pierre-Gaetan Leymarie, que passou a exercer as funções de redator chefe e diretor da Revista Espírita, além de gerente da Livraria Espírita, no exercício de suas funções, passou a não seguir as orientações da esposa de Rivail, Amélie Boudet, alterando completamente os rumos propostos por Allan Kardec, a ponto de desfigurar essa instituição.”

Ainda a despeito da proposição segunda dos objetivos da pesquisa do autor,

“dar continuidade a essa investigação quanto ao estabelecimento do movimento espírita no Brasil”,

a minha aprovação ao trabalho de pesquisa é absolutamente enfática.

Ao lado dos meus constantes esforços de estudante dos aspectos doutrinários do espiritismo via obras de Allan Kardec, sempre valorizei muito o estudo dessa questão, o que no meu entender é altamente aconselhável a todo espírita.

Sei perfeitamente não se tratar de tarefa muito fácil.

Neste terreno, a literatura existente que não esteja em sintonia com as subtis e caudalosas orientações da corrente maioritária do movimento espírita organizado em nosso país, não é de fácil acesso.

Só a encontramos em sebos (em Portugal, alfarrabistas), cópias emprestadas de amigos, ou em alguns blogs que dedicam precioso tempo para registrar a história do movimento.

Só nos cabe aplaudir esses solitários trabalhadores da seara espírita, pela grande importância dos seus trabalhos de pesquisa e valia que os mesmos representam para os nossos estudos e o futuro do espiritismo.

A garimpagem feita pelo Paulo Henrique nesta seara é admirável e enriquece sobremaneira a sua obra de pesquisa.

As informações de fontes primárias contidas nos tópicos

“5.6 Os descaminhos da historiografia espírita; e

5.7 A difícil travessia: o espiritismo no Brasil” da parte quinta do seu livro, são extremamente alentadoras.

Elas nos revelam factos históricos tão inéditos e motivadores, que são capazes de minar a tristeza e o acabrunhamento que nos invade a alma, quando tomamos conhecimento das infames denúncias feitas nos relatos da obrinha de autoria da médium Berthe Frope.

Isto porque as luzes cristalinas e racionais dos ensinamentos da espiritualidade superior, consubstanciados nas páginas da obra imorredoura de Allan Kardec, nos dá a convicção e a certeza de que a Verdade sempre prevalecerá, apesar da incúria e do orgulho dos homens.

Não farei aqui qualquer menção especificamente aos factos extraordinários da vida dessas duas “figuras quase desconhecidas, que quando raramente são citadas, constituem algumas linhas”.

Me refiro aqui às informações trazidas ao bojo da obra de pesquisa do Paulo Henrique, as quais referem-se aos notáveis pioneiros do movimento espírita em nossa pátria:

Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manoel José de Araújo Porto-Alegre. Seria inoportuno me antecipar ao prazer que o leitor certamente terá, assim como eu tive, ao ler essas páginas inebriantes da fabulosa pesquisa.

Registo apenas a minha incedível alegria e satisfação ao percorrer as páginas destes dois tópicos e tomar conhecimento de informações tão únicas e inéditas.

Além do ineditismo, elas também nos revelam de forma dramática, a visão lúcida desses pioneiros em suas atitudes de perfeita harmonia com os princípios fundamentais da Ciência dos Espíritos, tão bem erigidos na ciência espírita sob a égide do Mestre Allan Kardec.

Não temos como não ficar pasmados com o facto triste de que essas informações nos tenham sido ocultadas por mais de um século.

Finalmente exaro minhas despreziosas notas, o meu mais fervoroso endosso a esta preciosa obra de pesquisa, referindo-me ao seu aspecto de maior relevância e expresso pelo autor nesta proposição: “pesquisar a natureza do espiritismo por meio da história e da filosofia da ciência”.

Já na Introdução de sua obra, e em destaque na contracapa da mesma, registamos a ousada afirmação do autor, a qual poderá eventualmente ser vista por alguns apressados como demais ousada, o que se verá na leitura e estudo da obra não ser o caso: “Sejam opositores ou simpatizantes, adeptos ou divulgadores, todos desconhecem o verdadeiro espiritismo”.

O próprio codificador Allan Kardec nos alertou sobre a magnitude e a abrangência da Ciência dos Espíritos, definindo-a como a Ciência do Infinito. Já na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, em O Livro dos Espíritos, assim ele nos advertiu: “Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; liga-se a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre ante nós.”

A advertência não é nova. O Professor J. Herculano Pires a enfatiza em toda sua obra e de forma mais clara e enfática no opúsculo “Curso Dinâmico de Espiritismo – O Grande Desconhecido”.

Com uma boa dose de humildade, mesmo que estejamos entre os mais dedicados estudiosos do espiritismo, não é difícil entendermos que o Paulo Henrique está com a razão ao fazer a assertiva precedente. Pelo que já expusemos ao longo deste texto acho que é o suficiente para justificar o acerto da sua afirmativa. Todavia, fazemos questão de inserir aqui, ainda para dar sanção à assertiva do autor da obra de pesquisa, uma dramática constatação feita pelo filósofo espírita de Avaré, em um de seus excepcionais opúsculos espíritas:

“As obras de Kardec são a única fonte verdadeira do saber espírita. Quem não ler e estudar essas obras com humildade e vontade legítima de aprender, não conhece o Espiritismo. Os que realmente estudam e compreendem a doutrina sentem-se humildes diante da sua grandeza e não pretendem passar por mestres. São colegas mais aplicados que apenas se esforçam para ajudar os companheiros de escola na aprendizagem necessária. A obra de Kardec ainda não foi suficientemente estudada. A maioria dos espíritas estudiosos não conseguiu ainda penetrar na essência dessa obra, que não foi escrita para um século, mas, para muitos séculos. Infeliz daquele que pretende ser o mestre de todos. Na verdade, é o cego do Evangelho que conduz outros cegos ao barranco. Precisamos ter muito cuidado para não entrarmos nessas filas de cegos ou nos colocarmos na posição ridícula de cego a guiar cegos.”

[JOSÉ HERCULANO PIRES - O Mistério do Bem e do Mal – Crónica nº 36 - Kardec e a Ciência Espírita]

A constatação a que chegamos ao final de uma primeira leitura desta obra maravilhosa, é que havia até agora uma substancial lacuna de informações indispensáveis sobre o contexto histórico e cultural, tanto da época em que a Ciência

dos Espíritos nos foi legada e metodicamente estruturada na ciência espírita pelo codificador, bem como informações posteriores inerentes ao desenvolvimento do movimento espírita. E essas informações são absolutamente fundamentais para que possamos ter um entendimento mais exato do panorama abrangente dos conceitos e dos princípios da ciência espírita.

O Paulo Henrique nos brinda com esse conjunto impressionante de informações que ele granjeou para o bojo da obra *Revolução Espírita*, o que ele fez de forma metódica, estilo impecável e numa linguagem coloquial acessível a qualquer leitor, transformando a leitura do livro num exercício de deleite.

As poucas inserções que eu tomei a liberdade de carrear das páginas do livro para esta minha resenha, as quais referem-se a aspectos inerentes a uma das proposições estruturais da obra, factos históricos e biográficos, já são suficientes para justificar o apreço que devemos ter pelo denodo do autor em seu extraordinário trabalho de pesquisa.

As orientações e os esforços que o Paulo Henrique sabiamente nos legou através das páginas enriquecedoras do seu belo livro, é o que reputamos como o ponto de culminância deste seu maravilhoso trabalho de pesquisa. Elas, de facto, consubstanciam-se em ferramentas de exegese segura e benéfica para o nosso melhor entendimento dos conceitos inerentes aos princípios fundamentais da ciência espírita. É oportuno enfatizar que a substancial lacuna a que nos referimos anteriormente, de facto nos impedia de ter um melhor entendimento sobre aspectos fundamentais do espiritismo. A propósito faço referência aqui, por exemplo, à informação que nos foi dada pelo codificador de que os tempos eram propícios ao entendimento e aceitação das revelações dos espíritos superiores, as quais foram erigidas em princípios fundamentais da ciência espírita. Não teríamos de facto condições de entender a afirmativa em sua inteireza, antes das informações trazidas nesta obra acerca do tema.

É importante frisar que quando me refiro a excelência desta obra como uma preciosa ferramenta de exegese da Ciência dos Espíritos, não estou desconhecendo ou negando o facto óbvio de que os elementos intrínsecos da teoria do conhecimento espírita, tão sabiamente erigidos pelo mestre Allan Kardec, constituem-se em primazia como os instrumentos de análise e interpretação primeira da obra espírita. Podemos ainda acrescentar neste particular a existência de extraordinários trabalhos que nos podem orientar na exegese segura da doutrina espírita, os quais nos foram legados ao longo dos anos por grandes estudiosos e pesquisadores do espiritismo.

Dentre estes podemos destacar a vasta obra do Professor J. Herculano Pires, o “Apóstolo de Kardec”, bem como obras de autores clássicos como Léon Denis, Gabriel Delanne, Gustave Geley, Ernesto Bozzano, Deolindo Amorim, Hermínio Miranda, entre outros.

A constatação óbvia a que chegamos ao final da leitura desta preciosa obra de pesquisa, é que precisamos de facto visitar constante e dedicadamente as obras de Allan Kardec, para podermos avançar no entendimento mais seguro e acurado do conjunto de princípios da Ciência dos Espíritos. Certamente a obra do Paulo Henrique é mais uma ferramenta preciosa para nos ajudar nesses estudos. Ela nos oferece uma oportunidade para revitalizar o nosso entendimento sobre a vasta gama de princípios da ciência espírita, o que nos possibilitará ter uma visão mais clara e concreta do nosso papel de agentes racionais e moralmente autónomos, no processo de transformação moral do nosso Planeta.

Não haverá milagres ou atalhos capazes de nos inserir na verdadeira revolução espírita que de facto já se processa em nosso mundo, a não ser arregaçar as mangas e atender ao apelo que nos foi feito pelo Espírito da Verdade nestes termos: “Espíritas: amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo”.

Nesta mesma linha é também oportuno atentar para as advertências que o autor nos dirige ao longo de toda a sua obra de pesquisa, dentre as quais destacamos as que seguem abaixo:

“Kardec executou a chefia quanto ao seu papel no espiritismo, pois, segundo ele, ‘em tudo isto fizemos o que outros teriam podido fazer como nós’. Ou seja, ele agiu de tal forma que sua atitude pudesse ser universal. **Fica mais evidente o quanto é inaceitável qualquer atitude messiânica e profética de médiuns e divulgadores, estabelecendo uma relação de liderança e submissão com seus ingénuos seguidores.**

Para ser espírita, segundo esses critérios, é preciso abandonar a preguiça de confiar que lhe digam no que deve saber ou acreditar. Abandonar a acomodação aos hábitos encanecidos. Libertar-se de pensamentos massificados e enraizados do velho mundo. O espírita é racional e moralmente autónomo. A sua é “fé racional”.

[REVOLUÇÃO ESPÍRITA de Paulo Henrique de Figueiredo, últimos parágrafos do ponto 1.8.3 – JAMAIS ME DEI POR PROFETA OU MESSIAS]

“A expressão ‘pela força das coisas’ tem o sentido de causa natural, portanto inevitável. Há uma abrangência na visão futura de Kardec, quanto às relações entre o espiritismo e o conhecimento humano, que evidencia um processo revolucionário, uma mudança de paradigma onde o materialismo da ciência é superado naturalmente, pelo valor conceitual do conhecimento espírita. É evidente que, para que isso ocorra, o conteúdo da doutrina espírita não pode ser apresentado à sociedade na embalagem hermética de uma religiosidade dogmática ou misturado a discursos místicos.”

[REVOLUÇÃO ESPÍRITA de Paulo Henrique de Figueiredo,
Ponto 3.1.1 – O ESPIRITISMO ENTRE AS CIÊNCIAS FILOSÓFICAS, perto do final]

“O facto é que o corpo de conhecimento espírita precisa ser compreendido, como ocorre em qualquer outra ciência, seja física, psicologia ou biologia. O conteúdo dessas áreas do conhecimento pode ser ensinado desde a crianças pequenas, até a jovens, adultos, por um esforço didático. No entanto, aquele que se predispõe a ensinar precisa, previamente, ter a mesma dedicação que os estudantes das demais ciências. Em sendo uma forma de conhecimento, o espiritismo pede igual cuidado e seriedade. No entanto, considerando o cenário atual, pela pouca compreensão que há de sua originária Doutrina, todos são estudantes! Por sua natureza especial, professores mesmo de espiritismo são os espíritos superiores que elaboraram sua doutrina.”

[REVOLUÇÃO ESPÍRITA de Paulo Henrique de Figueiredo,
5.6 – DESCAMINHOS DA HISTORIOGRAFIA ESPÍRITA]

Finalizo a minha despreziosa análise sobre a obra *Revolução Espírita, A Teoria Esquecida* de Allan Kardec, citando passagem da lavra do Professor J. Herculano Pires, a qual, no meu entender, sanciona a o acerto da afirmação supramencionada, feita pelo autor da excepcional obra de pesquisa.

“O Espiritismo não é doutrina feita para sábios, mas para todos os que tenham um pouco de bom senso e de humildade. Os sábios, também, estão sujeitos à mistificação, pois há mistificadores sábios nas trevas, e muitos doutores andam por aí a pregar tolices em nome de um suposto progresso do Espiritismo, de sua suposta atualização. Ninguém é professor de Espiritismo. Todos somos aprendizes, todos. E, geralmente, maus aprendizes que, quando pretendem ensinar, deturpam a doutrina.”

[JOSÉ HERCULANO PIRES - O Mistério do Bem e do Mal – Crônica nº 36 - Kardec e a Ciência Espírita]

António Leite – Nova Iorque

Mesmer, a ciência negada – nova edição revista e ampliada

Paulo Henrique de Figueiredo 23/03/2017 / Artigos, Magnetismo Animal

Depois de três edições esgotadas, *Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal* está relançada, ampliada e revista, com nova capa e projeto gráfico.

Faz parte agora de **uma trilogia**, a qual deu início, e tem como **segunda obra** *Revolução Espírita – a teoria esquecida* de Allan Kardec. Além de uma terceira que a completará, em elaboração.

Este livro oferece as principais obras do médico FRANZ ANTON MESMER traduzidas para o português, além de uma biografia renovada e fiel aos factos, e uma contextualização da medicina em sua histórica tradição espiritualista.

Toda obra tem sua história. A desta teve início nos anos oitenta, quando pesquisávamos a doutrina espírita de Allan Kardec e nos deparamos com a seguinte afirmação desse autor, em sua *Revista Espírita* de 1858:

O Magnetismo preparou os caminhos do Espiritismo, e os rápidos progressos dessa última doutrina são, incontestavelmente, devidos à vulgarização das ideias da primeira. Dos fenómenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase, às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se devêssemos ficar fora da ciência magnética, nosso quadro estaria incompleto, e se poderia

nos comparar a um professor de física que se abstinhasse de falar da luz. Todavia, como o Magnetismo já tem entre nós órgãos especiais, justamente autorizados, tornar-se-ia supérfluo cair sobre um assunto tratado com a superioridade do talento e da experiência; dele não falaremos, pois, senão acessoriamente, mas suficientemente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na realidade, não fazem senão uma.

(Revista Espírita, Março de 1858 – Magnetismo e Espiritismo)

Um depoimento surpreendente e revelador! Essas palavras demonstram uma relação íntima entre as duas ciências, sendo o estudo de uma fundamental para a compreensão da outra. Isso quanto a vários aspectos, seja doutrinário, fenomênico, cultural.

Além disso, o magnetismo dos tempos de Allan Kardec estava reabilitado, aceito socialmente, contando com consultórios, hospitais mesméricos, sua terapia estava acolhida e era aplicada pelos médicos homeopáticos e magnetizadores.

As descobertas do sonambulismo influenciavam a filosofia e a psicologia. Diversas obras, cursos e instituições se encarregavam de divulgar e ensinar sua ciência. Foi por isso que Kardec, apesar de demonstrar a importância para o espírita em estudar essa ciência correlata, não se preocupou em reproduzir os fundamentos dela em suas obras espíritas, pelo livre acesso que o magnetismo tinha no ambiente cultural de então.

Todavia, não sabia o fundador do espiritismo que a doutrina espírita iria atravessar o Atlântico e aportar em terras brasileiras, ganhando milhões de adeptos e simpatizantes que estudariam suas obras. No Brasil, o magnetismo animal, apesar de ter aqui chegado por precursores como os médicos **Domingos José Gonçalves de Magalhães**, visconde do Araguaia, (1811–1882) e doutor **Eduardo Monteggia** durante o segundo império, não se estabeleceu como ciência e ficou completamente esquecido.

Atualmente, tanto a homeopatia quanto o espiritismo contam com milhões de simpatizantes, e, apesar da estrutura acadêmica ainda submeter às suas instituições um dogmatismo radical materialista, ambos possuem pesquisadores, divulgadores e estudiosos que recuperam e permitem estender aos indivíduos os benefícios de suas práticas.

Os benefícios práticos dos remédios homeopáticos são incontestáveis pela prática secular desde Hahnemann. E os benefícios morais e sociais da doutrina espírita consolam e motivam aqueles que estudam as obras de Allan Kardec.

Por outro lado, a descoberta do sonambulismo provocado abriu caminho para a pesquisa da hipnose, psicologia, psiquiatria, e outros ramos.

Acreditamos que a tradução das obras fundamentais de FRANZ ANTON MESMER, uma nova biografia e a contextualização de sua medicina na cultura da época, que realizamos nesta obra, irá permitir uma compreensão mais ampla e legítima dessas ciências todas, como anunciaram seus próprios fundadores.

Quanto ao espiritismo, podemos confirmar o que disse Kardec ao assegurar o quanto o magnetismo animal a explica e completa, pois a pesquisa dessa nossa primeira obra, *Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal* nos levou a descobrir o verdadeiro caráter da proposta espírita, relatado em *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec*.

O fundamento da cura e do sonambulismo descobertos por Mesmer está no conceito filosófico da AUTONOMIA.

Não são remédios que curam, mas o próprio organismo do enfermo que recupera sua harmonia, pelos esforços naturais de sua fisiologia.

E o sonambulismo provocado revela todo o potencial da alma, causa da individualidade que nos representa.

Por sua vez, o espiritismo vai demonstrar toda a força da AUTONOMIA MORAL, como instrumento de transformação social pela **adesão voluntária e consciente de cada indivíduo** de nosso planeta.

Ao contrário da moral HETERÔNOMA proposta pelas religiões tradicionais e pela ideologia materialista, que submete o indivíduo aos castigos e recompensas para agir submisso às leis externas a si mesmo, a AUTONOMIA MORAL o leva a agir de acordo com as leis naturais presentes em sua própria **consciência**, transformando-o em agente livre da regeneração da humanidade.

Em sendo ciências gêmeas, magnetismo e espiritismo, também essas duas obras Mesmer e *Revolução Espírita* se comunicam e explicam mutuamente. Os pressupostos da recuperação que estas obras representam são harmônicos com quem acredita na regeneração da humanidade, pela superação dos preconceitos e privilégios e o estabelecimento futuro de uma sociedade fundamentada na oportunidade para todos, valorização da diferença e da diversidade.

Foi com essa esperança que Kardec terminou seu artigo, ao afirmar:

Tudo prova, no desenvolvimento rápido do Espiritismo, que ele também terá logo seu direito de cidadania; a espera disso, aplaude com todas as suas forças a categoria que acaba de alcançar o Magnetismo, como a um sinal incontestável do progresso das ideias.

(Revista Espírita, Outubro de 1858 – Emprego Oficial do Magnetismo Animal)

Oferecemos, enfim, ao leitor, a oportunidade de conhecer o pensamento de FRANZ ANTON MESMER afastado do preconceito e escárnio pelo qual foi injustamente negado no século XX.

Ele indicou caminhos que deixámos de pisar depois da imposição do materialismo como única verdade aceite. Suas ideias sobre justiça social, medicina, psicologia, e tantos outros ramos do conhecimento são inspirações válidas para o debate contemporâneo, na busca por soluções para a atual crise moral da humanidade.

“Mesmer - a ciência negada do magnetismo animal” já nasceu um clássico!

(Hermínio C. Miranda, pesquisador e escritor.)

Comentário de Antonio Leite: “Mesmer, a Ciência Negada do Magnetismo Animal”, de Paulo Henrique de Figueiredo

O já tão esperado lançamento da 4ª edição revista e ampliada desta magistral obra chega em momento muitíssimo oportuno.

A oportunidade deve-se ao facto da recente publicação pelo mesmo autor de outra extraordinária obra, “Revolução Espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec” que acabo de ler.

Isto porque existe uma profunda simbiose entre ambas, tanto em relação ao conteúdo como também em relação ao contexto histórico objeto de suas páginas.

Em 2010 li a 2ª edição de “Mesmer, a Ciência negada e os textos escondidos”, e agora temos uma nova edição com o título levemente retocado, “Mesmer, a Ciência Negada do Magnetismo Animal”. Para mim a leitura dessa obra foi uma das mais proveitosas que já fiz em toda minha vida.

Me impressionou sobremaneira o relato feito pelo Paulo Henrique de Figueiredo sobre as várias “coincidências” que contribuíram e levaram à concretização dessa obra.

É mais impressionante ainda a insistência com que ao longo da história da humanidade, por interesses mesquinhos, os homens tentam se opor às forças da natureza.

Vã pretensão que o autor sagazmente demonstra já na Introdução da obra através de citação de Allan Kardec, extraída da Revista Espírita de 1858:

“É que o magnetismo é uma força natural, e que, diante das forças da natureza, o homem é um pigmeu semelhante a esses cãezinhos que ladram, inutilmente, contra o que os assusta”.

(Revista Espírita, Ano I; Número I – Janeiro de 1858 – Introdução)

Os estreitos vínculos de ligação entre a ciência do Magnetismo Animal e a Ciência Espírita, é o ponto de maior relevância que o autor procura sagazmente destacar e pôr em relevância para todos nós espíritas. Assim, a leitura desta obra é de fundamental importância e nos ajuda a penetrar mais profundamente nos conhecimentos vastos que nos legou a Ciência dos Espíritos. Como ele bem enfatizou na Introdução da 2ª edição:

“Tendo estudado por mais de trinta e cinco anos esta ciência, Allan Kardec, o codificador do espiritismo, com toda razão afirmou que as duas ciências formam um só corpo, e uma não poderia ser compreendida sem as luzes da outra”.

Ao par dos aspectos inerentes a esses vínculos que certamente desperta um maior interesse para todos nós espíritas, a obra resgata de forma brilhante a reputação de um cientista, um verdadeiro missionário, que muito fez em benefício da humanidade. E o Paulo Henrique de Figueiredo nos informa que “Com leviandade se tem julgado o caráter de um homem”.

Não só pelo aspecto das ligações com o espiritismo, o que nos toca mais de perto, bem como por muitos outros que dizem respeito ao árduo e difícil caminho do progresso das ciências, da cultura e do conhecimento, é que a leitura desta maravilhosa obra é de facto muitíssimo enriquecedora. Neste particular é que o autor nos faz esta assertiva:

“O magnetismo animal foi a base para o surgimento da psicologia, da parapsicologia, da psicanálise, da hipnose e aplinou caminhos para o surgimento da ciência espírita”.

Assim recomendo a leitura desta fenomenal obra de pesquisa com a maior ênfase.

A reviravolta de Hermínio Miranda sobre Mesmer

Paulo Henrique de Figueiredo 30/03/2017 / ARTIGOS, HISTÓRIA, MAGNETISMO ANIMAL

ALLAN KARDEC definiu o Magnetismo Animal criado por FRANZ ANTON MESMER junto ao Espiritismo como “ciências irmãs”, sendo que uma não poderia ser compreendida sem a outra.

Nesse panorama, as descrições de Mesmer como um charlatão burlesco se estendem, denegrindo também a doutrina espírita. Inevitavelmente. Como poderia surgir de um indivíduo interesseiro, farsante, exótico, uma ciência séria, bem fundamentada, ao ponto de servir de base à doutrina dos espíritos superiores?

Tendo estudado as obras kardecianas desde jovem, quando me deparei com esse enigma das ciências gêmeas, não vi outro caminho senão ir a fundo à pesquisa das suas origens. Entretanto, nada encontrei vasculhando bibliotecas, livrarias e “sebos” (em Portugal, “alfarrabistas”), que me esclarecesse.

Por outro lado, compulsando enciclopédias e manuais, invariavelmente achava uma descrição estranha dos métodos e práticas de Mesmer. Não me deixei influenciar. Nunca poderia aceitar uma condenação de sua figura apenas acessando fontes secundárias. Pessoas que me contavam o que leram de outros que propuseram antes. Seria fundamental ter acesso às obras primeiras, notadamente o que o próprio Mesmer tivesse escrito de seu punho. Essa foi a meta.

Entretanto, nesse período preparatório da pesquisa, algo intrigante me tocou. Uma obra fundamental de um dos maiores escritores espíritas de todos os tempos oferecia uma visão depreciativa de Mesmer! Justo numa obra clássica. Em “A memória e o Tempo”, **Hermínio Miranda** escreveu:

“Em salões luxuosos, Mesmer, excêntrico e um tanto exibicionista, circulava paramentado com um ostentoso ascendente do jaleco feito de seda palidamente colorida e uma varinha na mão, como se fosse um mago. Talvez essas atitudes teatrais hajam prejudicado seu conceito médico”

(“A Memória e o Tempo”. RJ: Lachâtre, 1999. Pg. 75)

Fiquei intrigado com o facto de tão conceituado pesquisador oferecer aos leitores uma visão que desqualificava o criador do Magnetismo Animal. Mesmo que praticamente todos os outros autores fizessem o mesmo. Mas nada disso importava. Não estava com uma resposta pronta para prová-la; tinha apenas uma dúvida, uma pergunta, e fui à busca da resposta.

Na Biblioteca Nacional da França (BNF), gigantesco salão oval, dezenas de mesas no centro rodeadas por quatro andares de estantes sumptuosas iluminadas pelo teto ornamentado de vidro, numa prateleira antiga, adormeciam as obras originalmente publicadas por Mesmer na língua francesa, em tipos de difícil leitura, típicos de finais do século XVIII.

Doutor **Álvaro Glerean**, professor da Escola Paulista de Medicina, que estudava o Espiritismo em nosso grupo, chegou a fazer mais de seis revisões do original em suas traduções. Um trabalho primoroso.

Depois nos dedicamos aos relatórios académicos contrários à nova ciência, jornais da época, revistas de magnetismo, obras de outros magnetizadores como do **Marquês de Puységur** (1751 – 1825), de **François Deleuze** (1753 – 1853), do **Barão du Potet** (1796 – 1881) e de muitos outros. A pesquisa ofereceu uma base completa de recuperação dos factos originais, em fontes primárias que deles abordavam em diferentes perspetivas.

Chegamos, enfim, a uma conclusão bem fundamentada: MESMER jamais foi um charlatão, foi um médico, cientista e pesquisador sério, inovador e extraordinário. Promoveu uma transformadora visão da cura e da saúde, responsável por uma revolução na medicina. Suas obras influenciaram a revolução francesa com suas ideias de igualdade e

liberdade, ao ponto de que seus discípulos tornaram-se líderes girondinos do movimento, antes do terror de Robespierre que lhes custou a vida na guilhotina.

A **psicologia** derivada do **sonambulismo provocado**, fenômeno secundário de seus estudos, **transformaram o entendimento do ser humano como alma encarnada**, influenciando definitivamente os séculos seguintes, **inclusive o surgimento do espiritismo**.

MESMER também criou um novo paradigma para a física, com a intenção de dar explicação aos fenômenos de transmissão do pensamento à distância, que constatou em suas experiências com os **sonâmbulos**, que denominou **“sexto sentido”**.

A transmissão do pensamento precisava de um meio entre o sonâmbulo e o magnetizador e também sua modulação, para levar informação. Concebeu então a **teoria do Fluido cósmico universal**, ou origem primeira única de toda a matéria e forças.

Um estado sutil desse fluido que forma um pleno no universo, além das vibrações da luz, transmitiria por meio de ondas o pensamento de cada ser.

Essa teoria, décadas depois, seria retomada pelos espíritos superiores na elaboração da doutrina espírita, sendo utilizada para explicar a **matéria mental do mundo espiritual**, a **constituição física do perispírito**, confirmando a transmissão do pensamento por meio de **ondas do fluido universal**, proposta originalmente por MESMER.

Somente no século 20, escritores de uma era materialista, convictos de sua crença na descrença, iriam narrar a vida desse precursor, que não podiam apagar da história, mas era extremamente inconveniente para eles, da forma burlesca que se pode constatar.

A história da roupa colorida e da dança exótica foi escrita num folheto difamatório anônimo que contava falsas histórias com o propósito de ridicularizar Mesmer, espalhado pelas ruas de Paris, no auge de sua fama.

Depois se descobriu que foi invenção do médico Jean-Jacques Paulet, inimigo declarado das descobertas de Mesmer, autor da obra *“L’Antimagnétisme”,* ou *“origine, progrès, décadence, renouvellement et réfutation du magnétisme animal”* (Londres, 1784), (antimagnetismo ou origem, progresso, decadência, renovação e negação do magnetismo animal).

Foi bem conveniente aos autores desse termo na Enciclopédia Britânica, por exemplo, no lugar de pesquisar as fontes para resgatar quem foi e o que fez Mesmer, reproduzir as descrições difamatórias daquele folheto, encerrando o assunto por tratar-se de um charlatão.

Publicamos, enfim, a obra **Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal**, resgatando sua biografia, contextualizando suas descobertas no cenário cultural de seu tempo, recuperando o caráter espiritualista da história da medicina desde a antiguidade, e oferecendo as obras originais de Mesmer com notas que demonstram a importância de suas teorias para o Espiritismo, a psicologia, a medicina e toda a cultura posterior.

O livro foi lançado em São Paulo, num congresso nacional da Associação médico-espírita do Brasil em **2005**. Fui lá, incógnito, para observar a reação dos médicos que porventura se interessassem pela nova obra.

Para nossa surpresa, o doutor **Sérgio Felipe de Oliveira**, ao fazer a palestra de abertura, alterou o programa e passou a falar do livro, que tomou em suas mãos e apresentou em imagem no telão do teatro.

Explicou às centenas de profissionais da saúde espíritas que compunham o auditório a **importância da recuperação do magnetismo animal e da extraordinária figura de seu criador**. Por fim, encerrou sua palestra afirmando:

“Esta obra deve estar na cabeceira de todo médico, o que se dirá então do médico espírita?”.

Não poderia ser melhor a divulgação. Outros pensadores se manifestaram. O livro se esgotou, exigindo novas edições. Foi adotado inclusive em alguns cursos superiores, debatido e lido por espíritas, médicos, psicólogos, hipnólogos, psiquiatras.

Estava em caminho uma merecida e absolutamente necessária recuperação da imagem de FRANZ ANTON MESMER.

Por minha vez, dei continuidade à pesquisa original, que era buscar as raízes da relação íntima entre as ciências irmãs, como anunciado por Allan Kardec. Resultando em novas buscas e o lançamento da segunda obra, **Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec**.

Antes disso, porém, alguns anos depois do lançamento de **Mesmer, a ciência negada**, tendo viajado por diversos estados do Brasil divulgando-a, ainda não me saía da cabeça aqueles comentários de **Hermínio Miranda**.

Certo dia, no Rio de Janeiro, finalmente, num primeiro de muitos outros encontros, naquele apartamento de janelas amplas, mobília antiga, permeado de livros, com essa figura simpática, magra e longilínea e postura de um cavalheiro inglês, **Hermínio Miranda**. Sua presença deixava a todos à vontade. Sua conversa rica de referências, fluente, pausada, surpreendente, se transcrita, certamente comporia novas obras.

Ele falava como escrevia. Depois de café, tomou com entusiasmo o livro Mesmer em suas mãos, que já havia lido em manuscritos que lhe chegaram às mãos no período de edição dos originais, e afirmou de pronto:

– Esta obra já nasceu um clássico!

Depois de uma conversa longa sobre as novas descobertas, factos e revelações, tomei a liberdade e lhe disse:

– Não posso deixar de perguntar, Hermínio: **porque você fez uma citação tão desabonadora de Mesmer em seu livro “A Memória e o Tempo”?** – disparei ansioso.

– **Fui traído pelas fontes que compulsei!** – respondeu-me de pronto e continuou:

– Tenho o hábito de me servir da coleção da Enciclopédia Britânica, como referência ao consultar assuntos diversos, durante a elaboração de minhas obras. Além disso, alguns livros que já conhecia de memória também definiam Mesmer como um charlatão.

Hermínio foi traído pela falsificação da história que o Magnetismo animal sofreu, como ocorreu também com inúmeras iniciativas racionais do espiritualismo surgidas nos séculos XVIII e XIX, que a dogmática visão materialista da academia desde o século XX condenou ao ridículo e ao ostracismo.

Mas o tempo passou, e certamente Mesmer não saiu da memória daquele escriba espírita. Em **2008**, sua pesquisa sobre o pouco conhecido fenómeno da psicométrie resultou na obra “*Memória Cósmica*”, pela editora Lachâtre, curiosamente fazendo parte da coleção *Conspiração do Silêncio*, a mesma que foi iniciada por Mesmer, a ciência negada.

Nessa oportunidade, Hermínio Miranda estudou o livro “*The soul of things*” (“*A Alma das Coisas*”), de William Denton, raríssimo e desconhecido, que precisou de muitos anos para chegar às suas mãos. Conta que a tomou em suas mãos, usando luvas brancas de algodão, numa biblioteca universitária estadunidense, sem poder, copiá-la. Anos depois, finalmente teve acesso a uma versão digital.

Em determinado trecho do livro estudado, Denton, numa nota, questiona a si mesmo e aos leitores e leitoras:

“É necessária a influência mesmérica a fim de induzir o desejado grau de sensibilidade no cérebro e nos órgãos que levam as impressões ao cérebro?”.

Hermínio estava novamente diante da influência cultural das descobertas de Mesmer, vinte anos depois de seu antigo encontro literário em “*A Memória e o Tempo*”, e então comentou:

“Pelo que se vê, mesmo em pessoas razoavelmente interessadas na busca de uma visão menos ortodoxa a fenomenologia espiritual, o mesmerismo, embora muito falado, na época, era rejeitado, praticamente desconhecido e tido, na melhor hipótese, como fantasista e charlatanesco.”

Como se vê, **Hermínio Miranda** tinha nessa altura uma visão já completamente renovada daquela figura, conhecia suas obras, sua biografia, suas relações fundamentais com a doutrina espírita. E continuou:

“Mesmer, apesar de sua formação médica, foi uma dessas figuras pioneiras e, como sempre, mal compreendido e sumariamente rejeitado principalmente pelos ‘sábios’ da época. E até hoje é considerado por muita gente com desconfiança e reserva. Razão? Suas descobertas pioneiras, com o que chamou de **magnetismo animal**, punham em cheque acomodadas e obsoletas estruturas de conhecimento tidas por sagradas e intocáveis. E que, infelizmente para o processo evolutivo do ser humano, dominam, ainda, **o pensamento contemporâneo, no seu desesperado esforço corporativo de bloquear e ignorar a realidade espiritual**”.

Desta vez a pena do velho escriba enfrentava os dogmas materialistas defendendo não só MESMER, mas o **esforço espiritualista** no sentido de se estabelecer como hipótese legítima no debate científico contemporâneo, do qual dogmaticamente tem se mantido excluído. E então ponderou, considerando a recuperação de uma teoria revolucionária escrita no final do século XVIII:

“Se há algo de positivo em seus estudos – e isso não se pode negar –, é necessário levar em conta suas observações e achados e corrigir um ou outro ponto duvidoso. Não, porém, com uma sumária e ignara rejeição do seu trabalho pioneiro”.

Por fim, Hermínio explicou: “FRANZ ANTON MESMER (1734-1815), médico austríaco, tem muito a dizer sobre o ser humano. E, justamente pelos desafios que lançou à ciência oficial da sua época, foi e continua sendo um pioneiro incompreendido, quase maldito.

É o preço que têm de pagar aqueles que vieram meter-se num corpo material exatamente para mudar a visão da vida como um todo. E mudar para melhor, claro.

Não dá para prosseguir no discurso sobre o sábio incompreendido. Às leitoras e leitores interessados recomendo, com entusiasmo, o livro “**Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal**”, de Paulo Henrique de Figueiredo, apropriadamente caracterizada como coleção Conspiração do silêncio.

É um livro que coloca as coisas no devido lugar, ao recorrer a textos ignorados por cerca de duzentos anos. **Mesmer foi claramente vitimado por uma deliberada conspiração do silêncio**. Infelizmente, reitero, Mesmer ainda hoje é considerado com desconfiança, como se fosse vulgar charlatão”.

A partir daí, **Hermínio Miranda** dá continuidade em suas explicações dos **fenômenos psicométricos**, recorrendo às suas próprias experiências na pesquisa do **sonambulismo provocado** atuando como magnetizador, que permitiram reconhecer profundamente **as diferenças** entre o fenômeno **mediúnico** e o **sonambúlico**.

Essa sua obra, “Memória Cósmica” é uma recomendável e prazerosa leitura.

Atualmente, quando do lançamento da quarta edição de “Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal”, revista e ampliada, deixamos estas lembranças como homenagem ao trabalho incansável de **Hermínio Miranda**.

Quantos escritores, em suas trajetórias de vida, se encontraram diante de uma reviravolta em suas crenças? Inúmeros.

Mas quais deles tiveram a coragem de retificar seus enganos em sua própria obra?

Contam-se nos dedos. Se antes desse episódio já admirava sua figura, lendo seus livros desde a juventude, observando sua peculiar visão da doutrina espírita, ao descrevê-la viva e luminosamente incluída no cenário cultural contemporâneo, a partir dele serei sempre grato.

Certamente vou procurá-lo após esta vida, quando retornar ao mundo espiritual onde ele hoje se encontra. Pedirei licença em seus afazeres para ouvir suas histórias acumuladas na vivência no espiritualismo desde os templos do Egito antigo, entre Osíris, Isis e Hórus, participando com seus estudos na milenar trajetória cultural da humanidade. Lá, porém, sem os véus espessos da matéria, seu mergulho no tempo e na memória trarão contos fantásticos, descortinando a rica imensidão do universo divino.

E caso Mesmer possa nos brindar com sua presença nesse encontro, será assaz bem vido!

A extraordinária descoberta de Franz Anton Mesmer

Paulo Henrique de Figueiredo 20/04/2017/ARTIGOS, HISTÓRIA, MAGNETISMO ANIMAL, REVOLUÇÃO ESPÍRITA

No livro *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec e também em Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal* (recém-relançado em sua quarta edição, revista e ampliada), narramos a vida e descoberta do criador do **Magnetismo Animal**, ciência considerada irmã do Espiritismo por Allan Kardec.

FRANZ ANTON MESMER foi quem criou a terapia por meio dos passes, imposições de mãos, água magnetizada e outros meios inovadores. No entanto, sua revolucionária descoberta iria enfrentar a hostilidade e rejeição dos médicos de seu tempo. Que, por sinal, não tinham nada de ciência em seus arcaicos meios de cura. Vejamos.

Por volta de 1774, MESMER tratava em sua casa uma senhorita de 29 anos, Esterlina.

Ela por muitos anos tinha convulsões. O sangue lhe subia à cabeça provocando dores nos dentes e nas orelhas, delírios, vômitos e desmaios.

Foi nesse caso que Mesmer aplicou, pela primeira vez, seu tratamento por meio de passes. Fazendo uso do método moderno de medicina, ele anotava criteriosamente a evolução quanto à intensidade e periodicidade dos sintomas.

Percebeu que, por sua ação, podia provocar uma crise salutar, seguida de um intervalo cada vez mais espaçado, acompanhado por um decréscimo da doença.

Uma particularidade de fundamental importância ocorria com a paciente, quando se encontrava num estado de sono profundo.

Mesmer podia provocar uma crise pela imposição de sua mão. Depois de compreender o mecanismo do fenômeno, passou a repetir o tratamento com sucesso em diversos internos no Hospital dos Espanhóis e em muitos de seus pacientes. Tratou de casos de hemorragias, oftalmias, hemiplegia, dentre outros. Chamou à sua casa o doutor Jan Ingenhousz (1730-1799), fisiologista, biólogo e químico holandês, médico da imperatriz, para lhe demonstrar algumas experiências com Esterlina.

Mesmer provocava movimentos convulsivos pelo toque ou apenas apontando-lhe o dedo à distância, escondido da visão da paciente. Numa sala ao lado, separou seis taças de cristal. Ingenhousz escolheu uma e Mesmer a tocou. O médico holandês levou as taças até à moça e, sem que ela visse, aproximou-as uma a uma de seu corpo, até aproximar a que Mesmer havia tocado e ver provocadas contorções em seu corpo. Repetidas vezes alcançava o mesmo efeito. Numa outra experiência, mantendo-se oculto, Mesmer dirigia seu dedo para a doente a uma distância de oito passos, provocando as mesmas sensações, repetindo a ação sob o comando de Ingenhousz.

À medida que progredia, tendo sucesso em centenas de casos, promovendo seus registros, aprimorando sua técnica, elaborando uma base teórica baseada na física, fisiologia e medicina, a inveja e a desconfiança se ampliavam na classe médica, enquanto as curas provocavam o interesse e a procura de mais doentes.

Viajou para a Suábia, Baviera e Suíça. Atuou nos hospitais em Berna e Zurique, obtendo curas que não deixavam dúvidas. Curou de uma paralisia nos membros o senhor Osterwald, diretor da Academia de Ciências de Munique.

Em Viena, Zwelferine, 19 anos, cega por amaurose desde os dois anos, retomou a visão.

A descoberta de Mesmer com uma nova verdade, não só para a compreensão das leis naturais, mas também para uma vida saudável para a humanidade, não foi bem recebida nas universidades da época.

Às vésperas da Revolução Francesa, acatava-se passivamente a palavra dos “homens célebres”, considerados de sabedoria completa e impassíveis diante do novo. Mesmer conta sua trajetória:

“A resistência obstinada que se opôs a esse método no início de seu desenvolvimento não me dissuadiu de continuar minhas observações; quanto mais eu as confirmava através de minhas anteriores conjeturas, mais eu me esforçava para conseguir o aperfeiçoamento de alguns conhecimentos físicos, retificando-os, a fim de elaborar o sistema sobre o mecanismo interno da Natureza, do qual deveria surgir um novo conhecimento sobre a conservação da saúde.”

(in: “O Mesmerismo ou Teoria das Inter-relações; Teoria e aplicações do Magnetismo Animal”, de FRANZ ANTON MESMER, publicado em alemão em 1814).

Entre os médicos austríacos, todavia, o sucesso de seu tratamento, tanto entre a elite vienense, quanto entre o povo simples que ele acolhia, gerou inveja e ingratidão. Então ele partiu para a França, em 1778, onde inicialmente foi muito bem acolhido pelos especialistas. Com o tempo, porém:

“...os principais médicos da capital, iludidos pela ideia totalmente falsa de que o meu chamado segredo fosse um remédio específico que se pesa e que se vende, tentaram furtá-lo de mim com astúcia e arte. Como não tiveram sucesso, voltaram-se ostensivamente contra mim, e eu, na condição de médico estrangeiro, fui tachado com o nome desprezível de charlatão.”

(Idem, *Ibidem*).

Até mesmo relacionar-se socialmente com Mesmer foi proibido aos médicos, sob a ameaça de expulsão da sociedade! E ele assim reagiu:

“Mas todas essas perseguições só fortaleceram minha vontade de redobrar minha paixão pela verdade: em vez de aproveitar o ensejo para debates inúteis, caminhei com firmeza, sem me preocupar com as provocações da inveja, na busca da aplicação de minha nova doutrina, e cada contestação era respondida com um facto incontestável.”

(Idem, *Ibidem*).

A teoria de Mesmer e os seus resultados práticos, confirmados por inúmeros casos de sucesso registrados pela evolução dos sintomas e a declaração de cura, se destinavam a renovar a medicina que continuava arcaica apesar das descobertas que davam surgimento à ciência moderna.

Os médicos ainda adotavam a orientação medieval de Galeno, **aplicando sanguessugas** para retirar o sangue do paciente, considerado impuro.

Provocavam-se queimaduras na pele com ácidos para furar as bolhas e retirar o líquido amarelo considerado em excesso no corpo. Fazia-se uso de remédios absurdos e em doses equivocadas, como o ópio, misturas aleatórias de substâncias, e até o estranho “pó de múmia egípcia”. **Tudo isso fazia parte da medicina oficial.**

As pessoas eram sangradas para os mais diversos problemas, como contusões, epilepsia, demência, surdez, gota, cefaleia, lumbago e até mesmo falta de fôlego ou dor de garganta.

Os médicos **lancetavam os braços** dos pacientes ou **aplicavam sanguessugas** pelo corpo do paciente.

Galeno havia aconselhado a remoção de até 750 mililitros, mas nos séculos XVIII e XIX o volume aumentou para até um litro – **o equivalente a um quinto de todo o sangue normalmente presente no corpo humano.**

Os médicos acreditavam que esse derramamento da substância vital corrigia uma suposta superabundância de sangue no corpo, conhecida como “plethora”. Outros alegavam a existência de substâncias mórbidas (denominadas “materia peccans”) que precisavam ser retiradas do sangue para que o doente se recuperasse.

Em outras ocasiões, quando, por exemplo, o doente apresentava uma inflamação, ferida ou doença de pele num braço, o médico aplicava uma sangria no braço oposto, imaginando desviar e dissipar a concentração da “materia peccans” do membro enfermo.

Para retirar as substâncias mórbidas de outras partes do corpo, a equivocada teoria médica propunha:

- o uso de substâncias que provocavam artificialmente o vômito (vomitivos), laxantes, sudoríficos e diuréticos, vesicatórios – meios que favorecem a supuração;
- cautérios, aplicações de ácidos sobre feridas, cauterizações por meio de mocha ou ferro ardente, que queimavam até os ossos;
- banhos em que a água era misturada com substâncias as mais diversas em quantidades exorbitantes;
- e muitos outros métodos, que causavam dores e sofrimentos terríveis para os doentes.
- Muitas vezes os médicos misturavam diversas substâncias; algumas misturas levavam até sessenta itens diferentes, pois se acreditava que, dentre tantos ingredientes, alguns deles iriam promover a cura.

“A fim de proteger minha doutrina das tramoias daqueles médicos e de seu espírito obstinado”, disse Mesmer, depois de ser recusado pelos médicos da universidade e da academia real de medicina, decidi “transmitir a indivíduos humanitários de diversas classes, porém fora do âmbito das faculdades, os conhecimentos necessários e introduzir esses mesmos ensinamentos”: Eu próprio organizei, através de pessoas devidamente autorizadas, em vinte institutos filantrópicos estabelecidos em toda a região do reino (a Sociedade da Harmonia, cuja finalidade era, através da observação de minhas normas, manter pura, em uma sociedade fechada, a doutrina que recebi). Os pacientes, levados a essas instituições pela confiança, receberam tratamento gratuito até seu restabelecimento.”

(Idem, Ibidem).

As descobertas de Mesmer foram de tal complexidade que exigiam do interessado em conhecê-las uma sólida cultura, rara em seu tempo, formada por diferentes saberes como filosofia, as ainda incipientes descobertas da fisiologia, da biologia e da química; os então recentíssimos avanços da medicina, como as teorias clínicas de Boerhaave; ciências diversas como a física de Newton e a astronomia.

Tocava, enfim, em todos os ramos do saber. Assim se explica a sua extrema cautela em apresentá-las à opinião pública. Ele exigia do pretendente um interesse sincero na cura do ser humano. Seu alvo primordial era a transformação da arte de curar desde seus princípios básicos. Só assim, e com a ajuda dos seus manuscritos, é que sua ciência foi salva do esquecimento que os obstinados médicos alopatas lutavam para mantê-lo.

Para o espiritismo não existe “carma” nem “causa e efeito”. Conheça a moral dos espíritos superiores

Paulo Henrique de Figueiredo 27/04/2017 / ARTIGOS, FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO

A moral do espiritismo, bem compreendida, é uma alternativa de vanguarda às opções oferecidas pela sociedade, seja pelo materialismo ou pelas religiões tradicionais.

Ao materialista, basta a justiça. O lema é não fazer aos outros aquilo que não queira que se faça a si mesmo. Mas pense bem, essa regra é apenas restritiva, evita o mal, mas não causa mudanças. As injustiças, desigualdades e privações existentes na sociedade permanecem continuamente, mesmo que todos respeitem a regra da justiça! O único recurso para evitar o mal é a punição. Seguindo essa cartilha, nos jornais televisivos, os braços se agitam, olhos esbugalhados e berros anunciam a solução para a violência e desigualdade sociais: penas mais severas, rigor nas punições. Só assim vamos viver em paz. Será?

Ao crente religioso, o lema é outro, a maior virtude é obediência. Devemos nos submeter aos sofrimentos, privações e dores da vida, pois se é assim é porque Deus o quis. E com ele não se discute. Nos textos do catecismo católico vamos encontrar as seguintes palavras:

“Dizem as sagradas escrituras: *“O justo vive pela fé”*. Fé é a atitude daquele que crê e obedece ao Senhor. A fé é um ato de submissão que implica obediência à sua perfeita vontade. Mesmo não querendo, o crente dedica-se à oração. Mesmo com a tentação de algo mais interessante, lê as sagradas escrituras. Mesmo sendo egoísta, dedica serviço ao próximo. Mesmo não querendo, pratica a penitência. Mesmo não estando disposto, vai à missa. São sinais de obediência, selo da verdadeira fé”.

Mas essa milenar receita criada para manter as massas submissas às suas condições miseráveis, aceitando a exploração dos sacerdotes e dos poderosos, despertou a incredulidade e a revolta na grande Revolução Francesa. Pensadores como o **conde de Volney**, tinham convicção de que os jovens e crianças deveriam seguir uma nova moral, radicalmente diferente da ladainha igrejeira do mundo velho. Num de seus esforços, escreveu um **Catecismo do Cidadão Francês**.

Novos tempos, novas regras. Entre as perguntas e respostas de seu texto elaborado como um longo diálogo, Volney considera:

A lei natural considera como virtudes a esperança e a fé que se unem à caridade? E então surpreendentemente responde:

Não; porque essas ideias são irreais; e se algum efeito resulta delas, é em vantagem daqueles que não possuem essas ideias em relação com aqueles que as têm; de tal modo que se pode definir fé e esperança como virtudes dos inocentes em benefício dos canalhas.

Ou seja, para quem estuda profundamente a história, como o conde que percorreu as ruínas da antiguidade, fé e esperança são instrumentos de dominação dos poderosos sobre os inocentes, simples e ignorantes.

Mas, então, sem fé, sem esperança, como construir um mundo novo, desafio da revolução? Ou, como se dizia, por quais meios vamos “regenerar a humanidade”?

Para os revolucionários franceses e os materialistas que os sucederem em gerações até a contemporaneidade, a inspiração vem da obra de Helvétius, que, segundo Domenech, foi o “primeiro que fundou a moral sobre a base inabalável do interesse pessoal” (*l’Éthique des lumières*). Para Helvétius a liberdade não passa de uma ilusão, pois somos todos submissos aos nossos interesses, e não há mal algum nisso, somente naturalidade biológica. E então, enuncia sua máxima moral:

“em matéria de moral como em matéria de espírito, é o interesse pessoal que dita o juízo dos indivíduos e o interesse geral que dita o das nações” (Helvétius, *Do Homem*).

Em resumo, para as religiões milenares devemos ser submissos a Deus.

E para o materialista somos naturalmente submissos aos interesses.

O ser humano, então, se resume a isso: submissão?

É aqui que o espiritismo vai inovar, colocando-se na vanguarda do mundo novo.

Não a doutrina mal compreendida, pois não há no ensino dos espíritos superiores a ideia de pecado, seja o católico, ou o oriental, conhecido como carma.

Carma ou **pecado** é a ideia de que Deus estabeleceu regras que devem ser obedecidas pelos indivíduos, caso contrário serão castigados. E se forem obedientes, serão recompensados.

Esse mecanismo é exatamente o do condicionamento.

Por ele, **os animais** fazem exatamente o que os adestradores mandam. Repetindo as situações, e dando um petisco, o bicho vai fazendo aquilo que se manda. A punição nem é necessária, somente para descondicionar hábitos equivocados extremos. Chega uma hora que, mesmo sem petisco, ele vai obedecer direitinho. Esse é o infalível mecanismo.

Seres humanos também podem ser condicionados. Pela moda, pelos programas de televisão, repressão policial, livros. Seja bonzinho e aceite a recompensa. Depois vem o hábito, e nem precisa mais de recompensa, pois já estão todos condicionados, obedecendo direitinho. Aos rebeldes, estará reservada a punição.

Mas o espiritismo revela uma lei natural muito diferente.

Nós temos um **corpo animal**, essa é a causa da possibilidade de condicionamento dos seres humanos.

Outra causa está no facto de que vivemos num mundo ainda muito primitivo, onde a maioria dos espíritos que aqui encarnam estão vivendo suas primeiras centenas de vidas humanas.

Mas verdadeiramente somos espíritos, e por isso temos vontade, razão e sentimento.

Desde as primeiras vidas humanas, desenvolvemos paulatinamente o LIVRE-ARBÍTRIO.

Sim, a LIBERDADE. Essa é a lei do espírito.

Deus não pune nem recompensa os espíritos, mas criou leis tais, que regem o universo, de tal modo que as escolhas carregam em si mesmas as consequências boas ou ruins.

Afirmam os espíritos:

A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado, feliz ou desgraçado, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza.

(“O Céu e o Inferno – Primeira Parte – Capítulo VII – Código Penal da Vida Futura – 1º ponto)

Deus não impõe o sofrimento com castigo quando alguém erra. Não existe esse mecanismo. Da mesma forma que Deus não empurra uma maçã para baixo para fazer valer sua lei da gravidade. Veja só o que os espíritos explicam:

Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, está consigo em qualquer parte onde se encontrem, na Terra, junto dos encarnados ou no espaço.

Uma comparação simples ajuda a compreender melhor essa situação. Se dois indivíduos assistirem a um concerto musical, um deles com bom ouvido e conhecimentos de música e o outro sem nenhuma dessas qualidades, o primeiro experimenta uma sensação de felicidade, ficando o outro indiferente, visto que um deles entende e apercebe-se daquilo que ao outro não produz mínima sensação. É isso que se passa com todos os prazeres dos Espíritos cujo mérito os coloca ao nível de alcançá-los. O mundo espiritual está cheio de esplendores, harmonias e sensações de que os Espíritos imperfeitos, ainda submetidos à influência da matéria, nem sequer têm a capacidade de aperceber-se e cuja fruição só está ao alcance dos Espíritos puros.

(“O Céu e o Inferno – Primeira Parte – Capítulo III – O Céu – número 6 – trad. JCB)

Mas e o castigo, não é necessário como reação ao erro?

Segundo as tradições orientais, a cada erro cometido terá como consequência um castigo. Um sofrimento desta vida, se não tem causa aparente, estará certamente na vida anterior. É a **“lei do carma”**, ou causa e efeito, ou ação e reação. Mas não é esse o ensinamento inovador dos espíritos superiores. Do mesmo modo que a felicidade é inerente às qualidades, eles ensinam que: o sofrimento é inerente à imperfeição.

Ou seja:

Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for. Da mesma forma que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior for a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo.

Qual a relação entre uma vida e outra, então? Agora é preciso prestar atenção pois a diferença é subtil. O **“carma”** propõe uma relação de causa e efeito. Ou seja, o erro terá como efeito o sofrimento.

Os espíritos, por sua vez, ensinam que existe uma relação de **“inerência”** entre a imperfeição e o sofrimento. O indivíduo sofre nesta vida em virtude da imperfeição presente, da qual ainda não se libertou, e não por causas passadas. Afirmam os espíritos:

Aquele que sofre nesta vida, será porque não se purificou suficientemente em sua existência anterior. Se não se purificar nesta vida, sofrerá ainda na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Está bem claro que:

Não se sofre nesta vida devido a erros cometidos na vida passada.

Quem sofre nessa vida, é em virtude da imperfeição que ainda tem, desde as vidas anteriores.

As situações de sofrimento verificam-se desde que existem imperfeições que não foram ultrapassadas.

Todos fomos criados simples e ignorantes. Alguns desenvolvem imperfeições e vão precisar de superá-las, outros conquistam qualidades sem precisar de passar por aquela condição.

A ignorância é o ponto de partida de todos, a virtude será igualmente o destino de todos, a imperfeição é a escolha de alguns. Muitos evoluem sem precisar enfrentar as expiações, explicam os espíritos superiores em “O Evangelho segundo o Espiritismo” Capítulo III – Há muitas moradas na casa de meu Pai/ Mundos de expiações e de provas; número 14:

“Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contacto com Espíritos mais adiantados. Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram que ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes.”

Deus não lida connosco por meio de **castigos e recompensas**, como um treinador de animais. Ele nos reconhece em nossa natureza espiritual, a mais ampla **liberdade**. Criou **leis naturais** que oferecem consequências naturais às nossas escolhas.

A dor da queda não é um castigo imposto pela lei da gravidade, mas consequência natural do peso, da fisiologia, da aceleração da gravidade, tudo previsível e natural.

Compreender as consequências naturais de nossos atos, escolhendo o melhor modo de agir em cada situação, de acordo com as nossas possibilidades, é isso o que podemos denominar **a virtude**.

Buscar o melhor para todos, agindo livremente de acordo com a **consciência**, usando o esforço da razão é o ato do **dever**.

Não buscamos em Deus o livramento das nossas dificuldades, mas a força necessária para superá-las.

O espírita não espera de Deus recompensa. E isso é novidade apenas na interpretação correta da palavra de Jesus, pois, há dois mil anos, ele já ensinava:

“E sereis ditosos por não terem eles meios de vo-lo retribuir” (Lucas, 14:12-15).

Na recente tradução para português, da Bíblia em grego, empreendida em Portugal pelo Professor Frederico Lourenço, no capítulo 14 do Evangelho Segundo São Lucas, nos versículos a respeito da “parábola do grande banquete”, lemos o seguinte:

12/ Disse, depois, a quem o tinha convidado: “Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos, não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te.

13/ Mas quando deres um banquete, convida os mendigos, os estropiados, os coxos e os cegos.

14/ E bem-aventurado serás por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.”

Nota pessoal (JCB):

Na lenta e imprecisa marcha da História, muita é a ilusão sempre presente nas palavras dos que escreveram de uma maneira, pensaram de outra e – no cúmulo dramático da marcha das ideias – foram traduzidos muitas vezes de forma a iludir o que foi pensado ou escrito diferentemente.

No convencimento dos interlocutores dos Espíritos, a ressurreição, nem é da carne imediata e perecível, nem é só dos justos. É de todos, exatamente de todos os seres na vibração energética da sua imortalidade. Nem se chama “ressurreição”, por induzir em erro a ideia do permanente regresso até à consumação da luz, da verdade e da paz. Basta pensar na sucessão completa das vidas e

na vitória final dos que foram criados simples e ignorantes, que começaram a sua marcha com a vontade de prosseguir e com a certeza de chegar.

Kardec afirma: “Magnetismo animal e Espiritismo são duas ciências gêmeas”. Saiba por quê.

Paulo Henrique de Figueiredo 19/05/2017 / CIÊNCIA ESPÍRITA, HISTÓRIA, MAGNETISMO ANIMAL

Foi fundamental a influência das ideias de MESMER na **revolução moral do século XIX, o espiritismo**.

Allan Kardec, antes de se dedicar aos estudos dos fenômenos espíritas, durante a sua brilhante carreira como escritor e educador, havia estudado a ciência de MESMER durante trinta e cinco anos.

E as relações entre magnetismo animal e espiritismo são para ele tão basilares que ele afirmou, numa Revista Espírita de 1869, num momento conclusivo de sua obra:

O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e se explicam uma pela outra, e das quais aquela das duas que não quer se imobilizar, não pode chegar a seu complemento sem se apoiar sobre a sua congênera; isoladas uma da outra, elas se detêm num impasse; elas são reciprocamente como a física e a química, a anatomia e a fisiologia. A maioria dos magnetistas compreende de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que se prevalecem geralmente de seus conhecimentos e magnetizam, como meio de introdução junto aos espíritas.

(Revista Espírita de Janeiro de 1869 – Estatística do Espiritismo)

Segundo Kardec, magnetismo animal e espiritismo “se completam e se explicam” mutuamente, e as duas não poderiam se separar, pois isso faria com que caíssem num “impasse”, se imobilizando! São fortes e graves afirmações num momento em que o espiritismo já estava estabelecido com a publicação de todas as obras que o fundamentavam, foi uma reflexão de um momento lúcido e conclusivo de seu legado. Mas essa não era apenas a opinião pessoal do professor Rivail, mas também a dos espíritos superiores que lhe transmitiram os ensinamentos que fundamentaram a doutrina espírita:

O Espiritismo liga-se ao Magnetismo por laços íntimos (essas duas ciências são solidárias uma com a outra); (...) Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, seja como meio curativo, seja como causa primeira de uma multidão de coisas; eles defendem sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra seus inimigos.

(Revista Espírita de Outubro de 1858 – Emprego Oficial do Magnetismo Animal).

Atualmente, tanto a homeopatia quanto o espiritismo contam com milhões de simpatizantes, e, apesar da estrutura acadêmica ainda submeter às suas instituições um dogmatismo radical materialista, ambas possuem pesquisadores, divulgadores e estudiosos que recuperam e permitem estender aos indivíduos os benefícios de suas práticas.

Os benefícios práticos dos remédios homeopáticos são incontestáveis pela prática secular desde **Hahnemann**.

E os benefícios morais e sociais da doutrina espírita consolam e motivam aqueles que estudam as obras de Allan Kardec.

Por outro lado, a descoberta do **sonambulismo provocado** abriu caminho para a pesquisa da **hipnose, psicologia, psiquiatria, e outros ramos**.

Acreditamos que a tradução das obras fundamentais de FRANZ ANTON MESMER, uma nova biografia e a contextualização de sua medicina na cultura da época, que realizamos nesta obra, irá permitir uma compreensão mais ampla e legítima dessas ciências todas, como anunciaram seus próprios fundadores.

Quanto ao espiritismo, podemos confirmar o que disse Kardec ao assegurar o quanto o magnetismo animal o explica e completa, pois a pesquisa dessa nossa primeira obra, **Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal** nos levou a descobrir, o verdadeiro caráter da proposta espírita, relatado em **Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec**.

O fundamento da cura e do sonambulismo descobertos por MESMER está no conceito filosófico da autonomia. Não são remédios que curam, mas o próprio organismo do enfermo que recupera sua harmonia, pelos esforços naturais de sua fisiologia.

E o **sonambulismo provocado** revela todo o potencial da alma, causa da individualidade que nos representa.

Por sua vez, o espiritismo vai demonstrar toda a força da autonomia moral, como instrumento de transformação social pela adesão voluntária e consciente de cada indivíduo de nosso planeta.

Ao contrário da moral HETERÓNOMA proposta pelas **religiões tradicionais** e pela **ideologia materialista**, que submete o indivíduo aos castigos e recompensas para agir submisso às leis externas a si mesmo, a AUTONOMIA MORAL o leva a agir de acordo com as leis naturais presentes em sua própria consciência, transformando-o em agente livre da regeneração da humanidade.

Em sendo ciências gêmeas, magnetismo e espiritismo, também essas duas obras Mesmer e Revolução Espírita se comunicam e explicam mutuamente.

Os pressupostos da recuperação que estas obras representam são harmônicos com quem acredita na regeneração da humanidade pela superação dos preconceitos e privilégios e o estabelecimento futuro de uma sociedade fundamentada na oportunidade para todos, valorização da diferença e da diversidade. Foi com essa esperança que Kardec terminou seu artigo, ao afirmar:

Tudo prova, no desenvolvimento rápido do Espiritismo, que ele também terá logo seu direito de cidadania; a espera disso, aplaude com todas as suas forças a categoria que acaba de alcançar o Magnetismo, como a um sinal incontestável do progresso das ideias. (Idem, ibidem).

Oferecemos, enfim, ao leitor da obra Mesmer – a ciência negada do Magnetismo Animal, a oportunidade de conhecer o pensamento de FRANZ ANTON MESMER afastado do preconceito e escárnio pelo qual foi injustamente negado no século XX.

Ele indicou caminhos que deixámos de pisar depois da imposição do materialismo como única verdade aceite.

Suas ideias sobre justiça social, medicina, psicologia, e tantos outros ramos do conhecimento são inspirações válidas para o debate contemporâneo, na busca por soluções para a atual crise moral da humanidade.

A explicação inédita e inovadora do livre arbítrio ensinada pelos espíritos superiores

Paulo Henrique de Figueiredo 12/06/2017 / FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO, REVOLUÇÃO ESPÍRITA

SANTO AGOSTINHO converteu-se ao cristianismo, tornando-se sacerdote no ano 386, em Milão, Itália. Depois de viver tranquilamente no campo, com familiares e alguns discípulos, sofreu com a morte de sua mãe, após uma fulminante doença. Enquanto aguardava a chegada do navio que o levaria de volta para sua terra natal, atual Argélia, na África do Norte, escreveu a obra “DE LIBERO ARBITRIO”.

Nascia o conceito de LIVRE ARBITRIO, que se tornaria futuramente um termo fundamental para a doutrina espírita.

Agostinho tinha em mente sua própria experiência de vida, um contraste entre uma juventude regada de excessos, com mulheres e noitadas; e agora sua dedicação à vida de monge. Qual a causa fundamental do mal? Essa era a grande dúvida.

No início de suas meditações, a hipótese dos MANIQUEÍSTAS o seduziu. Uma ideia antiga, nascida no mundo árabe do pensamento de ZOROASTRO. Haveria no universo duas grandes forças, uma do bem e a outra do mal, competindo pela supremacia e influência no mundo.

Mas essa corrente de pensamento seria considerada uma HERESIA, falso ensinamento, sendo combatido com todas as forças pelo próprio Agostinho.

Nesse período da história a doutrina da igreja estava em formação, e não havia lugar para debates e opiniões diversas, **o objetivo era estabelecer dogmas indiscutíveis**.

O PROBLEMA DO MAL, todavia, considerava algumas questões fundamentais incontornáveis. A primeira, Deus não pode ser o criador do mal. Isso contrariaria sua bondade infinita. O mal também não poderia ser uma força de oposição,

uma potência, colocando em risco a supremacia divina no universo. O todo do entendimento da realidade não pode conter contradições que o corroeriam, destruindo sua lógica.

Em sua obra, **Agostinho** estabeleceu que **o mal tem que proceder da escolha do homem**, escolha errada, diferente da determinação do bem divino, portanto o mal.

A causa do pecado está no livre arbítrio do homem, que é o seu potencial de escolher. **A liberdade**, por sua vez, é a escolha correta. Essa a diferença entre livre arbítrio e liberdade em seu livro.

Os bens aos quais o homem está exposto no mundo podem ser divididos entre bens superiores, que são as virtudes, e os inferiores, que são os prazeres do corpo. Algumas coisas são intermediárias, bens médios, como o próprio livre arbítrio. Agostinho foi construindo uma lógica, para classificar as vivências do ser humano, considerado como união de duas substâncias: a alma e o corpo.

Quando estamos sob a **graça divina**, propõe Agostinho, nossa escolha é orientada para os bens superiores, daí o bem e a felicidade, e, posteriormente as recompensas divinas. **Esse é o estado de liberdade.**

Por outro lado, quando agimos sem a graça, escolhemos os bens inferiores, exercendo o **livre arbítrio**, e criando assim O PECADO, **causa das desgraças, sofrimentos e do castigo eterno.**

Um milénio e meio depois, os ensinamentos dos espíritos superiores, nos diálogos com Allan Kardec e os pesquisadores espíritas, levarão a uma nova explicação, adequada aos tempos modernos.

O ponto chave para compreender o novo entendimento está no facto de que **Agostinho** precisava analisar as questões considerando que a vida humana é uma só, e nela será resolvido o seu destino. Também acreditava, como todo o mundo antigo, que a alma fora criada perfeita por Deus, com todas as virtudes, e se degenera pelo **pecado**. Para a igreja, todo ser humano já nasce com o **pecado original** degenerando sua essência.

O ESPIRITISMO, porém, surgiu quando a humanidade vivia o despertar de **uma nova era, determinada pelo livre pensamento, livre dos sistemas e dogmas.**

Não se acreditava que o mundo seria destruído por Deus para dar lugar ao paraíso, mas unidos e determinados, seria possível regenerar a humanidade, criando um mundo novo, no caminho da felicidade.

Os meios seriam a **educação**, e o agir pelo dever, que era o **uso determinado da razão** e da vontade, por suas escolhas, ou LIVRE ARBÍTRIO.

Só escolhe quem compreende, portanto o LIVRE ARBÍTRIO está subordinado ao USO DA RAZÃO. Essa é a importância fundamental da educação para transformar o homem, diziam **os espiritualistas racionais, livres pensadores.**

A sociedade, estudando a **moral independente dos dogmas religiosos**, encontrava um novo lugar para O LIVRE ARBÍTRIO, AGORA ASSOCIADO AO PENSAMENTO RACIONAL.

Mas outras dúvidas tomaram lugar no debate.

Sendo os prazeres também um bem, porque a busca deles seria um mal? A natureza não poderia se opor às leis divinas, afinal Deus criou tanto o mundo material quanto o moral.

Ele não estabeleceria uma contradição, uma armadilha, uma “cena de apanhados” para submeter o ser humano ao erro pelo engano.

O prazer é um impulso natural, todos sentem isso, até os animais.

A resposta dos **espiritualistas racionais**, que dominavam as ciências morais nos tempos de Kardec, foi brilhante, como explica PAUL JANET, em sua obra “Tratado Elementar de Filosofia”:

“os prazeres são um bem, mas não são o princípio do bem”.

É uma ideia para se pensar. O materialista que considera o prazer como impulso fundamental do bem está confundindo as coisas. O prazer é um bem natural, pois leva o homem à conservação de si mesmo e da espécie, **mas não é o princípio do bem moral.**

O indivíduo age pelo bem moral quando escolhe de forma livre e racional o que for melhor para todos, com base nas leis morais presentes NA SUA CONSCIÊNCIA.

Interessante, resolve muita coisa, **mas não explica tudo adequadamente.**

A solução mais ampla encontra-se no espiritismo. Segundo Kardec, o espiritismo é um complemento do espiritismo racional, que foi essa a corrente filosófica dominante na universidade de sua época.

Os espíritos ensinam, resolvendo a questão, que a alma é um ser **progressivo, evolutivo**, elaborando seus potenciais em três fases de sua existência: anímica, intelecto-moral e por fim co-criadora.

Vamos explicar:

A fase anímica vai do átomo ao animal superior.

Nesse período, o princípio espiritual se elabora pela força natural, pelo impulso dos prazeres e dores, balizados pelos instintos e paixões, elaborando-se pela evolução das espécies. Saltando trilhões de vidas, experienciando os estados minerais, vegetais e animais, sem ter consciência dessa trajetória.

Depois vem a vida humana, quando ocorre a evolução intelecto-moral.

A alma, nesta fase, começa simples e ignorante, ou seja, sem moral e inteligência. Nada acontece de diferente nas primeiras vidas, explica Kardec, continua sob o comando infalível dos instintos.

Com centenas ou milhares de vidas, a razão vai fazendo surgir o entendimento.

Só então vai se elaborando o livre arbítrio, a capacidade de escolha racional, ou seja, com entendimento das opções.

Somente nesse momento torna-se responsável tanto pelos erros cometidos como pelo progresso realizado.

É importante frisar: Segundo o espiritismo, o livre arbítrio é uma capacidade que o indivíduo conquista progressivamente, sustentada pela razão.

Por fim, quando faz despertar as virtudes da alma, e superadas as imperfeições se as tiver contraído, começa a assumir missões no universo.

Auxiliar um indivíduo para superar suas dificuldades, tornar-se espírito da guarda de alguém, ajudar uma família, um grupo, uma nação, um planeta.

Participar da criação e evolução das espécies de um mundo, depois agir nos sistemas solares nas galáxias, os espíritos co-criadores auxiliam a Deus no estabelecimento da harmonia universal, de forma voluntária e cooperada.

A realidade do livre arbítrio, assim compreendida, mostra toda a sua lógica e finalidade na criação divina.

Todos os espíritos superiores chegaram e chegarão a essa condição por seu esforço dedicado em milhares de vidas, conquistando cada uma de suas qualidades, e superando qualquer imperfeição que porventura tenham tido em seu passado.

São forjadores de seus próprios destinos e capacidades de agir no bem.

Esse será, certamente, o destino de todos nós. Já superamos a quase infundável evolução anímica nas experiências minerais, vegetais e animais.

Superamos os milhares de primeiras vidas para despertar a inteligência e o livre arbítrio.

Basta agora fazer uso desses instrumentos da alma para superar os apegos e imperfeições, enfrentando os desafios da vida, e despertando as qualidades que serão as ferramentas para agir no universo em favor da harmonia universal, nossa razão de ser e fonte da verdadeira felicidade.

O que é preciso saber sobre o mundo espiritual, antes de chegar lá. E saiba — você vai.

Incluindo: “Confissões de um morto”

Paulo Henrique de Figueiredo 19/07/2017 / ARTIGOS, CIÊNCIA ESPÍRITA, FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO

Allan Kardec comenta um facto observado comumente no mundo dos espíritos, num comentário a respeito de comunicações mediúnicas, a respeito da credulidade ou incredulidade dos próprios Espíritos:

“Lá, vemos Espíritos que, muito tempo mesmo depois de sua morte, se creem ainda vivos, vagueiam ou acreditam se ocuparem de suas tarefas terrestres, isso acontece porque se iludem completamente sobre a sua posição e não se dão nenhuma conta de seu estado espiritual”.

(Revista Espírita, Questões e Problemas, Espíritos Incrédulos e Materialistas, Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, 27 de Março de 1863)

Já não basta enfrentar as dificuldades do dia-a-dia aqui neste mundo, anos a fio, e o camarada, depois de morto, ao invés de se preocupar com as novidades do além, distraído, continua vivendo o cotidiano da vida que se foi.

Certamente, seguirá reclamando da conta da luz, do preço do feijão, dos empresários e políticos corruptos, ou até fará sua fezinha na lotaria, sem saber que se ganhar não vai mesmo encher os bolsos.

Vagueando por aí, ao atravessar as ruas, o indivíduo, sem reconhecer-se como alma penada que é, olha atento para um lado e outro antes de pisar na faixa, morrendo de medo de ser atropelado e ir-se desta para melhor.

Ou seja, sem saber que já não é mais desta, não se dá ao trabalho de encontrar coisa melhor, e fica na mesma. Como escapar dessa roubada?

O espírito Lammenais, quando vivo, foi entre nós um padre liberal muito preocupado com as necessidades do povo, sendo um dos precursores do socialismo.

Escreveu, entre outros, o livro "Palavras de um crente" ("*Paroles d'un croyant*"), contra a ambição dos reis, nobres e governantes opressores, convocando os trabalhadores a se unirem em busca de seus direitos.

Para ele, a exploração dos proletários é pior do que a escravidão.

Para construir um futuro melhor, seria preciso educar o povo para que reconheça a legitimidade de seus direitos e lutar para abolir os privilégios e monopólios, sem violência, mas com o uso consciente do voto.

Quando apontou a necessidade de igualdade política e um rígido controle dos políticos e administradores, na obra "O país e o governo", foi parar na prisão por um ano, em 1840.

Não é possível conhecer sua história hoje sem imaginar como seria sua atuação em nossos tempos de lava-jato, delações, desmandos e privilégios.

Afastou-se da igreja quando se consciencializou dos abusos ao entrar no Vaticano. Foi eleito pelo povo para a Assembleia Nacional em 1848. Se aposentou em 1851 e, facto inevitável, morreu em 1854, aos 72 anos. É incrível, mas chegou ao mundo espiritual, ambientou-se rapidamente, e alguns anos depois, quando Allan Kardec começou a conversar com os espíritos, estava pronto para ajudar.

Pois bem, entre aqueles espíritos que morrem e não sabem disso, há os que acreditavam em vida na ideia materialista do nada.

No entanto, como julgam que continuam vivos, conservam a crença no nada depois da morte, que para eles não chegou!

Lammenais explica que isso não será para sempre, chegará o dia que essa vida de alma vagueante cansa, se esgota, os detalhes vão revelando o engano, e a realidade torna-se evidente. E diz-nos:

"Chega um momento em que, do outro lado, o véu se rasga e as ideias materialistas são inaceitáveis".

Lammenais, liberal pensador, depois da morte, demonstra os mesmos valores de vanguarda no outro mundo, analisando a vida espiritual. Suas palavras são até poéticas:

"O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e as satisfações terrestres, eles que não podem ainda nem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma; e vede o abaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, de lamentar esses bens que fizeram momentaneamente a sua alegria e que fazem atualmente o seu suplício".

Esse é o mais difícil ponto a ser aceite depois da morte. Toda luta pelos privilégios, pelo esforço em acumular nos cofres dinheiro, jóias e bens, perde todo o sentido e valor (isso mesmo, colega, esta frase foi para mencionar os políticos corruptos).

Mas, por outro lado, existem aqueles que são simples no viver, mas soberbos ao desprezar a vida após a morte, divulgando com sorriso nos lábios a ideia do nada, os materialistas das ideias. Lammenais comenta sobre eles, quando se consciencializam da realidade do espírito, quando reconhecem estar mortos no além:

"é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrestres, pode-se sê-lo mais nas ideias e no espírito do que nos atos da vida. São aqueles que não ousam aprofundar as causas de sua existência".

Usando uma figura genial, conclui sobre o destino deles:

"Aqueles, no outro mundo, serão punidos do mesmo modo; estão imersos na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho rebaixado fá-los sofrer, e lamentam esses dias terrestres onde, pelo menos, tinham a liberdade de duvidar".

Lembrei-me de um caso interessante, ocorrido com uma amiga evangélica e médium, isso mesmo, mediunidade ocorre com todo mundo, até com quem vai na igreja ou não acredita.

Uma noite, começou a ver um clarão de luz em seu quarto, e um cheiro forte de defunto. Ficou espantada e se encolheu na cama, puxando o lençol, e olhando entre os dedos para o vulto que surgia. Era um homem, e curiosamente flutuava, sem que se pudesse ver os pés. Era seu cunhado, Jairo, morto, enterrado e rezado já há algumas semanas.

— Maria, sou eu, vim pedir ajuda, morri, mas não consigo subir, disse o morto aflito.

— Mas que cheiro é esse, Jairo, pergunta a cunhada morta de medo (ou será viva de medo?).

— Isso é por conta do meu corpo embetumado, que não consigo largar. Mas tenho que lhe contar algo que me atormenta, não paro de pensar nisso um minuto que seja, explica Jairo de seu jeito o tormento que vive. E continua:

— Morri e guardei comigo um segredo que, por vergonha, nunca contei, mas que agora me deixa aflito. Dois meses passados, fiquei sem saída com uma dívida inconfessável. Não sabia mais o que fazer, pensava no pior, quando lembrei de um dinheiro guardado, era para o aluguel que a minha irmã poupou do salário, como sempre fazia regularmente. Peguei escondido, gastei e me calei, sem saber que dias depois cairia morto assassinado, por uma bobagem de fim de baile. Agora estou aflito e desesperado, pois ela está acusando uma sobrinha, pensando mal da pobre menina, sem cogitar da verdade, que guardo comigo. Maria, você que pode me ver e ouvir, é minha esperança de corrigir esse deslize que me corta o coração, me prende entre os vivos como correntes de um condenado! concluiu, com a voz tremendo e em lágrimas.

Maria já não temia por mais estranho que fosse. Era muito amiga de Jairo, passavam horas conversando no quintal, rindo da vida. Agora era hora de ajudar o amigo, sem se preocupar com explicações ou temores.

Além do mais, nunca soube nada sobre o caso relatado. Nem sabia que um dinheiro havia sumido.

No dia seguinte procurou a irmã de Jairo, relatando todos os detalhes da aparição, do segredo e da revelação. A moça só chorava.

Se o Jairo tivesse pedido, teria entregue o dinheiro, dando bronca, mas ajudava, disse ela. Não precisava fazer isso.

E a sobrinha, coitada? Certamente um dia iria jogar na cara da menina e criar um problema de relacionamento sem ter razão. A menina dormia preocupada, sendo acusada sem culpa. E o Jairo, morto que sabia que estava morto, não conseguia viver sua vida de alma, preso entre os vivos, amarrado ao nosso cotidiano de correr atrás do dinheiro para saldar as necessidades deste mundo.

Remorso é o maior dos problemas da outra vida. E pode ser por uma coisa que aqui, parece pouco. E a Maria, por segurar o pavor e dar atenção ao fantasma, levando a sério e não achando que era um demônio a ser expulso, mas seu cunhado, vivinho da silva, como nos velhos tempos de conversa na varanda, fazendo um último apelo à amiga.

Esse é o maior dos bons conselhos para quem quer chegar bem ao mundo dos espíritos.

Sabe aquela coisa que fica martelando na cabeça, a cobrança da consciência, que vem de vez em quando ao encostar a cabeça no travesseiro, não deixando dormir? Resolva o quanto antes. Seja como for: converse, confesse, retribua, perdoe, peça perdão, ajude, deixe ajudar, faça o que for necessário, com segurança e boa vontade. Mas não deixe para depois. Pois qualquer um de nós está sujeito a não levantar da cama no dia seguinte, pois chegou a derradeira hora. E não há nada mais inevitável do que ir desta! mas que seja então, ir desta... para bem melhor!

A verdadeira lei que rege a nossa vida!

Paulo Henrique de Figueiredo 11/08/2017 / ARTIGOS

As religiões tradicionais estão desacreditadas, pois a metafísica de seus dogmas não acompanhou a evolução do pensamento moderno, impondo ideias defeituosas, ilógicas, inaceitáveis, cruéis quando analisadas cruamente.

De origem oriental, o dogma de que Deus faz da vida um castigo por um erro cometido pela alma atravessou milênios e ainda hoje assusta e amedronta quem a aceita.

Como demonstramos na obra *Revolução Espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec*, o Espiritismo, por sua vez, é uma doutrina atual, baseada numa metafísica nascida da observação dos espíritos superiores sobre a realidade das leis universais.

De acordo com ela, **Deus jamais castiga.**

O fundamento da lei universal que rege as almas é a liberdade.

O Criador deixa aos seres a escolha de seus caminhos, a responsabilidade dos acertos e erros.

Deixa para nós até mesmo a liberdade de escolher as provas enfrentadas nas vidas, como instrumentos para superar imperfeições e adquirir qualidades.

Não há castigo divino! Enganam-se as religiões tradicionais quando afirmam o contrário.

Não há fatalidade ou acaso! Enganam-se os materialistas. Conheça a lei da escolha das provas.

Segundo a teoria espírita, a necessidade da reencarnação não é a de um castigo como pensava o homem, mas, explica Kardec,

“Deus, que é mais sábio que ele, prevendo os erros nos quais pode cair, o mau uso que pode fazer de sua liberdade” e então,

“dá-lhe indefinidamente a possibilidade de recomeçar pela sucessão de suas existências corporais, e ele recomeçará até que, instruído pela experiência, não mais se engane de caminho”

(Revista Espírita Julho de 1868 - A Ciência da Concordância dos Números e a Fatalidade).

Ou seja, a liberdade do homem não está só em fazer juízo dos atos, pois ele pode, conforme a sua vontade, apressar o termo de suas provas, e é nisto que consiste a liberdade.

Kardec argumenta que, tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não participa de suas ações individuais.

Porém, quanto aos acontecimentos da vida privada, que por vezes parecem atingi-lo fatalmente, têm duas fontes bem distintas:

A primeira são as consequências diretas de sua conduta na vida presente. Quem abusa da bebida e de outros vícios, arruína sua saúde. Quem tem muita ambição, atrai confrontos e disputas,

“muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são resultado da imprevidência; elas não podem queixar-se senão de si mesmas.” (Idem, ibidem).

Os outros acontecimentos inevitáveis, explica Kardec, “são completamente independentes da vida presente e, por isso mesmo, parecem devidos a uma certa fatalidade”.

Mas a teoria espírita tem outra explicação, pois “o espiritismo nos demonstra que essa fatalidade é apenas aparente, e que certas situações penosas da vida têm sua razão de ser **na pluralidade das existências**” (Idem. ibidem).

Essa demonstração, contudo, é completamente diferente dos castigos imaginados pelas religiões reencarnacionistas do mundo antigo. O facto que justifica esses acontecimentos, afirma Kardec, é o de que **“o espírito os escolheu voluntariamente na erraticidade**, antes de sua encarnação, como provações para o seu adiantamento”.

Essa escolha dos acontecimentos pelo próprio espírito é “produto do livre-arbítrio, e não da fatalidade” (Idem. Ibidem)).

Mais do que isso, a teoria da AUTONOMIA MORAL, ganha sua plenitude pelo que **é uma lei natural do mundo espiritual: a lei da escolha das provas.**

Nunca o espírito escolhe o juízo que vai adotar na sua vida seguinte, **mas somente as circunstâncias** nas quais submeterá a teste as suas conquistas ou o modo como pretende superar suas imperfeições.

A fatalidade dos acontecimentos pelas escolhas das provas não pode impor ao homem encarnado “nem o mal, nem o bem”.

Desse modo, “desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade ou, como se diz muitas vezes, pelo destino, seria abdicar do julgamento que Deus lhe deu, para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as vantagens ou os inconvenientes de cada coisa” (Idem. Ibidem)

No mundo espiritual, quando possuem o conhecimento do bem e do mal, e veem a imensa movimentação dos espíritos que trabalham voluntária e incessantemente para promover a harmonia universal, sentem um grande desejo de participar ativamente do trabalho no Bem, que reconhecem como sendo sua própria razão de ser.

Todavia, no trabalho humano, é preciso ter recursos intelectuais e habilidades para executar as tarefas.

No mundo espiritual, os recursos são intelectuais e morais, condição evolutiva que confere ao seu perispírito potencialidades para interagir com os outros espíritos e agir sobre a matéria espiritual pela força de seu pensamento.

A escolha das provas é o meio dele experimentar seu progresso, testar seu entendimento ou superar as imperfeições. Inicialmente, então, o espírito escolhe em consciência “de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa”.

Para isso, o espírito estuda-se a si mesmo, procura descobrir seus apegos e deficiências.

“Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem”

(O Livro dos Espíritos, Resposta a Pergunta nº 264)

quando desejam conquistar paciência, resignação ou saber agir com poucos recursos. Outros desejam testar se já superaram as paixões inferiores e então “preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar”. (Idem, Ibidem)

Aqueles que lutam contra os abusos que cometeram, “decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contacto com o vício” (Idem, Ibidem)

Talvez a melhor demonstração da liberdade de escolhas das provas, está em que alguns espíritos escolhem viver num meio confortável, onde possam usufruir de seus interesses materiais.

Essa condição denota que eles possuem um

“senso moral pouco desenvolvido” (O Livro dos Espíritos, resposta à Pergunta nº 265)

e, como os desejos animais não são saciáveis, acabam por abusar das paixões inferiores e adquirem vícios.

Tudo isso é uma ilusão. E assim,

“cedo ou tarde, compreendem que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno” (Idem, Ibidem).

E eles ficam naturalmente nessa condição de persuasão ou entendimento, explicam os espíritos superiores, até que “se tornem conscientes da falta em que incorreram e peçam, por impulso próprio, lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações” (Idem, Ibidem).

Essa frase é fundamental, pois demonstra que o estado de sofrimento do espírito imperfeito acaba quando se tornam “conscientes”. Ou seja, a situação que vivem não é de castigo, mas um processo de consciencialização.

O homem na Terra, preso às ideias materiais, só consegue observar nas provas, ou tribulações da vida, o seu lado penoso. Mas enquanto espírito,

“uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-los. Divisam a meta, que bem diferente é para eles dos gozos fugitivos do mundo”

(“O Livro dos Espíritos”, comentário de Allan Kardec à pergunta nº 266):

Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais rapidamente. Não há, pois, motivo de espanto no facto de o espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele o percebe e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar (Idem., Ibidem).

Os espíritos que passaram por diversas provas e venceram, ganham confiança com as qualidades que conquistaram e trabalham para auxiliar seus inferiores, ao mesmo tempo em que progridem ainda mais por isso. Há uma atividade incessante depois da morte, explica Kardec, sendo que

“dizem todos os espíritos que, na erradicidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, a fim de fazerem a sua escolha” (Idem, Ibidem).

Quando o espírito supera uma imperfeição, ele conhece todos os passos dessa vivência: as dores e incertezas de quem sofre, a ilusão de que não vão conseguir sair desse “fundo do poço”, a insegurança de quem se sente sozinho, a sensação de derrota e culpa que conferem a infelicidade e o sofrimento moral.

Depois, por uma consciencialização, o espírito reconhece que tudo o que vive tem como única causa as suas próprias escolhas.

Mas então também percebe que as mesmas forças de que fez uso para cair, são suficientes para que consiga a superação.

Então ergue a fronte e **pede ajuda**, pois se o egoísmo e o orgulho são condições solitárias da imperfeição, a luta pela superação se dá numa condição solidária da cooperação.

A prece é um recurso sempre eficaz para quem deseja renovar suas forças, adquirir calma e resignação diante das provas, além de esperança, reconhecendo que a alma é eterna e o hoje, basta querer, pode ser sempre melhor que o ontem.

O espírito que já passou por todos esses sentimentos e ganhou uma condição de harmonia, tem então uma afinidade com seus inferiores. Sabe compartilhar vivências em comum, tem uma sintonia que permite induzi-los à recuperação e estende sua mão para ajudá-los.

Cada um de nós tem um espírito superior, pertencente a uma ordem elevada, que recebeu de Deus a missão “de guiar o seu protegido pela senda do Bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida”. (**“O Livro dos Espíritos” pergunta nº 491**).

Não há exceção, pois é uma lei divina. Essa é a maior expressão do amor de Deus por suas criaturas, quando dá a incumbência do acompanhamento do nascimento à morte, e também na vida espírita depois da morte e “mesmo através de muitas existências corpóreas” (**“O Livro dos Espíritos” pergunta nº 492**).

Ninguém está sozinho! E talvez essa seja o mais importante ensinamento dos espíritos superiores, destinado a converter aos mais incrédulos e sofredores.

Extinção do homo sapiens? Catástrofes? A visão espírita do fim do mundo

Paulo Henrique de Figueiredo 30/08/2017 / ARTIGOS, FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO

Repetindo profecias milenares, a cultura contemporânea narra nos filmes catástrofes e os gestos derradeiros da humanidade (será o inconsciente coletivo?). Consumida em lava, esmigalhada pela fúria de meteoros, afogada em ondas esmagadoras. Enxofre, fel e fogo. Dor lancinante. Não restará alma viva. Tomado de sua divina implacável ira, o Criador, mostra a face oculta de seu poder, destruindo insensível sua própria obra. Acabaram as ilusões. Todo esforço em vão. Não há mais dúvidas sobre o futuro. **É o fim do mundo.**

Fazem sucesso hoje, com campeões de venda, historiadores e filósofos afirmando, sem dúvida alguma, a extinção próxima da espécie humana, o “homo sapiens”. Acabará a saga da civilização, e, se restar vida neste mundo, será irracional. Com o apocalipse deixará de existir a história e a memória da humanidade

Esse é também o momento previsto pelo dogma católico, fé predominante no Brasil.

A grande maioria dos participantes do movimento espírita foi doutrinada pela fé católica na infância. A religião tradicional manda aceitar cegamente seus dogmas. Veja o que ensina o catecismo da igreja:

“A fé é sobrenatural, porque não é exigida pela natureza nem pode ser descoberta só pela razão humana. Mais: nem sequer, depois de conhecida, pode ser plenamente compreendida.”

(A fé católica, “Lumen Christi”)

Diz mais, ainda, para deixar claro o papel daquele que aceita se sujeitar a ela:

“Deus se comunica com o homem, este fica obrigado a aceitar o testemunho divino integralmente, ainda quando não consiga compreender a evidência intrínseca do que Deus revela. Há uma aceitação de sua Inteligência e vontade.”

(Idem, ibidem)

Essa é a definição da fé cega, que não permite questionamentos. Em verdade, duvidar seria causa para a condenação eterna. O crente é submisso, um cativo da fé.

A maioria dos que receberam de família e da educação pelo clero na infância essa determinação, mesmo que não note em si essa condição, **acostuma-se a não pensar no que acredita!** Vai vivendo seu cotidiano, conversa sobre isto ou aquilo, usa a inteligência em sua profissão, em seus afazeres, mas jamais parou para duvidar de sua crença!

É comum entre os frequentadores das casas espíritas, oriundos da igreja, abandonar o medo do inferno, por exemplo. Todavia, esse pavor se transfere para o umbral, novo nome para o castigo divino depois da morte. Troca-se o nome, fica o conceito dogmático. A mesma coisa acontece, e aqui chegamos ao ponto desta conversa, quanto ao dogma do fim do mundo.

O que se aprendeu na igreja sobre esse dogma, o frequentador espírita aplica ao que ouve falar nas palestras e livros sobre a transformação em nosso planeta de “mundo de expiações e provas” em “mundo de regeneração”.

De novo, a palavra da igreja afirma:

“A igreja só se consumará na glória celeste quando, com o gênero humano, também o mundo inteiro, que está intimamente unido ao homem e que, por ele, chega ao seu fim” (Idem)

Alguns desavisados divulgadores do movimento espírita, empolgados com a expectativa de uma grande mudança planetária, repetem as famigeradas predições dos púlpitos, anunciando catástrofes destruidoras iminentes. São profetas, são sim, mas falsos profetas.

O Espiritismo proposto por Allan Kardec segue outro caminho, não há dúvida. Segundo ele, o cenário adequado para compreender os ensinamentos dos espíritos superiores não é aquele da fé sobrenatural, mas uma condição fundamental de nosso tempo que permitiu o surgimento das ciências:

“Não se pede apenas que se tenha fé; desejam-na, hoje sentem sua sede, porque é uma necessidade; querem, porém, uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma exigência da época, à qual, há que aceitar.”

(Revista Espírita de Outubro de 1863 - Reação das Ideias Espiritualistas).

Desde o século XIX o dogma perdeu a força da unanimidade, e repetindo Nelson Rodrigues e não só ele: “toda unanimidade é burra”, pois quem aceita por unanimidade, não precisa pensar.

No cenário cultural vivido pelo professor Rivail, como narramos extensivamente em *Revolução Espírita — a teoria esquecida de Allan Kardec*, todo livre-pensador, fosse materialista ou espiritualista, desejava “discutir sua crença”.

Essa é o meio e a meta do espírita, repito, “discutir a sua crença”.

Não se aceita uma teoria nova antes de constatar as imperfeições da que se aceita, para depois, destacando as vantagens da nova, que bem compreende, mudar sua crença.

Esse esforço, essa tarefa imprescindível de todo aquele que se propõe a reconhecer-se espírita, verdadeiramente, por poucos é empreendida.

A maioria dos frequentadores das casas espíritas, acostumado ao transitar dos credos religiosos, participa dessa proposta como quem mudou de igreja. Passa a frequentá-la sem “discutir sua crença”, necessidade à qual é preciso aceitar para quem vive em nossa época.

Um básico princípio da Doutrina Espírita basta para rever a falsa crença, reconstruir a fé e superar o pavor do fim do mundo.

Vamos a ele: “o espírito, inicialmente simples e ignorante, evolui progressivamente por seu esforço e interesse, desenvolvendo seu livre-arbítrio e sua inteligência”. Basta isso para mudar tudo!

Para rever a crença é preciso lembrar o que se aprende desde criança na igreja:

“Adão, primeiro homem, ao transgredir pela desobediência o mandamento de Deus no paraíso, perdeu imediatamente a santidade e a justiça em que tinha sido constituído, e transmitiu a todo o gênero humano a morte e as penalidades do corpo”

(decreto “Ut fides”, instituiu a 17 Junho 1546 o dogma do pecado original;
Concílio de Trento, “da Contra-Reforma”, realizado de 1545 a 1563)

Preste atenção, discutindo o que antes se aceitava passivamente: o **dogma do clero** afirma que a constituição primeira do gênero humano é santa e justa. Ou seja, o gênero humano foi criado por Deus com as características do mais evoluído dos espíritos: virtuoso, justo, pleno de inteligência e sabedoria. Mas por um único ato de desobediência, perdeu toda essa absoluta capacidade espiritual, caindo na ignorância, sofrimento, submerso no pecado.

Esse dogma chamou-se “**DEGENERAÇÃO DA ALMA**”.

O Espiritismo afirma exatamente o oposto!

A alma tem sua primeira vida humana absolutamente igual a todas as outras, simples e ignorante.

E progride vida após vida, adquirindo livre-arbítrio e inteligência; por seu esforço, interesse e conquista.

Basta esse ensinamento para mudar tudo.

O dogma afirma que Deus criou o ser humano perfeito, e pela desobediência o castigou pela encarnação no mundo.

Desse modo, não há capacidade humana que reverta essa condição de miséria, a purificação só ocorrerá, afirma o clero, quando Deus destruir este mundo e criar outro, perfeito como foi o paraíso.

Imagino, (que você acha?) que se for assim, será fundamental que o criador retire providencialmente a árvore do bem e do mal do jardim das delícias, ou todo mundo ficará tentado de provar a tal fruta!

Evoluindo do simples ao complexo, as mudanças do planeta são fases de um processo evolutivo que, adquirindo virtude e inteligência, a humanidade conquista a liberdade, igualdade e fraternidade; condições de sua felicidade.

Não se trata de profecia, mas de consequência natural da teoria.

Para os espíritos superiores, que observam os diversos mundos, conhecem suas condições em diferentes fases, o Espiritismo não é apenas teoria, mas observação dos factos, constituindo para eles uma ciência.

O que torna o espírita imune do desespero de quem aguarda o fim do mundo é sua **FÉ RACIONAL**, nascida do LIVRE PENSAR.

Não creio porque aceito submisso a fé sobrenatural.

Creio porque compreendo, aceitando uma lei divina racional, benevolente e, diante de minha análise racional, expressão da verdade.

O fim do mundo é exatamente o **fim do mundo velho**, construído pela **fé cega**, para submeter as massas humanas submissas aos desejos da minoria poderosa, mergulhada em privilégios.

Mundo onde todos são escravos. Esse acabará, esteja certo, acabará!

Primeiro livro espírita brasileiro, em 1865, denuncia a corrupção dos políticos: “darei a quem mais me der!” Atualíssimo

Paulo Henrique de Figueiredo 15/09/2017 / ARTIGOS, HISTÓRIA, MORAL E RELIGIÃO



Manuel de Araújo Porto-Alegre

Um brasileiro que amou a sua terra como poucos, **Manuel José de Araújo Porto-Alegre (1806-1879)**, deve e merece ser reconhecido como expoente e pioneiro da história do Espiritismo no Brasil.

Talentoso, lúcido, com uma capacidade fabulosa de compreender nosso povo, nossos problemas e enxergar soluções.

Para ele, depois de estudar profundamente, experimentar a mediunidade, dialogar com Allan Kardec e diversos espíritos, chegou à conclusão de que a Doutrina Espírita se encaixa perfeitamente para a formação de nossa identidade nacional.

Durante o reinado de **Dom Pedro II**, saindo das amarras da colonização portuguesa, o Brasil buscava caminhar por suas próprias pernas, identificar as melhores características de seu caráter como nação. Porto-Alegre estava entre os que se dedicaram a essa missão.

De família simples, alcançou, por seu talento, importantes postos no governo, como arquiteto, pintor, poeta, historiador e diplomata. Carreira brilhante, contribuição inestimável.

Em 1865, porém, vivendo em Dresden, Alemanha, depois de um longo trabalho de estudos e pesquisa sobre o Espiritismo, trocando correspondências com Allan Kardec, percebeu o grande valor dessa revolução para dar uma base sólida ao nosso tão jovem país.

Escreveu, então, para o povo brasileiro, a obra “Revelações - cartas sobre o Espiritismo”, enviada ao Brasil em doze páginas manuscritas, aos cuidados de seu amigo **Joaquim Manuel de Macedo**, professor dos filhos da princesa Isabel.

No entanto, não sabemos o motivo, tal obra permaneceu inédita, mantida no acervo de seus escritos no acervo do Arquivo Nacional do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

A primeira e extraordinária obra espírita brasileira ficou por 150 anos longe de seu público.

Duas coisas chamam a atenção quando nos dedicamos à sua leitura:

o facto de não ser dedicada aos “sábios e felizes na Terra”, mas **“ao povo e para os infelizes, para os que precisam de luz e consolação nesta vida”**.

A segunda coisa está na fidelidade à metodologia científica, ao caráter fundamental e aos princípios adotados por Allan Kardec na elaboração da Doutrina Espírita.

Lembramos que Porto-Alegre pesquisou e escreveu enquanto o Espiritismo estava em plena elaboração na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Toda a obra trata de mediunidade, fundamentos do Espiritismo, **educação e reforma social como meios de evolução humana**.

Mas também lida com os problemas políticos brasileiros, com coerência e profunda lucidez. Disso somente trataremos neste artigo, lembrando que o texto merece inúmeros exames e desenvolvimentos pelos espíritas.

Porto-Alegre, em seu livro Revelações, que reproduzimos na íntegra e com notas explicativas a partir da página 600 da obra Revolução Espírita — a teoria esquecida de Allan Kardec, toca nos problemas sociais e políticos brasileiros, e é atualíssimo quando denuncia a corrupção, o conformismo do povo e a falta de compromisso dos dirigentes com as reais necessidades do país.

Em busca de uma solução, o autor considera a educação intelecto-moral e a confiança na vida futura como fundamentais para tornar o Brasil uma nação autónoma e bem-aventurada. E não poupou palavras para denunciar os abusos da classe dirigente e alertar o povo de que estava sendo enganado! Vejamos:

“Todos os males do Brasil provêm da ambição dos seus guias, do egoísmo da maioria dos homens políticos, e da indolência e credulidade do povo, que é como todos os povos enganados. Raríssimos têm sido os deputados que sacrificaram a sua votação futura à verdade”.

Segundo Porto-Alegre, duas condições estão presentes para o estado de coisas denunciado por ele em 1865 e que ainda hoje é a grande causa do atraso, precárias condições e desvios bilionários: **a ambição dos políticos e a indolência e credulidade do povo!** Importante lucidez.

A corrupção precisa de quem explore e de quem deixa se explorar, essa é a formula real de nossas misérias. Veja como ele analisa o estado das coisas, a forma de pensar que leva ao ambiente corrompido que fornece contingente para as fileiras de vereadores, deputados, senadores envolvidos em tramas, escândalos, encobertos por mentiras e ambições sem limites:

“Os sofismas da ambição e da avareza têm arruinado a boa índole do povo brasileiro, e infundido no seu ânimo ideias e práticas errôneas. Esse desgosto e essas lamentações diárias de tanta gente, não são mais do que a prova da luta da razão contra a imortalidade. Ninguém está contente, todos se acusam e todos se dizem inocentes! Onde estão os culpados? Todos falam do mau fado que persegue as nossas coisas, todos veem as suas obras e ninguém

se anima a combatê-lo! O que quer dizer isto? É que cada qual deseja mais do que merece, porque quem muito deseja é infeliz. É que cada um não cumpre com os seus deveres, e não quer esperar pela hora que lhe compete e pela ocasião oportuna. É que os obreiros da nossa civilização exemplificam o egoísmo, saúdam a prosperidade, corroem a audácia, toleram o egoísmo, e menosprezam todas as virtudes que não temem, ou que lhes não servem”.

Palavras bem escolhidas de um poeta: “Todos se acusam e todos se dizem inocentes! Onde estão os culpados?”. Não é a definição perfeita de nossos dias? De um lado, abundam na imprensa as denúncias de roubos cujo valores surpreendem o mundo, de outro uma classe política e empresarial onde todos se dizem inocentes, indignados pelas acusações infames, honrados que são desde o berço, junto à mamãe.

Porto-Alegre não faz rodeios, vai direto à questão fundamental do problema:

“O povo queixa-se do governo que ele próprio elege, e não cura de puni-lo na ocasião própria, censurando-o e deixando de elegê-lo”.

Não me cansarei de lembrar — trata-se de uma obra de 1865! Quantas gerações de políticos se passaram? Quantos se perpetuaram por reeleições sucessivas até à morte. Quantos filhos, netos, bisnetos, tetranetos continuaram essa saga da infâmia? Sempre tendo o apoio de nosso povo, como diz Porto-Alegre, enganado, indolente e crédulo.

Hoje são os magistrados procuradores os vilões eleitos pelos políticos. Repetem a ladainha: trata-se de perseguição política, estão me acusando injustamente, abusam de seus poderes, somos inocentes defensores da causa pública!

Como se o noticiário dos desvios fosse miragem. Incrível, mas Porto-Alegre toca no assunto:

“Os demandistas queixam-se dos magistrados e não confessam a pressão que sobre eles exercem com empenho, e até com ameaças; nenhum revela a injustiça que requereu e exigiu, e todos os acusam de iniquidades e corrupção, sem se lembrarem de que são eles os corruptores! Pobres magistrados, que devem ser anjos no meio de tantos demónios”.

Direto ao assunto, Porto-Alegre afirma sem meias palavras:

“Todos os males do Brasil provêm da ambição dos seus guias, do egoísmo da maioria dos homens políticos e da indolência e credulidade do povo, que é como todos os povos enganados. Raríssimos têm sido os deputados que sacrificaram a sua votação futura à verdade”.

Vale a pena ler os demais argumentos, as análises cortantes, as denúncias permanentes.

Porto-Alegre, aos sessenta anos, que representam mais pela época mais rude vivida, abre sua mente e revela um povo brasileiro e sua classe política que permanece nas mesmas condições.

Todavia, quando a ferida está exposta para todos, estamos mais próximo da cura, pois nada se esconde, e não adianta tapar e dar de ombros. Quando as evidências não encontram um tapete grande suficiente para esconder a sujeira, nada resta senão recolher com a pá e levar ao lixo, rendendo-se à faxina.

Estamos mais perto disso do que nunca. 150 anos depois.

Porto-Alegre não se furta a dar uma solução, e vem daqui sua genialidade. Como resolver esse estado precário?

Pela educação, afirma o sábio ancião. A mais completa reforma na educação de nosso povo, tirando-o da indolência em que nunca desejou permanecer, afastando a ingenuidade que permite sua manipulação, que desperte sua vontade livre, agindo por seus próprios pés, escolhendo os caminhos, compartilhando os recursos públicos de forma a espalhar o bem-estar para todos, destruindo os privilégios. **Só a educação pode alcançar esse resultado.**

Leve em conta as particularidades da época, e acompanhe o raciocínio lúcido de Porto-Alegre ao anunciar os benefícios do Espiritismo para o Brasil que mal saía das fraldas:

“Não temos cuidado em plantar convenientemente. A educação moral e física, que prepara o homem bom e saudável, está por fazer-se em relação à índole e ao clima.

A da mulher, que é a melhor criatura do Brasil, vai-se estragando em alguns armarinhos literários, chamados colégios, onde nada se aprende, para dar à sociedade filhas modestas e obedientes, esposas fiéis e laboriosas, e mães amorosas e delicadas.

O menino, que há de ser cidadão e cooperar para a grandeza do seu país, gasta o tempo e a memória com coisas inúteis à posição que o espera, deixando de parte os três catecismos essenciais a todo o homem:

o da Religião Cristã, o da Civilidade, e o da Constituição do Império, que o devem melhorar para com Deus, os homens, e a pátria.

Onde está a nossa educação física? Numa ginástica imperfeita ou no manejo das armas? Passemos adiante, porque a não encontramos.

Se eu fosse Ministro havia de cuidar muito seriamente. Uma nação bem-educada física e moralmente, faz em dez anos o que outra faz em um século, porque tem um bom corpo e uma boa alma, a força e a inteligência, que é tudo. Em outra ocasião falarei mais de espaço sobre esta matéria”.

Todos os políticos corruptos, todos os empresários corruptores que viveram pilhando durante os últimos dois séculos o nosso país foram meninos e meninas. Não existe educação moral, nem se cogita disso.

**Não falo da educação moral do catecismo, que deseduca e coloca justamente o jovem na condição de indolência!
Falo da educação moral autónoma que define o ato do dever como ação voluntária, consciente e racional.**

Dever que promove a igualdade, liberdade e fraternidade.

Dever que elege a cooperação e solidariedade fundamentais para as relações sociais.

Dever que tira o indivíduo da indolência, criando tal exigência que nenhum corrupto se reelegerá, nenhum empresário se atreverá a conspirar, e a fortuna dos cofres públicos terá endereço certo para sua aplicação, nas escolas, creches, centros comunitários, saúde, arte, e demais interesses do povo.

Esse tempo chegará, e aí de você que lutou para adiar esse dia.

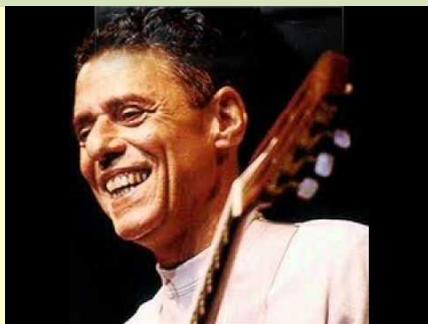
Como disse Chico Buarque:

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.

Você vai ter que ver a manhã renascer e esbanjar poesia.

Como vai se explicar, vendo o céu clarear, de repente, impunemente.

Como vai abafar, nosso coro a cantar, na sua frente!”



Ctrl + clic em cima da foto, ou, com a tecla do lado direito do rato, ordenar “abrir hiperligação” para ouvir a música!....

O Espiritismo não tem filiação, não é confraria, nem associação. É o que afirmou Kardec.

Paulo Henrique de Figueiredo 28/09/2017 - ARTIGOS, CIÊNCIA ESPÍRITA, FILOSOFIA

Para ser espírita é preciso fazer parte de uma sociedade? Participar de reuniões periódicas? Ter-se formado em cursos de habilitação? Carregar um diploma? Vamos ver que nada disso é necessário para ser espírita, como explicou Allan Kardec.

Uma característica importante da autonomia moral, base fundamental da teoria espírita, como pretendemos demonstrar na obra *Revolução Espírita*, está no facto de que, por sua própria definição, deve ser adquirida por um esforço racional a partir de uma iniciativa espontânea e desinteressada. Dessa forma, ninguém se torna moralmente livre se for catequizado ou doutrinado. Também não é possível identificar um indivíduo autónomo e responsável somente por seus atos (sem conhecer as intenções), por meio de um diploma ou insígnia, ou sua participação numa congregação ou confraria.

Mesmo a Sociedade Parisiense, presidida por Kardec, estando:

“...classificada oficialmente entre as sociedades científicas, não é uma confraria nem uma congregação, mas simples reunião de pessoas que se ocupam do estudo de uma ciência nova, que aprofunda;

(Revista Espírita de Junho de 1863, in: *Orçamento do Espiritismo ou Exploração da Credulidade Humana*).”

Quanto às relações entre a Sociedade de Paris e as outras sociedades com as quais se correspondia, havia a mais completa independência:

O laço que as une é, pois, puramente moral, fundamentado na simpatia e na similitude das ideias; entre elas não há nenhuma filiação, nenhuma solidariedade material; a única palavra de ordem é a que deve unir todos os homens: caridade e amor ao próximo, palavra de ordem pacífica e que não deixa margem a dúvidas.

(Revista Espírita, Junho de 1862, Sociedade Parisiense ee Estudos Espíritas discurso do sr. Allan Kardec na abertura do ano social, em 10 de Abril do mesmo ano).

O que faz um espírita, então? Segundo Kardec,

Quem quer que partilhe de nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos e das consequências morais daí decorrentes, é espírita de facto, sem que haja necessidade de estar inscrito num registro ou matrícula, ou de receber um diploma.

(Revista Espírita de Julho de 1864, in: *Comentários de Allan Kardec à “Reclamação do Abade Barricand”*).

Aliás, já dissemos que as sociedades não são uma condição necessária à existência do Espiritismo; algumas se formam hoje e encerram suas atividades amanhã, sem que sua marcha seja entravada no que quer que seja. O Espiritismo é uma questão de fé e de crença, e não de associação.

Mas não pode faltar à essa afirmação compreender que se trata de uma fé racional, uma crença sustentada na razão.

(idem, *ibidem*)

Basta estar de acordo com os princípios fundamentais da doutrina espírita para ser espírita.